

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE ENGENHARIA
MESTRADO EM AMBIENTE CONSTRUÍDO

KARLIANE MASSARI FONSECA

LAZER E CIDADE: a corrida de rua em Juiz de Fora - MG

Juiz de Fora

2017

KARLIANE MASSARI FONSECA

LAZER E CIDADE: a corrida de rua em Juiz de Fora - MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ambiente Construído.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Ferreira Colchete Filho

Juiz de Fora
2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FONSECA, KARLIANE MASSARI.

Lazer e cidade: a corrida de rua em Juiz de Fora -
MG / KARLIANE MASSARI FONSECA. -- 2017.

133 f. : il.

Orientador: Antonio Ferreira Colchete Filho
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade
Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Engenharia.
Programa de Pós Graduação em Ambiente Construído,
2017.

1. Corrida de rua. 2. Espaço urbano. 3. Lazer. 4. Juiz de
Fora. I. Colchete Filho, Antonio Ferreira , orient. II. Título.

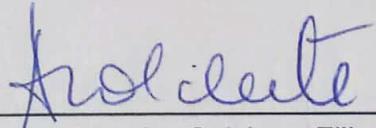
Karliane Massari Fonseca

LAZER E CIDADE: a corrida de rua em Juiz de Fora - MG

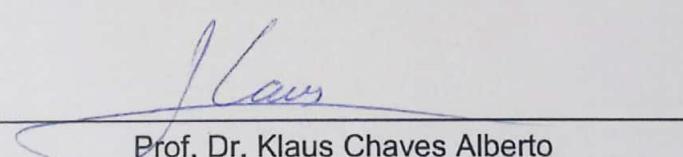
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ambiente Construído.

Aprovada em 22 de dezembro de 2017

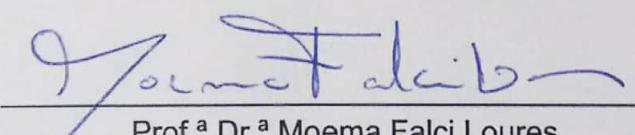
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antonio Ferreira Colchete Filho - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Klaus Chaves Alberto
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof.ª Dr.ª Moema Falcí Loures
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Dedico este trabalho à minha mãe, Karla Massari, e ao meu pai, Paulo de Tarso, com todo amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar a oportunidade de chegar até aqui e sempre me mostrar os passos a serem seguidos. Posteriormente, aos meus pais, que me ajudaram e sempre me apoiaram nessa minha caminhada. Ao meu pai, Paulo de Tarso, por ter me dado toda forma de orientação para chegar aonde eu cheguei e ter me motivado a escolher e me debruçar nesta pesquisa. À minha mãe, Karla Maria, por me acalmar com palavras de sabedoria, sempre me aconselhando a seguir em frente, independente das distâncias vividas. Aos meus irmãos, Társia Nayara e Carlos de Tarso, que me incentivaram a estar aqui hoje e a todo momento me dão apoio emocional.

Aos amigos que me ajudaram de alguma forma durante esta etapa, mais especificamente a Mariana Azevedo, que sempre me dá suporte e conselhos sobre qual caminho trilhar. À minha “família carioca”, que em todos os aspectos me ajudaram estruturalmente e emocionalmente a estar aqui completando este ciclo, em especial o meu namorado Daniell Santos, que me apoiou em todos os momentos e esteve ao meu lado como companheiro, parceiro e amigo.

À Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em conjunto com a CAPES e a FAPEMIG pelo financiamento da pesquisa, auxílio em viagens acadêmicas e apoio pedagógico.

Aos colegas e professores do Programa de pós-graduação em Ambiente Construído (PROAC), por compartilharem seus pensamentos e conhecimentos, os quais só fazem enriquecer ainda mais o desenvolvimento acadêmico do programa de mestrado e estruturaram a produção intelectual dos mestrandos. Em específico a Juliana Varejão e Guilherme Brandão, os quais compartilharam minhas angústias, dúvidas e me deram instruções durante esses dois anos da pesquisa.

Por fim, agradeço ao meu orientador, Antonio Ferreira Colchete Filho, que em conjunto, me ajudou a chegar nesses pensamentos e me deu mais motivação, como praticante da corrida de rua, a compreender esse tema da dissertação e ter uma pesquisa mais aprofundada, bem como estímulo para percorrer a carreira docente e um futuro doutorado.

“A cidade revela-se concretamente através do uso que dá sentido à vida, revelando o conteúdo da prática sócio espacial. É pelo uso (como ato e atividade) que a vida se realiza e é também através do uso que se constroem os “rastros” que dão sentido a ela, construindo os fundamentos que apoiam a construção da identidade revelada como atividade prática capaz de sustentar a memória”.

(CARLOS, 2007, p. 30)

RESUMO

Sob o ponto de vista das transformações contemporâneas que as cidades enfrentam, é necessário compreender as relações entre os espaços públicos e seus usuários, caracterizadas pelas atividades sócioespaciais e pelos seus usos cotidianos. O objetivo desta pesquisa é apresentar o levantamento e a análise da prática da corrida de rua que se dá nos espaços públicos da cidade de Juiz de Fora (MG), mas notadamente em três eventos de corrida de rua, que são: a 70º Corrida da Fogueira (Av. Barão do Rio Branco); a 2ª Corrida Correndo das Drogas (Av. Garcia Rodrigues Paes/ Acesso Norte) e a 1ª Corrida e Caminhada Faefid (Universidade Federal de Juiz de Fora). Através de uma revisão de literatura sobre o tema lazer e, mais precisamente, sobre a corrida de rua como lazer, e observações assistemáticas é possível identificar a dinâmica das características espaciais nos distintos espaços do território urbano analisados, bem como as consequências sociais desses eventos que interferem na promoção da cidade e até mesmo na qualidade de vida dos cidadãos. Conclui-se que a corrida de rua representada, também, como uma entre as mais variadas atividades de lazer, se faz cada vez mais presente nos espaços públicos das cidades, como uma prática que revela direta e indiretamente as questões físicas da paisagem, os fluxos da cidade, os percursos urbanos e, também, as questões mais subjetivas que estão relacionadas com o marketing esportivo, as desigualdades territoriais, as sociabilidades, as políticas públicas e o bem-estar social.

Palavras-chave: Corrida de rua; Espaço urbano; Lazer; Juiz de Fora.

ABSTRACT

Under the city-facing contemporary transformations viewpoint it is necessary to comprehend the relations between public spaces and its users, which can be characterized by the social and spatial activities and daily use. The objective of this research is to present the research and analysis of the street race practice that takes place in the public spaces of the city of Juiz de Fora (MG) – especially in three street running events: the 70° Corrida da Fogueira (Barão do Rio Branco Avenue); the 2^a Corrida Correndo das Drogas (Garcia Rodrigues Paes Avenue/ Acesso Norte) and the 1^a Corrida e Caminhada Faefid (Universidade Federal de Juiz de Fora). Throughout a review of the literature on leisure and, more precisely, on street running as leisure activity and non-systematic observations, it is possible to identify the spatial characteristics dynamics in the different spaces of the urban territory analyzed, as well as the social consequences of these events that interfere with the city's propaganda and even its citizens life quality. It is concluded that the street running also represented as one of the various leisure activities, is increasingly present on the cities' public spaces, as a practice that reveals, directly and indirectly, the landscape's physical issues, the city flow, urban routes and more subjective issues related to sports marketing, territorial inequalities, sociabilities, public policies and social assistance as well.

Keywords: Street running; Urban space; Leisure; Juiz de Fora.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Método de análise da pesquisa.	23
Figura 2 - Análise segundo os aspectos físicos dos eventos de corrida de rua.	24
Figura 3 - Análise segundo os aspectos sociais dos eventos de corrida de rua.	26
Figura 4 - Hierarquização dos corredores de acordo com suas categorias de competição.	45
Figura 5 - Largada da primeira Corrida de São Silvestre em 1925.	47
Figura 6 - Corrida da Fogueira, em junho de 1956.....	62
Figura 7 - Largada da Corrida da Fogueira em 1974.	63
Figura 8 - I Corrida do Lago da Universidade Federal de Juiz de Fora em 1974.....	64
Figura 9 - XII Corrida do Lago da Universidade Federal de Juiz de Fora em 1988...	65
Figura 10 - Prática da caminhada orientada através do programa JF Paralímpico...	66
Figura 11 - Percurso da 70° Corrida da Fogueira.....	73
Figura 12 - 70° Corrida da Fogueira.....	74
Figura 13 - Percurso da 2ª Corrida Correndo das Drogas.....	75
Figura 14 - 2ª Corrida Correndo das Drogas.....	75
Figura 15 - Percurso da 1ª Corrida e Caminhada Faefid.....	76
Figura 16 - 1ª Corrida e Caminhada Faefid.....	77
Figura 17 - Fluxo intenso de veículos na 70° Corrida da Fogueira.....	80
Figura 18 - Mapa de usos no percurso da 70° Corrida da Fogueira.....	80
Figura 19 - Fluxo pequeno de veículos na 2ª Corrida Correndo das Drogas.	81
Figura 20 - Mapa de usos no percurso da 2ª Corrida Correndo das Drogas.....	81
Figura 21 - Estacionamento no local da largada/chegada da 2ª Corrida Correndo das Drogas.....	82
Figura 22 - Fluxo de veículos inexistente na 1ª Corrida e Caminhada Faefid.	82
Figura 23 - Mapa de usos no percurso da 1ª Corrida e Caminhada Faefid.....	83
Figura 24 - Estacionamento presente na 1ª Corrida e Caminhada Faefid.	83
Figura 25 - Corrida Insana em Belo Horizonte (MG), 2017.	88
Figura 26 - Stands presentes na 2ª Corrida Correndo das Drogas.	91
Figura 27 - Stands presentes na 1ª Corrida e Caminhada Faefid.	91
Figura 28 - Cenas das corridas analisadas em Juiz de Fora. (a) 70° Corrida da Fogueira (b) 2ª Corrida Correndo das Drogas; (c) 1ª Corrida e Caminhada Faefid.	104
Figura 29 - Mapa das corridas e as regiões de planejamento da cidade de Juiz de Fora.....	104

Figura 30 - Mapa das corridas e as áreas verdes da cidade de Juiz de Fora.	105
Figura 31 - Mapa hipsométrico das corridas analisadas.	106
Figura 32 - Síntese das análises espaciais e sociais das corridas analisadas.....	113

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipo de pesquisa científica adotada a partir de Prodanov e Freitas (2013) e Lakatos (2003)	22
Quadro 2 - Principais autores dos objetos de estudo.....	28
Quadro 3 - Os três momentos do lazer no Brasil.	38
Quadro 4 - Principais modalidades das corridas.	41
Quadro 5 - Classificação dos eventos de corrida de acordo com os objetivos dos consumidores.	42
Quadro 6 - Tipos de corridas urbanas.....	43
Quadro 7 - Maiores eventos de Corrida de rua de reputação internacional em 2015.	46
Quadro 8 - Características e diferenças do primeiro e segundo <i>running boom</i> da corrida.	54
Quadro 9 - Caracterização dos três tipos de segmento de corredores segundo suas motivações.	58
Quadro 10 - Categorias dos eventos esportivos.	64
Quadro 11 - Número de corredores por sexo em todas as corridas de rua realizadas pela SEL no ano de 2012.....	67
Quadro 12 - Segmentos da indústria da corrida de rua.....	89
Quadro 13 - Caminhos identificados nas corridas analisadas.....	103
Quadro 14 - Resumo das análises das corridas investigadas a partir das categorias de Reiling e Dolders (2015).....	108

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Participação anual na Maratona de Boston e na Corrida Internacional de São Silvestre, entre os anos de 1995 e 2005.....	46
Gráfico 2 - Esportes mais praticados no Brasil.....	48
Gráfico 3 - Esportes favoritos no Brasil.....	49
Gráfico 4 - Evolução das Provas oficializadas na CBAT.....	50
Gráfico 5 - As dez maiores corridas de rua no Brasil em 2016.....	51
Gráfico 6 - Número de participantes masculinos e femininos inscritos na corrida São Silvestre, São Paulo, ao longo dos anos de 1925 e 2010.....	52
Gráfico 7 - Número de concluintes em eventos de corrida de rua nos Estados Unidos entre os anos de 1990 e 2015.....	57
Gráfico 8 - Evolução de atletas cadastrados na Corpore entre os anos de 1994 e 2014.	58
Gráfico 9 - Média de participantes do Ranking de Corridas de Rua entre 2005 e 2012.	67
Gráfico 10 - Distâncias percorridas nos eventos de corrida de rua em Juiz de Fora, 2016.	68
Gráfico 11 - Altimetria do percurso da 70º Corrida da Fogueira.....	78
Gráfico 12 - Altimetria do percurso da 2ª Corrida Correndo das Drogas.....	78
Gráfico 13 - Altimetria do percurso da 1ª Corrida e Caminhada Faefid.....	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBAT	Confederação Brasileira de Atletismo
CND	Conselho Nacional do Desporto
CORPORE	Corredores Paulistas Reunidos
EPT	Esporte Para Todos
Faefid	Faculdade de Educação Física e Desporto
IAAF	International Association of Athletics Federations
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
PCDs	Pessoa com Deficiência
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
SEL	Secretaria de Esporte e Lazer
SETTRA	Secretaria de Transporte e Trânsito
USFSA	Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
WLRA	World Leisure and Recreation Association

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 OBJETO DE ESTUDO, JUSTIFICATIVA, PROBLEMA E HIPÓTESE.....	19
1.2 OBJETIVOS GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS	20
1.3 METODOLOGIA.....	20
1.3.1 Método de análise	22
1.4 ABORDAGEM DA LITERATURA	26
1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	28
2. LAZER HOJE E A CORRIDA DE RUA.....	31
2.1 SIGNIFICADOS DO LAZER.....	31
2.2 LAZER CONTEMPORÂNEO	34
2.3 A CORRIDA DE RUA	39
2.4 O <i>BOOM</i> DA CORRIDA DE RUA NO MEIO URBANO	52
2.5 CORRIDA DE RUA EM JUIZ DE FORA	59
3 RELAÇÕES DA CORRIDA DE RUA COM OS ESPAÇOS PÚBLICOS DE JUIZ DE FORA.....	71
3.1 CONFIGURAÇÕES DAS CORRIDAS	72
3.2 CONFIGURAÇÕES DOS PERCURSOS.....	77
3.3 CONFIGURAÇÕES DO ENTORNO.....	79
4 TRANSFORMAÇÕES NA CIDADE A PARTIR DA CORRIDA DE RUA.....	85
4.1 ASPECTOS ECONÔMICOS.....	86
4.2 ASPECTOS SOCIAIS.....	92
4.3 ASPECTOS POLÍTICOS.....	96
4.4 LAZER E SAÚDE	98
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS: SÍNTeses DOS ASPECTOS ESPACIAIS E SOCIAIS.....	102
5.1 SÍNTese ESPACIAL	102
5.2 SÍNTese SOCIAL	110
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114

REFERÊNCIAS	118
ANEXO A - CATEGORIAS ESPACIAIS QUE INFLUENCIAM O COMPORTAMENTO DOS CORREDORES.....	125
APÊNDICE A - FORMULÁRIO 1.....	126
APÊNDICE B - FORMULÁRIO 2	127
APÊNDICE C - FORMULÁRIO 3.....	128
APÊNDICE D - QUADRO DE RESUMO DOS AUTORES RELEVANTES SOBRE O TEMA 1.....	129
APÊNDICE E - QUADRO DE RESUMO DOS AUTORES RELEVANTES SOBRE O TEMA 2	130
APÊNDICE F - QUADRO DE RESUMO DOS AUTORES RELEVANTES SOBRE O TEMA 3	131
APÊNDICE G - QUADRO DE RESUMO DOS AUTORES RELEVANTES SOBRE O TEMA 4	132
APÊNDICE H - QUADRO DE RESUMO DOS AUTORES RELEVANTES SOBRE O TEMA 5	133

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, desde a implementação da Constituição Democrática em 1988, o lazer é determinado como uma política pública, pois o define como um direito social, assim como a saúde, a alimentação e o transporte, entre outros aspectos que são indispensáveis para a vida do cidadão. Institui, ainda, que "é dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um observados: [...] O poder público incentivará o lazer, como forma de promoção social" (BRASIL, 2016, p. 128). O lazer apresenta, assim, um papel significante, bem como outros critérios da vida social, como algo necessário para a constituição da qualidade de vida e bem estar social:

São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (BRASIL, 2016, p. 18).

Cabe ressaltar que o lazer é fundamental para a sociedade como um direito indispensável na conjuntura de tantos outros. Sob o advento das transformações urbanas, se faz mais que necessária uma compreensão mais aprofundada das mudanças do lazer, que são características na contemporaneidade. Esse entendimento da relevância do lazer para a vitalidade cotidiana se dá através da percepção entre a interlocução que as atividades e os usos têm sobre o espaço urbano, a cidade e o território.

A corrida de rua, como uma das práticas do lazer, seja ela realizada em eventos de competição ou não, é perceptível corriqueiramente na paisagem urbana. A atividade ganha cada vez mais adeptos e é introduzida no planejamento e calendário de eventos das cidades brasileiras, conforme é evidenciado nos estudos e relatórios, os quais destacam o crescimento dessa atividade (SALGADO; CHACON-MIKHAIL, 2006; CORPORE, 2014). Para Maioral (2014), através de uma simples observação nos parques e vias urbanas das cidades será o suficiente para notar o crescente número de praticantes da corrida de rua.

A análise desse *boom* da corrida de rua como uma modalidade de lazer que se insere nos aspectos econômicos, sociais, políticos e espaciais da cidade traz uma discussão sobre os modos de viver contemporâneo e, mais especificamente, sobre como a corrida de rua se integra ao espaço urbano para o usufruto do lazer. Deste

modo cabe destacar que o presente estudo se desenvolve no território urbano, não havendo a pretensão de identificar, diferenciar e justificar a localidade da corrida de rua, sendo ela rural ou urbana, mas sim demonstrar que a corrida é uma atividade cada vez mais presente no espaço urbano e que tem implicações nas suas relações com o território. Assim, a análise se dá, sobretudo, no território urbano, pois é palco das intensas transformações que a globalização produz.

Para Augustin (2002, p. 428, tradução nossa), “o território permite traduzir a ligação primordial do homem e da terra”. Esse aspecto do espaço em conexão com a sociedade é, também, para Harvey (2014), como espaço que permite as configurações de lutas sociais e políticas para os processos capitalistas. Corrêa (2004) corrobora com Harvey nesses aspectos e acrescenta que esse é, também, um espaço que reflete a sociedade no presente e no passado, a partir das suas fragmentações, símbolos e articulações com as relações espaciais e sociais. Por isso o interesse da investigação da prática da corrida de rua, como tradução de um modo de expressão, significados e símbolos no cotidiano da vida urbana.

É interessante ressaltar que a pesquisa encontrou bastante dificuldade em detectar trabalhos e estudos, sobre a corrida de rua, voltados ao campo teórico das ciências sociais aplicadas e mais especificamente à área do ambiente construído. E conforme constata, também, Bastos et al. (2009), na identificação da produção científica sobre corridas de rua no estado de São Paulo, assinala em seus estudos que a área da medicina apresenta uma predominância com relação às pesquisas identificadas. Mesmo observando o crescente desenvolvimento da corrida de rua no mercado econômico no país, é possível afirmar que existe uma ausência de estudos voltados ao campo social da atividade que identifique o seu alcance nos aspectos espaciais e sociais da cidade, o que configura a importância do presente trabalho.

Assim, a corrida apresenta uma relevância na vivência do espaço urbano em forma de lazer, que é caracterizada devido à sua acessibilidade e flexibilidade, pois pode ser praticada por qualquer pessoa e faixa etária, possui baixo custo em relação a vários outros esportes e é realizada em qualquer espaço, ambiente e clima (COSTA, SCALETSKY; FISCHER, 2010; FUZIKI, 2012 apud VARELLA, 2015; MAIORAL, 2014). Waser (1998) acrescenta, ainda, que é uma atividade que não possui jurados, todos estão, de certo modo, na linha de largada em um mesmo nível, em equilíbrio, seja rico ou pobre. Para tanto, a corrida de rua é definida como sendo, de acordo com Maioral (2014), o ato de correr em que o movimento feito possui amplitude e elevação dos joelhos, o qual é diferente da caminhada, pois são movimentos maiores e só utiliza o

corpo, principalmente, os membros inferiores, onde não necessita de nenhum tipo de acessório ou outro meio externo para a sua prática.

Desta maneira, as observações e o estudo feito, aqui, analisam as corridas de rua tanto de competições ou não, pois se constituem como processos na espacialidade do meio urbano, tanto subjetivamente quanto objetivamente, e podem se configurar nas corridas organizadas por eventos esportivos, grupos de caminhadas como lazer ou mesmo treinos de corridas nos espaços públicos das cidades. Mas vale salientar que a pesquisa utiliza análises mais precisas a partir dos eventos de corrida que se realizam na cidade, visto que foi identificado que a corrida de rua como competição possui dados quantitativos mais acessíveis se comparado com as corridas que se caracterizam por não serem competitivas, pois a primeira faz parte de processos mais formais para a sua ocorrência e assim obtém uma maior precisão dos fatos.

1.1 OBJETO DE ESTUDO, JUSTIFICATIVA, PROBLEMA E HIPÓTESE.

O estudo da relação da corrida de rua com o espaço público nasce de duas razões: a primeira através de uma justificativa mais objetiva e a segunda através de uma motivação pessoal. A justificativa nasce do esforço em interpretar essa interlocução com o progressivo florescimento de praticantes de corrida de rua no espaço urbano das cidades, tanto na esfera nacional quanto internacional, com a dinâmica do território urbano. No interesse em compreender o espaço urbano e, mais recentemente, a transformação do espaço urbano através de outras perspectivas (e que aqui se dá por meio do lazer), ou seja, perceber o espaço em sua concretude e revelar suas questões postas cotidianamente mediante os agentes dos espaços públicos, dos usuários, do tempo e do próprio espaço.

Já a motivação pessoal surge a partir de uma afeição familiar em ver meus pais, avó e, principalmente, meu pai, com um prazer, um contentamento que só quem pratica exercícios físicos sabe do que se trata. É a felicidade em poder se superar, na harmonia em poder completar seus objetivos, em estar bem de corpo e alma, em poder fazer aquilo que dá prazer e ainda obter qualidade de vida. Essa sensação manifesta-se, também, em variados esportes em que o usuário se dedica a fazer e obtêm esses mesmos sentimentos de satisfação pessoal.

No caso do meu pai, participei dando suporte em sua corrida de 50 km, quando completou 50 anos de idade no ano de 2014. A família e amigos ajudaram-no a

completar esse desafio imposto por ele mesmo e percebi o quanto uma prática esportiva leva indivíduos a enfrentar seus medos, dores, angústias, superação física etc. para superar seus limites. Assim, a corrida de rua veio despertar ainda mais meu interesse nos estudos sobre espaço público, visto que ela se desenvolve constantemente dentro dos espaços da cidade e desperta trocas, às vezes despercebidas, no imaginário dos praticantes.

Desta maneira, o problema levantado é: como se constitui a identificação das manifestações da prática da corrida de rua nos espaços públicos da cidade de Juiz de Fora sobre a ótica dos estudos em ambiente construído?

A hipótese que visa responder tal problema busca mostrar a relação da prática da corrida de rua com a cidade, através dos aspectos espaciais e sociais que estão apoiados nas questões: paisagísticas, urbanísticas e arquiteturais.

1.2 OBJETIVOS GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar as transformações do lazer contemporâneo e sua relação com a corrida de rua nas cidades, bem como seus reflexos nos espaços públicos e na paisagem urbana da cidade de Juiz de Fora. Sendo assim, os objetivos específicos se configuram em:

- Investigar o lazer contemporâneo e mais especificamente a corrida de rua como lazer;
- Analisar espacialmente a relação entre a corrida de rua e os espaços públicos da cidade de Juiz de Fora;
- Analisar a relação entre a corrida de rua e os consequentes aspectos sociais manifestados.

1.3 METODOLOGIA

A partir dos processos metodológicos indicados por Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa utiliza métodos para a investigação (quadro 1), o qual retrata as características da pesquisa a ser seguida. Segundo sua natureza, a pesquisa é básica, pois pretende gerar novos conhecimentos sem uma aplicação prática. De acordo com os objetivos da pesquisa, ela pretende ser exploratória em um primeiro momento, visto que proporciona mais informações sobre determinado assunto e se baseia em uma

espécie de pesquisa bibliográfica. Mas, em um segundo momento, a pesquisa passa a ser descritiva, já que apresenta e descreve as relações entre os elementos da corrida de rua com os aspectos espaciais e sociais. A pesquisa descritiva segundo Gil (2002, p.42), “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Sobre a forma de abordagem, a pesquisa é qualitativa, porque visa descrever os fatos e qualificá-los, interpretando de um modo mais subjetivo o objeto da pesquisa.

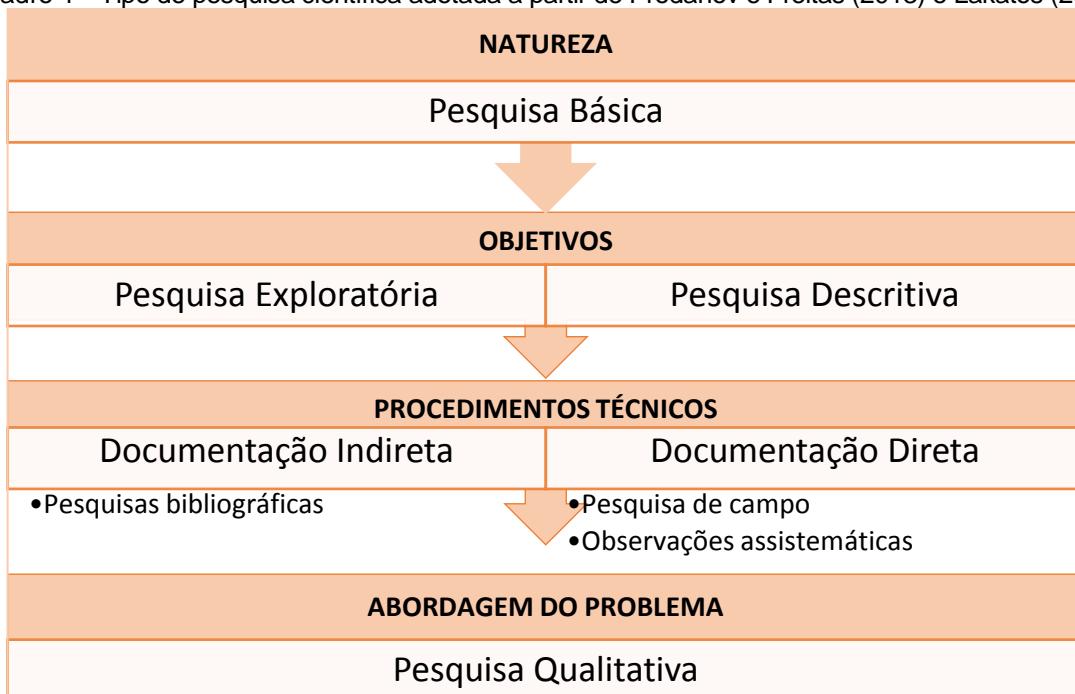
Os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenómenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social. Contrapõem-se, assim, à incapacidade da estatística de dar conta dos fenómenos complexos e da singularidade dos fenómenos que não podem ser identificados através de questionários padronizados. (GOLDENBERG, 2004, p. 49).

Os procedimentos técnicos utilizados foram, conforme Lakatos (2003), documentação indireta através de pesquisas bibliográficas e documentação direta com pesquisa de campo e observações assistemáticas. A partir da pesquisa bibliográfica fez-se um levantamento dos autores relacionados ao tema para se chegar a um referencial teórico conciso. Segundo as observações assistemáticas e de campo, constataram-se os fatos e fenômenos relacionados à corrida de rua a partir da ida a campo nos eventos de corrida, através de uma descrição e análise menos formal, mas consoante à fidelização dos acontecimentos e estruturas observados.

A técnica da observação não estruturada ou assistemática, também denominada espontânea, informal, ordinária, simples, livre, ocasional e acidental, consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas. É mais empregada em estudos exploratórios e não tem planejamento e controle previamente elaborados. (LAKATOS, 2003, p.192).

Dessa forma, a pesquisa permeou os campos da Arquitetura e Urbanismo, Educação Física, Marketing, Geografia e Turismo como base para as suas investigações e análises. A partir de fontes secundárias foram feitas coletas de dados em instituições relacionadas com a Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF), Confederação Brasileira de Atletismo (CBAT), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Corpore, entre outros como sites e blogs, que compartilham de informações mais recentes sobre os aspectos da corrida de rua.

Quadro 1 - Tipo de pesquisa científica adotada a partir de Prodanov e Freitas (2013) e Lakatos (2003).



Fonte: Elaborado pela autora.

Sendo assim, a pesquisa utilizou como guia algumas ferramentas e ações que são: levantamento bibliográfico; identificação da atividade no território (quantificar e qualificar); configuração *in-loco* (registro da atividade) a partir da aplicação de um roteiro de observação; elaboração de mapas através do aplicativo Strava, das bases QGIS e Google Earth e observação e levantamento de dados.

1.3.1 Método de análise

De acordo com o tema da pesquisa foi feito uma análise (figura 1) a partir da relação entre os locais de realizações dos eventos de corrida de rua (espaço público), a corrida de rua (atividade) e o praticante/espectador (sociedade), já que para Carlos (2007), essas três perspectivas são categorias de análise do cotidiano, em que a cidade se configura segundo sua prática sócioespacial, revelando as apropriações do espaço e a vida na cidade. Assim, o espaço público e, consequentemente, a paisagem que o engloba, fazem parte também da análise do presente trabalho, onde se manifestam como o meio e o produto da ação humana através de seus usos, que aqui é representado pela corrida de rua. Esse aspecto da abordagem é uma espécie de mecanismo para diagnosticar a pesquisa e chegar aos objetivos propostos anteriormente.

Figura 1 - Método de análise da pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

A partir dessa metodologia que relaciona esses três objetos de estudo, a pesquisa utiliza, segundo a síntese de abordagem de Torres (2016), duas formas de análise. Primeiramente, uma análise espacial, que se configura sobre uma forma mais qualitativa do espaço físico e, por isso, tem um aspecto mais formal. A segunda é uma análise social, que se manifesta sobre um aspecto mais subjetivo, por se tratar de uma qualificação das questões relativas à sociedade e seu meio. Estas duas abordagens estão consideradas nos capítulos 3 e 4, respectivamente.

O capítulo 3 se constitui na análise espacial e faz um diagnóstico da paisagem segundo seus aspectos físicos (figura 2), que tem como instrumento a revisão de literatura e o roteiro de observação para análise de campo. Esses roteiros foram aplicados nos eventos de corrida de rua na cidade de Juiz de Fora, MG, e buscam identificar três aspectos importantes para compreensão desses eventos no espaço urbano, que são: as configurações das corridas, as configurações dos percursos explorados e as configurações do entorno envolvido. Esses três aspectos analisados são revelados como tradução do diagnóstico feito por Le Berre (1994) para compreensão do território através de três pontos de vistas que são: físico, como observação da materialidade; o existencial, com a identificação do espaço e a sociedade; e o organizacional, que é definido pelos comportamentos territoriais dos atores urbanos.

Através da pesquisa feita por Reiling e Dolders (2015), que identifica o desenho de uma cidade para corredores de rua em Amsterdam, é possível detectar alguns aspectos do ambiente construído que interferem nessa relação dos praticantes

de corrida de rua com o seu meio, que estão inseridos, aqui, na síntese espacial dos percurso da corrida. Segundo os autores existem certos requisitos espaciais que influenciam no comportamento dos corredores, que são: “*scene, nuisance, guidance, surface, safety, conditions*” (REILING; DOLDERS, 2015, p. 64), que se traduzem, respectivamente, em: cena, incômodo, orientação, superfície, segurança e condições (ANEXO A).

Figura 2 - Análise segundo os aspectos físicos dos eventos de corrida de rua.



Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, conforme os roteiros de observação utilizados foram feitos três formulários. O formulário 1 retrata as configurações da corrida (APÊNDICE A), que comprehende as características a respeito do evento em si, como forma de tentar entender sua magnitude e relação com o usuário. Nele foram apreendidas algumas informações como: distâncias percorridas; modalidades (público alvo); período ocorrido; temperatura ambiente; pontos de distribuição de água, banheiros e posto médicos e sinalizações presentes.

O formulário 2, revela as configurações dos percursos da corrida (APÊNDICE B). Nele é apontada a relação da corrida com a paisagem e a cidade e são indicados os aspectos da topografia; vegetação; presença de rios ou lagos; conformidade das calçadas; pista percorrida e existência de limites/controle, como muros, grades e canteiros.

Já o formulário 3, aponta as configurações do entorno (APÊNDICE C). Este é aplicado sobre uma escala mais ampla e apresenta as características da infraestrutura das adjacências da corrida, evidenciando a influência que o evento tem sobre a gestão e o planejamento dos espaços urbanos, que foram destacados: o tráfego, com seus fluxos viários; as edificações e a acessibilidade, com pontos de ônibus, táxis e estacionamentos.

O capítulo 4 corresponde ao diagnóstico social (figura 3) e analisa os efeitos da corrida de rua relacionados aos aspectos sociais, econômicos, políticos e de lazer e para a saúde, que são resultados dessa análise espacial e revisão bibliográfica levantada, onde foram destacados alguns subtemas que tiveram grande relevância na investigação. Esses subtemas se delineiam no decurso deste trabalho e buscam ancoragem em um tema principal que é o Lazer, e se caracterizam em: sociologia; Brasil; política; cidade e marketing e eventos esportivos. Assim, durante o trabalho, a pesquisa procurou encontrar relações com cada subtema levantado e que possuem fortes rebatimentos no espaço urbano. Os subtemas apontados estão referenciados de acordo com as principais produções associadas (APÊNDICE D, APÊNDICE E, APÊNDICE F, APÊNDICE G e APÊNDICE H).

Figura 3 - Análise segundo os aspectos sociais dos eventos de corrida de rua.



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir desta fundamentação e de acordo com o recorte temporal da pesquisa, a análise feita comprehende os anos da década de 1970, onde a corrida começa a ter grande relevância nas práticas urbanas, e em 2017, por se tratar de um estudo das práticas de lazer contemporâneo e, mais profundamente, da corrida de rua como lazer. Como recorte espacial, a pesquisa é definida na cidade de Juiz de Fora, MG, onde foram analisados, com mais profundidade, três eventos de corrida em diferentes localidades, que são: a 70º Corrida da Fogueira (Av. Barão do Rio Branco); a 2ª Corrida Correndo das Drogas (Av. Garcia Rodrigues Paes); e a 1ª Corrida e Caminhada Faefid (Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF).

A partir de uma pesquisa sistemática foi identificado que a maioria dos estudos com esse tema tem uma abordagem voltada para o campo da saúde, tanto nacionalmente como internacionalmente. Os estudos encontrados que possuem uma abordagem para o campo do território urbano estão apresentados no decurso deste trabalho, onde é perceptível, ao contrário das pesquisas embrionárias no meio nacional, a identificação de estudos mais consistentes no exterior relacionados com o tema da corrida de rua, ainda que se apresentem, também, em pequena quantidade.

1.4 ABORDAGEM DA LITERATURA

Segundo a metodologia utilizada e a divisão de análise do trabalho entre espaço público, atividade e sociedade, foram investigados autores referentes aos campos abordados para uma melhor compreensão da pesquisa (quadro 2). Os

principais autores utilizados correspondem aos trabalhos que diz respeito à atividade corrida de rua, que estão caracterizados em Torres (2016), Maioral (2014) e Dallari (2009), os quais apresentam um breve histórico da corrida de rua e possuem uma possível compreensão da atividade no espaço urbano, mesmo apresentando enfoques diferentes.

O trabalho de Torres (2016) apresenta, a partir das narrativas cartográficas, a paisagem urbana evidenciada pelas corridas de rua, onde é possível apreender através de seu percurso metodológico e de sua análise a caracterização espacial utilizada dos diversos caminhos abordados, que são: vegetados, hídricos, viários, fechados, verticais e edificados. Já no trabalho feito por Maioral (2014), levou-se em consideração os aspectos que influenciam os praticantes no processo de participação de eventos de corrida de rua, bem como as classificações e detalhamentos da própria atividade. Através dos estudos de Dallari (2009), com a Corrida Internacional de São Silvestre, identifica-se a corrida de rua como um fenômeno sociocultural contemporâneo e que são apontados segundo sua identidade, corpo, saúde, relações pessoais, feminismo, globalização, urbanização, tecnologia e empreendedorismo.

Em relação ao espaço público/paisagens foram utilizados os autores Augustin (1997, 2002), Reiling e Dolders (2015) e Torres (2016), que apresentam abordagens espaciais e categorias de análises, que foram bastante úteis para a compreensão dos locais de realização dos eventos de corrida de rua. Através dos trabalhos de Augustin (1997, 2002) sobre os territórios incertos dos esportes, é possível apreender a importância e a necessidade do planejamento urbano para a geografia dos esportes, bem como a identificação desses espaços como instrumentos para a organização territorial e como espetáculos do cotidiano das cidades. A partir de Reiling e Dolders (2015), foram extraídas as categorias de análises do ambiente construído que interferem no comportamento das corridas de rua, que possibilitam outras formas de desenho para esses espaços.

E, por fim, de acordo com Torres (2016), foram sintetizados os delineadores do percurso da corrida, que integram os aspectos da paisagem/estética e a topografia das corridas de rua em Juiz de Fora, que são: as edificações; as vias; as pistas/ciclovias; os canteiros; a vegetação/arborização; a água e os muros/grades. A partir do auxílio desses autores, será possível detectar os padrões de localização das corridas, suas influências nos espaços públicos e planejamento da cidade, bem como sua correspondência com os aspectos socioespaciais.

Para a compreensão sobre a sociedade, que diz respeito aos corredores, praticantes e usuários dessas atividades, que são partes integrantes do objeto de análise, foram utilizados os autores Waser (1998), Salgado e Chacon-Mikahil (2006) e Blin (2012), pois apresentam um olhar sobre como se organiza socialmente a prática da atividade de corrida de rua, bem como a relação dos usuários com essa atividade, apontando as motivações, os interesses e as interações, que se relacionam com as dinâmicas econômico-sociais do espaço urbano.

Quadro 2 - Principais autores dos objetos de estudo.

Corrida de rua (atividade)	Eventos de corrida de rua (espaço público/ paisagem)	Corredores/especta dores (sociedade)
DALLARI (2009)	AUGUSTIN (1997; 2002)	WASER (1998)
MAIORAL (2014)	REILING; DOLDERS (2015)	SALGADO; CHACON-MIKAHIL (2006)
TORRES (2016)	TORRES (2016)	BLIN (2012)

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

O trabalho estrutura-se em seis capítulos. O capítulo 1 caracteriza-se pela introdução e escopo do trabalho, que parte, primeiramente, com a justificativa, o problema e a hipótese a serem estudadas. Depois, parte-se para os objetivos gerais da pesquisa e seus respectivos objetivos específicos, os quais são a base de toda a investigação dos resultados da pesquisa. A seguir, temos a metodologia utilizada para alcançar os objetivos determinados anteriormente, com a abordagem da literatura e os principais autores utilizados para aplicação da metodologia e, por último, a estrutura da dissertação.

O capítulo 2, “Lazer hoje e a corrida de rua”, pretende esclarecer e explicar os conceitos e significados do lazer contemporâneo e, mais especificamente, a corrida de rua como lazer, que se dá através de revisão de literatura e análises sobre a corrida de rua no campo internacional e nacional, bem como sua abundante ocorrência nas cidades atualmente e, em seguida, seu surgimento na cidade de Juiz de Fora.

Após essa explanação e análises feitas, o capítulo 3, “Relações da corrida de rua com os espaços públicos de Juiz de Fora”, introduz e observa a relação da corrida de rua na cidade de Juiz de Fora tanto nos aspectos estéticos quanto na topografia e localização, os quais delineiam a paisagem urbana da cidade através das configurações das corridas, dos percursos e do entorno dos eventos de corrida de rua analisados.

O capítulo 4, “Transformações na cidade a partir da corrida de rua”, faz uma abordagem menos rígida e analisa as questões geradas pela corrida de rua nos espaços públicos da cidade, através das perspectivas econômicas, políticas, sociais e lazer e saúde, que são consequências sociais da prática esportiva nos espaços públicos das cidades.

Já o capítulo 5 se constrói a partir da síntese espacial e social analisada nos capítulos 3 e 4, respectivamente, e revela as características implícitas e explícitas no espaço público da cidade de Juiz de Fora, como forma de compor o cenário da dinâmica da corrida de rua no território urbano.

Por fim, o capítulo 6, que se apresenta como sendo as considerações finais, aponta a corrida de rua como prática cotidiana de lazer e, que por isso, interfere no espaço urbano das cidades, mais notadamente na cidade de Juiz de Fora, onde evidencia as transformações urbanas e o imaginário dos usuários.



LAZER HOJE E A CORRIDA DE RUA

2. LAZER HOJE E A CORRIDA DE RUA

Esse capítulo define os principais conceitos trabalhados na pesquisa referentes ao lazer e seus aspectos no espaço urbano para compreensão inicial da prática da corrida de rua nas cidades e sua relação com a paisagem urbana. Ele engloba, primeiramente, a introdução das concepções sobre o lazer em o “Significado do lazer” e tem seus desdobramentos no “Lazer contemporâneo”. Depois define a “Corrida de rua” a partir de uma perspectiva internacional e nacional. Posteriormente, tem-se “O boom da corrida de rua no meio urbano”, que se caracteriza pelo seu crescimento e, por último, é apresentado “A corrida de rua em Juiz de Fora”, onde é retratada a atividade no território local, que representa o recorte espacial do presente trabalho, mencionado anteriormente.

2.1 SIGNIFICADOS DO LAZER

O termo lazer, de acordo D'Almeida e Lacerda (1859 apud GOMES, 2004), é apresentado segundo duas formas, que são: "lazer" e "lezêr", os quais são derivados do francês "loisir", tendo o primeiro termo o significado de vagar, comodidade, espaço e o segundo é considerado descanso, folga, vagar. Para o nosso dicionário de língua portuguesa atual, o termo lazer significa tempo de que se dispõe livremente para repouso ou distração (LAZER, 2017) e é “marcada por um sentimento de liberdade (mesmo que seja apenas imaginada), impulsionada pela busca de satisfação e pelo desfrute do momento vivido” (GOMES; PINTO, 2009, p. 40). Desta maneira percebemos a mudança de significados que a palavra sofreu com o decorrer dos séculos e que tem enorme relação com as transformações que o próprio lazer sofreu ao longo dos anos, de acordo com o desenvolvimento urbano e as mudanças acontecidas na sociedade.

É certo que o lazer tem origens pré-históricas, assim como defendem vários outros autores que caracterizam a atividade nos tempos de repouso, na contemplação do tempo, numa ideia mais flexível do que se possa imaginar hoje. Mas, de acordo com Dumazedier (1979), o lazer se tornou relevante a partir da contradição entre o trabalho e o tempo livre com o advindo da Revolução Industrial.

Nas sociedades pré-industriais do período histórico, o lazer não existe tampouco. O trabalho inscreve-se nos ciclos naturais das

estações e dos dias; é intenso durante a boa estação, e esmorece durante a má. Seu ritmo é natural, ele é cortado por pausas, cantos, jogos e cerimônias. Em geral se confunde com a atividade do dia: da aurora ao pôr-do-sol. Entre trabalho e repouso o corte não é nítido. (DUMAZEDIER, 1979, p. 26).

E para Marcelino (2006), existem duas correntes sobre a origem do lazer, em que abordam, primeiramente, a existência do lazer sempre presente na sociedade e, a segunda, que retrata a necessidade do lazer a partir da sociedade moderna, reafirmando, também, a teoria de Dumazedier, com o lazer presente nessa relação mútua com o trabalho a partir da industrialização. Essa segunda abordagem de Marcelino faz-se mais interessante e necessária para a compreensão do lazer hoje, pois apresenta um enfoque mais preciso nas mudanças do lazer para a sociedade contemporânea.

Na sociedade moderna, marcadamente urbana, a industrialização acentuou a divisão do trabalho, que se torna cada vez mais especializado e fragmentado, obedecendo ao ritmo da máquina e a um tempo mecânico, afastando os indivíduos da convivência nos grupos primários e despersonalizando as relações. As pessoas passam a fazer parte de grupos variados, sem ligações uns com os outros. Caracteriza-se o “binômio” trabalho/lazer, e as ações se desenvolvem como na gravação de um filme, onde os “atores” participam de cenas estanques sem conhecer a história de seus personagens, cenas essas frequentemente interrompidas para serem retomadas em sequências totalmente diferenciadas. (MARCELINO, 2006, p. 55).

Desta maneira, o lazer como conhecido atualmente surgiu a partir das mudanças de significado e representação perante a sociedade, onde ele deixa de ser configurado nas festas e jogos organizados pelas autoridades religiosas e passa a ser compreendido como um desfrute de bailes, esportes e até a televisão, em meados da década de 1920 (VARAGNAC, 1948 apud DUMAZEDIER, 1979). E tem seu perfil transformado, mais rapidamente quando a indústria toma o papel na cidade e o indivíduo se torna uma massa consumidora. Diante disso, o lazer passa a possuir uma forte presença no cotidiano da sociedade e, principalmente hoje, justamente porque aglutina a importância das conquistas feitas pelos trabalhadores no século XIX, com a diminuição da hora de trabalho e como consequência o aumento da duração do tempo livre, característica essencial para a efetivação do lazer.

Outro aspecto que contribui para o aumento do tempo livre, ao longo desses anos, e que tem por efeito, o crescimento do lazer, surgiu a partir da evolução técnico científica, a qual corroborou com o avanço dos equipamentos domésticos e com isso favoreceu a diminuição do trabalho doméstico. Essa consequência do aperfeiçoamento técnico científico dá largada à presença feminina nas práticas de lazer e seu papel começa, também, a ser transformado perante a sociedade. Por isso a importância dos estudos das atividades socioespaciais para a compreensão do espaço urbano e seus rebatimentos nas cidades.

J. Fourastié trouxe à luz a diferença de duração do trabalho doméstico decorrente da desigualdade de equipamento técnico das casas. A enquete do orçamento-tempo de A. Szalai permitiu calcular a economia de tempo que a dona de casa americana, em idêntica situação social, realiza, graças ao equipamento superior dos lares em relação a outros países menos ricos. (DUMAZEDIER, 1979, p. 55).

E é nesse aspecto que o lazer renasce como algo característico e intrínseco ao indivíduo, onde o homem passa a decidir sobre os seus desejos e escolhas. O lazer passa a não ser mais circunscrito por particularidades exteriores como as implicações religiosas e políticas, mas algo que vai além dos seus interesses. É através desses aspectos que o cidadão constitui variados meios de lazer que vão desde uma festa, bar, até uma simples caminhada durante o dia, por meio de uma inclinação àquilo que lhe dá prazer e contentamento em fazer. É assim, que surge um “novo valor social da pessoa que se traduz por um novo direito social, o direito de dispor de um tempo cuja finalidade é, antes, a autossatisfação” (DUMAZEDIER, 1979, p. 92).

Mas nem todo mundo pensa dessa maneira e há quem diga que o lazer não se trata somente de uma vontade própria de escolha do que fazer em seu tempo livre, mas de uma escolha, novamente, exteriorizada e que foi transformada com a Revolução Industrial pelo consumo de massa e o poder econômico, o qual pode ser chamado de “lazer alienado”, em que é retratado a partir das ideias de alguns filósofos. Segundo Dumazedier (1979, p. 92), o “lazer seria uma alienação, uma ilusão de livre satisfação das necessidades do indivíduo, porquanto estas necessidades são criadas, manipuladas pelas forças econômicas da produção e do consumo de massa”.

A partir dessas concepções sobre a identificação das mudanças ocorridas no lazer é possível apreender que a partir da industrialização a sociedade como todo tem um novo paradigma a sua volta e que até os dias de hoje o poder econômico capitalista

tem soberania em nossos sistemas econômicos, sociais e culturais. Mas algumas incertezas são postas perante essa mudança de sistema, principalmente hoje com a globalização, que interfere todas as atividades e usos cotidianos nas cidades, retratado adiante.

2.2 LAZER CONTEMPORÂNEO

Hoje as cidades vivem uma transformação sem precedentes e se modificam cotidianamente a partir da globalização. Segundo Ascher (2010), as cidades vivem uma metapolização urbana, ou seja, elas sofrem um duplo processo de transformação de metropolização. Essas transformações geram múltiplas consequências para o meio urbano, social e econômico das cidades. São transformações que caracterizam a sociedade hipertexto, onde existe uma pluralidade de funções, heterogeneidades sociais em que o individualismo se torna cada vez mais presente e, uma economia de massa, alicerçada nos padrões, nos grupos sociais que compartilham de tal ideologia para o consumo no mercado, desenvolvidas pelas tecnologias de informação e comunicação. Essa característica pode ser representada pela diversidade de modalidades de corridas de rua, pelos grupos de treino, as caminhadas, o corredor em si, as equipes semiprofissionais e profissionais e toda uma sorte de “tribos”, se é que podemos assim chamar, que constroem e estruturam o cenário da corrida de rua hoje.

Desta forma, “a vida das cidades passa a contar com novos valores éticos, estimulados pela comunicação social e pela reformatação dos espaços urbanos.” (MAIA; FREITAS, 2004, p. 106), em que o lazer, também, absorve esses valores, que são característicos da contemporaneidade, sendo um verdadeiro desafio tentar compreendê-lo, assim como o entendimento da complexidade das cidades atualmente.

Nosso grande desafio reside, portanto, em observar o lazer inserido nessa dinâmica, visando apanhar tanto as tendências predominantes como as suas singularidades mais marcantes, o que implica em percebê-lo como expressão do contraditório, sempre determinado pelo jogo das forças sociais, fenômeno que envolve não só a alegria do lúdico, a fruição, a fantasia, o prazer estético e a experiência criativa, mas, também, a satisfação imediata, a utilidade prática, o lucro e a alienação. (MASCARENHAS, 2003, p. 122).

Deste modo, é de extrema “importância a análise sobre a sociedade de consumo e sua cultura no território urbano para tentar conceber o lazer nessa era da

globalização” (MASCARENHAS, 2003), o que Ascher (2010) colocaria como a sociedade de “n” dimensões e territórios que mudam de tamanho e de natureza, conforme as práticas e as mobilidades individuais.

É bem verdade que a prática do lazer nunca foi interrompida, mas transformada tal como todas as outras atividades da sociedade. As pessoas continuam a utilizar seu tempo livre da sua maneira, mas o que diferencia o hoje do ontem são a variedade e a diversidade que encontramos nos meios de lazer: seja ele uma partida de futebol no campinho perto de casa ou no vídeo game, no computador, no celular, etc. É uma infinidade de recursos que o indivíduo usufrui para a constituição do seu próprio lazer e que se transforma a uma velocidade sem precedentes a partir do aparecimento de um novo aparelho ou equipamento com a mais nova tecnologia a ser utilizado. Para Gomes e Pinto (2009, p. 40), o lazer hoje possui sentidos diversificados que são caracterizados pelo: “descanso, folga, férias, repouso, desocupação, distração, passatempo, hobby, diversão, entretenimento, tempo livre”.

Esse lazer contemporâneo, “hipercodificado”, que evolui junto aos processos e transformações sociais e urbanos, é reproduzido através da indústria cultural. Segundo Marcelino (2006), o lazer mais recente está ligado às manifestações de massa, ao ar livre e ao conteúdo recreativo.

Combinando a descontinuidade, a fragmentação e o simulacro, o modo de vestir-se, informar-se, entreter-se, divertir-se ou ocupar o tempo livre, de indivíduos e coletividades, bem como a maneira como pensam seus problemas, são indícios de uma cultura-mundo em formação, capturando, moldando aqui, ali e acolá, a “matéria-prima” da sociedade de consumo, ou seja, a própria subjetividade reificada. (MASCARENHAS, 2003, p. 139).

Essa mercantilização de todas as formas e em todos os sentidos que se encontra no nosso dia a dia se deve ao fato da construção dessa economia de massa que é acentuada pela mídia e a indústria cultural. Essa caracterização, para Requixa (1977, p. 42), se dá através dos “meios de comunicação de massa, a industrialização e a urbanização, que uniformizam os comportamentos no lazer como elemento cultural de uma sociedade de massa, que se estandardiza culturalmente”. Não havendo, portanto, uma vontade própria do indivíduo em ter determinado lazer, mas, sobretudo, uma vontade herdada pelos meios de comunicação de massa, que imprimem nos indivíduos os seus desejos.

Ao contrário, a observação sociológica revela que o lazer não corresponde apenas às necessidades autênticas da pessoa. Tais necessidades estão evidentemente em interação permanente com as condições subjetivas e objetivas que as favorecem ou as contrariam... São as do mercado econômico que as padronizam, tradições éticas que as censuram ou as canalizam, políticas que tentam manipulá-las, em função de objetivos muitas vezes estranhos às aspirações de livre expressão e comunicação da personalidade. (DUMAZEDIER, 1979, p. 58).

Para Rolnik (2000), existem duas formas de pensar o lazer nessa contemporaneidade, a primeira forma reafirma a ideia do lazer alienado de Dumazedier, em que o lazer é retratado como objeto de consumo e de prazer e os espaços urbanos são configurados, somente, como locais de acesso para determinado lugar que o indivíduo vai em busca desse prazer. A segunda ideia revela o lazer encarnado na cidade, que para a autora é o lazer que as sociedades e as cidades demandam, pois os espaços são concebidos para as socializações dos indivíduos e remetem à verdadeira qualidade de vida.

De acordo com Marcelino (2006), o lazer está classificado em seis áreas fundamentais, que são os interesses artísticos, os intelectuais, os físicos, os manuais, os turísticos e os sociais. O presente trabalho se insere na esfera do lazer físico, que engloba “as práticas esportivas, os passeios, a pesca, a ginástica e todas as atividades onde prevalece o movimento ou o exercício físico, incluindo as diversas modalidades esportivas” (MARCELINO, 2006, p. 18). Assim, o esporte é um tipo de lazer com o qual nem todos se identificam, mas que, atualmente, é “um dos principais produtos da indústria cultural, um dos mais procurados e acessados nos momentos de lazer”. (MELO, 2004, p. 80).

Segundo Augustin (1997), esse crescimento voltado para o campo dos esportes, e principalmente os esportes ao ar livre, se deve ao fato da necessidade que o indivíduo tem de se expressar e de se destacar em algum aspecto particular na sociedade, sendo vistos a partir da hibridização dos esportes clássicos através da criação das mais variadas modalidades e diversificação dos esportes. Para Mascarenhas (2003) isso é caracterizado no lazer através da “formação dos nichos de mercado, poderoso instrumento na definição da difusão e do consumo das práticas de lazer”. O mercado do lazer, assim como o mercado de qualquer outra fonte de lucro, é dividido em segmentos, em padrões adequados aos variados grupos da sociedade que se “identificam” com tal atividade ou prática do lazer, que fazem o indivíduo buscar cada

vez mais seu grupo, em diversos lugares, como uma espécie de multipertencimento da sua existência (AUGUSTIN, 2002).

É possível perceber, através de Mascarenhas (1999), que os esportes apresentam um aporte complexo, pois lidam com a realidade social e requerem um estudo com uma variedade de disciplinas acadêmicas e, principalmente, uma análise que envolva o espaço geográfico, mediante suas formas e suas dinâmicas. Para Augustin (2002) existe, também, um papel preponderante no que concerne o planejamento do território urbano, visto que essa multiplicação dos esportes interage com uma diversidade de espaços e lugares na cidade. Essa característica é, também, afirmada por Almeida e Gutierrez (2005), que entendem o lazer como uma tarefa complexa de acordo com as diversas facetas que ele possa adquirir, pois possui manifestações que intervém nas diferentes particularidades da sociedade, tanto sobre uma perspectiva psicológica do indivíduo, quanto sobre uma perspectiva econômica e mercadológica.

No Brasil, a transformação do lazer, também, não foi diferente em relação às mudanças que estavam acontecendo na esfera internacional. Foi a partir do aumento da população urbana em relação a rural, em 1960, que o lazer passa a se configurar como um lazer típico do início da industrialização, em que deixa de ser essencialmente marcado pelas manifestações populares e comunitárias, para um lazer que é transformado em mercadoria de consumo disponível no mercado (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2005).

Frente a uma classe urbana crescente, onde se destaca uma massa de estudante que superpovoa as universidades públicas das grandes metrópoles, desenvolve-se de forma acelerada a prática de esporte nos clubes, a importância da casa de campo ou praia, e os passeios de carro pela rede de estradas em expansão. (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2005, p. 38).

Assim, de acordo com Almeida e Gutierrez (2005), o lazer no Brasil está dividido em três momentos caracterizados como: o primeiro período é chamado de nacional desenvolvimentismo, que vai de 1946 a 1964; o segundo é representado pelo período do regime militar que vai de 1964 a 1985; já o terceiro é chamado de redemocratização e globalização que vai de 1985 a 1990, sendo a globalização até os dias atuais. Cada momento desses apresenta particularidades que estão relacionadas com os aspectos econômicos e políticos de cada época (quadro 3).

Quadro 3 - Os três momentos do lazer no Brasil.

	NACIONAL DESENVOLVIMENTISMO	REGIME MILITAR	REDEMOCRATIZAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO
Características políticas e econômicas do período	Liberdade democrática; Instabilidade política; Início da industrialização; Valorização do nacional popular; Formação de mercado consumidor; Definição da classe média.	Restrição de liberdade (A1-5); "Milagre" econômico; Aumento das desigualdades; Formação de polos industriais; Tentativa de desenvolvimento regional.	Garantias democráticas; Estagnação econômica (principalmente setor secundário); Desenvolvimento da indústria cultural e internacionalização da cultura; Sociedade dual (exclusão social).
Mudanças nas práticas de lazer	Crescimento urbano e adaptação das práticas comunistas aos espaços da cidade; Desenvolvimento nacional do cinema, teatro e música e arte.	Impacto do desenvolvimento tecnológico (automóveis, estradas) no lazer de final de semana; Utilização política do esporte e lazer; Construção de parques públicos; Incentivo governamental para as práticas de lazer e das artes não engajadas politicamente ou críticas.	Desenvolvimento de um mercado de lazer de alto padrão; Pouco investimento em lazer popular; Desenvolvimento das artes, teatro, cinema, com incentivos governamentais; Restuturação de centros e museus para a prática do lazer urbano, com recursos públicos e privados; Políticas públicas voltadas ao lazer "pedagógico" e iniciativas independentes umas das outras.
Reflexões teóricas sobre o lazer do período	Pouca ou nenhuma reflexão sobre o lazer; Valorização das raízes nacionais; Influencia moralista ou de teorias que interpretam o lazer como descanso para o trabalho.	Repressão e censura de reflexões teóricas, apenas discussões favoráveis aos programas de lazer governamentais; Inicia-se um intercâmbio com a produção estrangeira sobre o lazer (DUMAZEDIER, PARKER).	Contato e intercambio com as diversas correntes estrangeiras; Superação da dicotomia trabalho/ tempo livre; Estudos dos clássicos, pós-modernos, sociólogos contemporâneos e políticas públicas.

Fonte: Adaptado de Almeida e Gutierrez, 2005.

Diante disso, é possível afirmar que o lazer no Brasil acompanhou os processos que marcaram cada período ao longo dos anos. Ele passou de um lazer que era atribuído, essencialmente, pelo descanso ao trabalho, pelas festas e comemorações populares, para um lazer em que a indústria cultural e a televisão se apoderaram para difundir as metas da ditadura militar, o qual investiu no esporte como lazer, a fim de não propagar a política, que era evidenciada com as manifestações populares e, a partir de meados da década de 1990 até os dias atuais, o lazer passa a ser visto, prioritariamente, como uma mercadoria, nos espaços "privados", acessível a uma parte da sociedade (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2005), como é visto no âmbito global.

É através da prática da corrida de rua que esses aspectos e características apontados serão fundamentais para a sua compreensão, pois a atividade apresenta esses mesmos delineamentos na sociedade, visto que é uma forma de exercer o lazer no espaço urbano e acompanha as transformações e mudanças sociais ocorridas ao longo dos anos.

2.3 A CORRIDA DE RUA

O ato de correr vem, segundo Maioral (2014), acompanhando a evolução do Homem no planeta, a qual proveio desde a ancestralidade, onde os humanos corriam para fugir de predadores, utilizado, assim, como forma de sobrevivência. Hoje, para o autor, ele é utilizado como uma atividade de lazer, esportiva, mercadológica, profissional ou mesmo ocasional quando corremos por algum motivo, como por exemplo, para não perder o ônibus.

Essa capacidade de correr por longas distâncias evidencia o caráter de mobilidade possibilitado pela corrida. Se hoje a evolução tecnológica permite que a espécie humana utilize meios variados, no passado deslocar-se com o uso dos membros inferiores era fundamental para a importância do aspecto nômade na sociedade de então, que muitas vezes precisava trocar de assentamento por questões climáticas, falta de alimentos, invasões, etc. (MAIORAL, 2014, p. 65).

Sears (2001, apud MAIORAL, 2014) traça um histórico da corrida, o qual retrata que a mesma sofreu modificações ao longo dos anos a partir dos avanços da agricultura, por volta de dez mil anos, onde ela deixou de ser o ato fundamental para a defesa de predadores e obtenção de alimentos e passou a ser empregada em cerimônias religiosas. Ele acrescenta ainda que há mais de 4 mil anos, no Antigo Egito, a corrida fazia parte das cerimônias de coroação dos antigos reis egípcios, na qual os reis no ato de correr provavam estar saudáveis para o reinado. Outros relatos importantes são que os eventos de corrida mais antigos remontam de 2035 a.C, na antiga cidade de Sumer, no sul da Mesopotâmia e que, também, se tem registros da corrida no Velho Testamento, através do Rei Davi e outros personagens, bem como seu aparecimento nas disputas nos primeiros Jogos Olímpicos, em 776 a.C. (SEARS, 2001, apud MAIORAL, 2014).

A corrida tinha, também, um significado importante na vida do Homem para os antigos gregos: os filósofos Xenófanes e Homero consideravam a corrida como a maior qualidade e a mais importante característica física que o Homem poderia ter, respectivamente (MAIORAL, 2014).

Por volta da mesma época, em 776 a.C, aconteceram os primeiros Jogos Olímpicos, inspirados por festividades religiosas e mitos da Antiguidade, e disputados em um espaço retangular de aproximadamente 230 metros de comprimento e 30 de largura, chamado de Stadion. Os vencedores recebiam como prêmio coroa de olivas e estátuas no santuário de Olímpia, sendo celebrados como heróis, ou mesmo como divindades, tal como Leônidas de Rhodes, que recebeu a honraria de Divindade Menor após múltiplas vitórias em Jogos Olímpicos. Na época, os homens praticavam a corrida descalços e nus. Embora mulheres fossem proibidas de participarem dos jogos, há evidências que algumas corriam em Esparta, geralmente treinando com os homens. (MAIORAL, 2014, p. 67).

Segundo Dallari (2009), existem dois indícios do surgimento das modernas corridas de rua como conhecemos atualmente: a primeira advém de Noakes (1991), o qual indica que as corridas originaram-se com os mensageiros corretores, que deixaram de transportar as notícias a pé e passaram a correr a partir da melhora das estradas no final do século XVIII; e a segunda possibilidade para a autora, vem da teoria de Mandell (1999), o qual retrata que os primeiros corretores surgiram no século XVI e eram chamados de *footmen*, que eram empregados que conduziam os cavalos a pé e iam à frente das carruagens, evitando os troncos caídos e buracos na estrada.

A corrida de rua, identificada como uma categoria do esporte, e mais especificamente do atletismo, teve seu aparecimento como competição, conforme esses aspectos, no século XVII na Inglaterra e depois surgiu em outros países como Grécia, Londres, Hungria e Noruega (DALLARI, 2009; TORRES, 2016). Mas a primeira corrida de rua com classificação e medida de tempo aconteceu em 1837, com distância de 84 quilômetros, entre Londres e Brighton (LUNZENFICHTER, 2003 apud DALLARI, 2009).

As corridas de rua, segundo Maioral (2014, p. 80), “costumam ter distância igual ou superior a uma milha nos Estados Unidos (aproximadamente 1,6 quilômetros), enquanto no Brasil são raras as competições de corrida de rua com menos que cinco quilômetros”. Mas o termo corrida de rua, geralmente, gera uma confusão em sua utilização, o qual é empregado em todas as modalidades de corridas que existem no mercado, sendo elas de rua ou não (MAIORAL, 2014). Diante disso, utilizou-se o

quadro 4, para tentar esclarecer as diversas modalidades que existem e identificar o objeto de estudo do próprio trabalho, que faz referência, efetivamente, à modalidade corrida de rua e às maratonas, já mencionadas anteriormente e que estão destacadas no mesmo quadro.

Quadro 4 - Principais modalidades das corridas.

NOME DO TERMO	PRINCIPAL CARACTERÍSTICA	CARÁTER AO SE INSCREVER
Atletismo	Local de prática: pista de atletismo.	Competitivo.
Corrida de rua	Local de prática: vias urbanas.	Principalmente participativo, com existência de atletas profissionais em alguns eventos.
Maratonas	Distância: 42,195 km.	Principalmente participativo, com existência de atletas profissionais em alguns eventos.
Trail running	Local de prática: estradas não-asfaltadas, normalmente com obstáculos naturais (como pedras e lamas).	Principalmente participativo, com existência de atletas profissionais em alguns eventos.
Corrida de montanha	Diferença de altimetria considerável.	Principalmente participativo, com existência de atletas profissionais em alguns eventos.
Cross-country	Além do local de prática ao ar livre em ambientes naturais, a institucionalização de regras e o caráter competitivo.	Competitivo.
Trekking	Uso de mochilas, realizadas a pé. As competições são fundamentadas na regularidade, e não no sistema de “o primeiro a cruzar a linha é o vencedor”.	Principalmente participativo, com existência de atletas profissionais em alguns eventos.
Orientação	Uso de bússolas e mapas.	Principalmente participativo, com existência de atletas profissionais em alguns eventos.

Fonte: Adaptado de Maioral (2014, p. 89).

Quadro 4 - Principais modalidades das corridas (continuação).

Corrida de aventura	Caráter multi-esportivo.	Principalmente participativo, com existência de atletas profissionais em alguns eventos.
Corridas com obstáculos	Envolve características do treinamento militar e obstáculos não naturais, como arame farpado, carregamento de peso, e outros.	Principalmente participativo, com existência de atletas profissionais em alguns eventos.
Triathlon, Duathlon e Aquathlon	Envolve ciclismo e/ou natação e respectivos equipamentos para prática desses esportes.	Principalmente participativo, com existência de atletas profissionais em alguns eventos.

Fonte: Adaptado de Maioral (2014, p. 89).

E, a partir disso, é possível classificar, segundo Maioral (2014), os eventos das corridas através dos objetivos dos consumidores conforme demonstra o quadro 5.

Quadro 5 - Classificação dos eventos de corrida de acordo com os objetivos dos consumidores.

OBJETIVO DOS CONSUMIDORES	TIPOS DE EVENTOS
O evento com caráter predominantemente participativo.	<ul style="list-style-type: none"> • Corridas de Rua • Corridas de Trilha • Corridas de Montanha • Corridas de Aventura • Triathlo, duathlon, aquathlon • Orientação • Trekking • Obstáculos
O evento com caráter predominantemente competitivo.	<ul style="list-style-type: none"> • Corridas em pista • Cross Country

Fonte: Maioral (2014, p. 93).

Desta forma, podemos destacar, ainda, que a corrida possui determinadas localidades, e pode ser dividida segundo Maioral (2014), entre dois critérios, que são urbanas e rurais, as quais estão caracterizadas no quadro 6. Cabe destacar, aqui, as corridas de rua, pois se constituem como sendo a fonte da análise deste trabalho, já mencionada anteriormente.

Quadro 6 - Tipos de corridas urbanas.

TIPOS DE CORRIDAS URBANAS	DESCRÍÇÃO
Corridas de Rua	O tipo mais comum de corridas urbanas. As distâncias variam, mas são consideradas oficiais distâncias variando dos 5 aos 100 quilômetros, conforme critério da IAAF. Podem variar também em termos de altimetria.
Corridas em ambientes urbanos predominantemente fechados	Podem ser disputadas em shopping centers, fábricas e outros. Incluem as chamadas corridas verticais urbanas, que são realizadas normalmente em edifícios altos de grandes cidades, constituindo na subida dos diversos andares.

Fonte: Maioral (2014, p. 95).

Portanto, é possível identificar que as corridas analisadas estão inseridas no meio urbano, mas possuem certas localidades que podem ser identificadas nos ambientes fechados, privados ou não, das cidades.

A grande maioria das corridas pedestres urbanas são corridas de rua, mas estas não são as únicas. As corridas urbanas disputadas em ambientes fechados possuem algumas vantagens, sobretudo por gerarem alterações menores no trânsito das cidades. Corridas pedestres disputadas em parques podem ser consideradas urbanas, mas dependendo da predominância do tipo de pavimentação e da localização do parque, podem se aproximar mais do conceito de corridas pedestres rurais [...]. (MAIORAL, 2014, p. 95).

É importante ressaltar que nos estudos realizados por Maioral (2014), o termo utilizado é “corrida pedestre” e não corrida de rua como aqui é utilizada, pois ele observa, justamente, que a corrida de rua é somente uma das várias modalidades que a atividade possa ter. Mas o presente trabalho faz análise somente das corridas urbanas (maratonas e de rua), sendo assim, optou-se por utilizar o termo corrida de rua, pois a investigação se dá no território urbano, exatamente, nas vias e ruas da cidade.

A maratona é umas das modalidades da corrida de rua com maior relevância entre os seus competidores e percorre uma distância de 42.195 metros. A maratona tem seu marco nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 10 de abril de 1896, onde o barão de Coubertin, Pierre de Fredy, presidente da USFSA (Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques), acatou a proposta de Michel Bréal, filólogo francês, para a criação de uma corrida em homenagem a Phidippides, homem que ficou encarregado de levar

a mensagem da vitória dos gregos sobre os persas em 490 a.C., de Maratona a Atenas e acabou morrendo de exaustão, assim que cumpriu sua missão (DALLARI, 2009; VARELLA, 2015). Lenda ou não, a maratona hoje é a competição da corrida de rua mais disputada e mais famosa em todo o mundo.

Mas foi em 1970 que aconteceu o "*jogging boom*", fenômeno baseado na teoria do médico norte-americano Kenneth Cooper, criador do "Teste de Cooper", que pregava a prática e o preparo físico para as corridas de rua (DALLARI, 2009; SALGADO; CHACON-MIKHAIL, 2006; TORRES, 2016), e que se difundiu não só nos Estados Unidos, mas no mundo todo a corrida de rua como uma boa prática para se obter qualidade de vida e propagou o número de adeptos à atividade. A sociedade, nesse período, via o esporte, também, como uma espécie de culto pela forma, como símbolo de emancipação individual (AUGUSTIN, 2002). Outra característica importante, ainda na década de 1970, para o crescimento da modalidade internacionalmente, foi a permissão da participação popular junto aos corredores de elite, que anteriormente era proibida (SALGADO; CHACON-MIKHAIL, 2006).

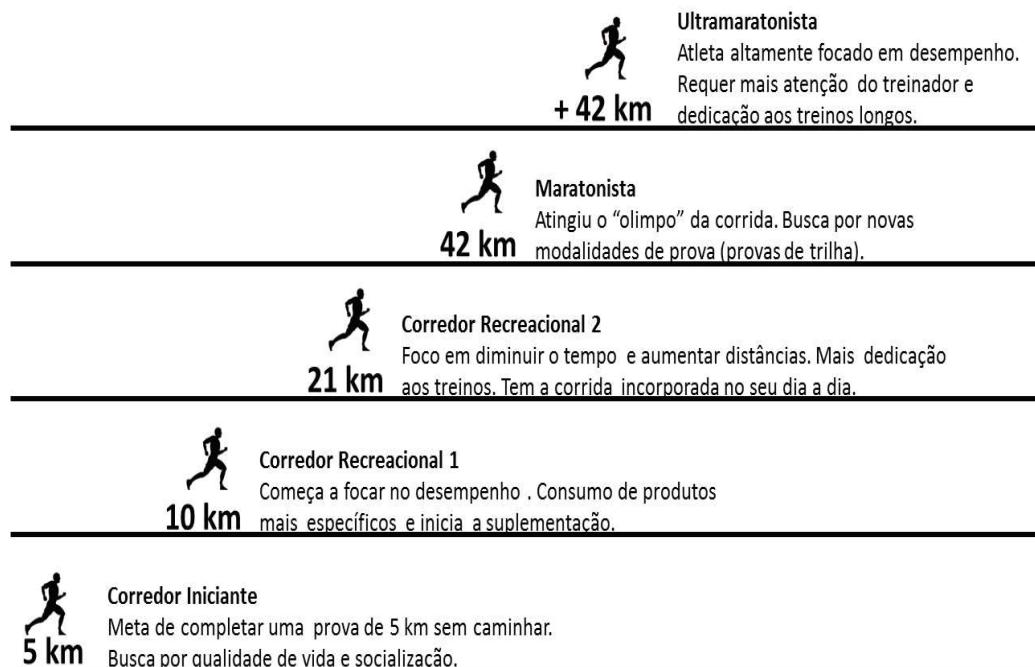
Antes desse período, segundo Waser (1998), a corrida no meio da cidade, fora dos lugares típicos como os estádios, era considerada como algo anormal e marginal pelas autoridades da federação de atletismo e chamava atenção de todos pelas ruas. A autora acrescenta, ainda, que a princípio a corrida era vista pelos médicos, também, como uma atividade perigosa para o organismo humano. Com a possibilidade dos antigos espectadores das corridas de rua serem atletas amadores e poderem competir com os atletas de elite, surgiu uma ampla cultura da prática da corrida de rua como lazer. E foi sendo legitimada aos poucos, também, com os meios de comunicação nos eventos televisionados e em capas de revistas e jornais (WASER, 1998; TORRES, 2016), que incentivam o exercício como uma forma de aproveitar o tempo livre.

Hoje, com o aumento cada vez maior de praticantes, as corridas internacionais são gradativamente mais disputadas, empregando uma série de restrições como, por exemplo, limite do número de inscrições e que os competidores possuam um tempo máximo de conclusão da prova para cada categoria em que forem competir, ou seja, terem experiências “boas” em competições anteriores (VARELLA, 2015).

A Federação Internacional das Associações de Atletismo (IAAF), órgão que regulamenta o atletismo mundialmente, define as Corridas de Rua como provas de pedestrianismo, que são disputadas em circuitos de rua, avenidas e estradas com

distâncias oficiais (figura 4), que tem como padrão 5 km, 10 km, 15 km, 20 km, meia maratona (21.095 m), 25 km, 30 km, maratona (42.198 m) e 100 km. (DALLARI, 2009; SALGADO; CHACON-MIKHAIL, 2006).

Figura 4 - Hierarquização dos corredores de acordo com suas categorias de competição.



Fonte: Silva e Hapern (2013, p. 13).

Entre as provas mais disputadas internacionalmente, anualmente, estão as Maratonas de Boston, Nova York, Chicago, Londres e Tóquio (VARELLA, 2015), as quais, também, tem um limite de inscrições e requisitos a serem cumpridos entre os competidores. Um exemplo dessa limitação é fornecido por Maioral (2014), ao dizer que a Maratona de Tóquio teve mais de 300 mil inscritos no ano de 2013, enquanto apenas 36 mil foram sorteados para competirem.

Dados apresentados pela área de marketing da Rede Bahia de Televisão (2005) apontam que os Estados Unidos são considerados o “país da corrida de rua” e que lá existem cerca de 40 milhões de corredores, dos quais 17 milhões participam de eventos. (BASTOS et al. 2009, p. 79).

Esse aumento pode ser evidenciado também entre os dez maiores eventos mundiais e suas quantidades de concluintes a partir do quadro 7, sendo que cinco deles estão localizados nos Estados Unidos e os outros na Europa e Oceania, tendo a Corrida Internacional de São Silvestre, no Brasil, a colocação de 42º lugar dentre as

competições mundiais mais importantes com um total de 22.949 de concluintes em 2015, segundo os dados da Running USA (2017).

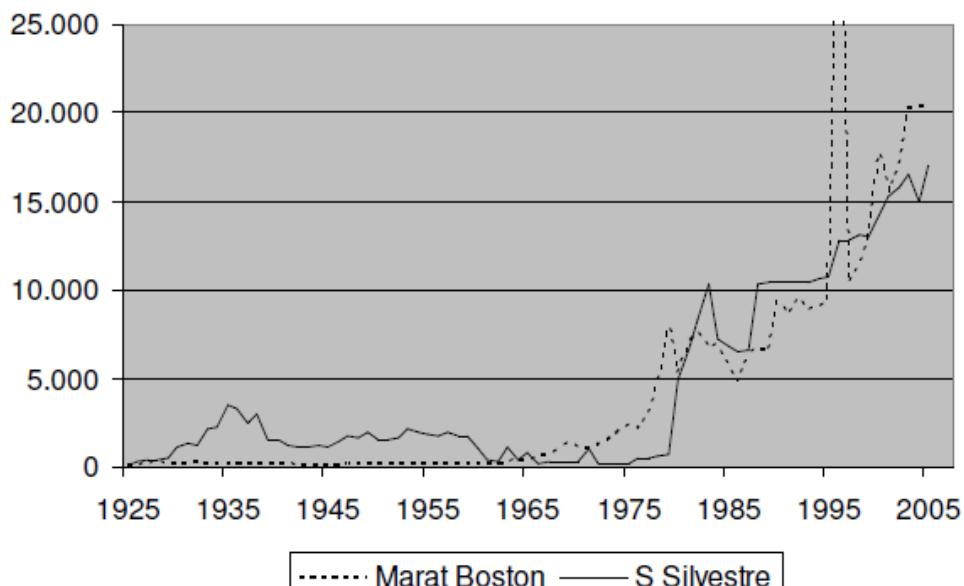
Quadro 7 - Maiores eventos de Corrida de rua de reputação internacional em 2015.

Ranking	Concluintes	Nome do Evento	Cidade / Estado
1	65,474	Sun Herald City2Surf	Sydney, NSW
2	54,752	AJC Peachtree Road Race	Atlanta, GA
3	49,365	TCS New York City Marathon	New York City, NY
4	46,428	GÅteborgsVarvet	Gothenburg, GläV
5	45,336	Bolder BOULDER	Boulder, CO
6	42,294	Lilac Bloomsday Run	Spokane, WA
7	40,685	Morrisons Great North Run 2015	Gateshead, TYN
8	40,091	Schneider Electric Marathon	Paris, PAR
9	37,628	London Marathon	London, LON
10	37,395	Chicago Marathon	Chicago, IL

Fonte: Adaptado de Running USA, 2017.

Outro dado importante para observar todo esse crescimento é dado consoante o gráfico 1, onde se destaca a evolução do número de participantes na Maratona de Boston e na Corrida Internacional de São Silvestre entre os anos de 1995 e 2005.

Gráfico 1 - Participação anual na Maratona de Boston e na Corrida Internacional de São Silvestre, entre os anos de 1995 e 2005.



Fonte: Dallari (2009, p. 29).

No Brasil, com a inclusão do apoio governamental em campanhas esportivas, a prática do esporte foi ganhando espaço nas cidades e começou a se tornar popular no país. Segundo Bastos et al. (2009), em 1970 houve no Brasil um forte processo de propagação da atividade física através do programa chamado “Esporte para todos” (EPT), o qual nasceu na Europa em 1967 e logo após foi introduzido como um programa do governo brasileiro. Esse programa, através de “técnicas alternativas menos formais surgiu como uma espécie de elemento estimulador, tanto para a Educação Física como para o Esporte desenvolverem práticas mais popularizadas” (VALENTE, 1993, p. 31).

Desta maneira, a corrida de rua só surgiu no país, segundo Dallari (2009), a partir do início do século XX, onde já se notava a presença, mesmo que esporadicamente, de provas de pedestres. Segundo Maioral (2014), existem duas versões para o surgimento da primeira corrida de rua no Brasil: a primeira hipótese, retrata que a primeira corrida de rua foi realizada em 1906, na Bahia, pela ex-Liga Bahiana de Sports Terrestres; e a outra hipótese é indicada por Webrun (2002), onde diz ter sido no ano de 1912 no Rio de Janeiro, organizada pelo jornal “O Estado de São Paulo”, e foi chamada de “O Estadinho”. Mas Dallari (2009), identifica, também, que a mais antiga das corridas de rua no Brasil é a São Silvestre (figura 5), que foi criada por Casper Líbero, jornalista de “A Gazeta”, na cidade de São Paulo, em 1925, o qual foi inspirado numa prova noturna francesa, e é, hoje, considerada uma das mais tradicionais provas do atletismo brasileiro (DALLARI, 2009).

Figura 5 - Largada da primeira Corrida de São Silvestre em 1925.



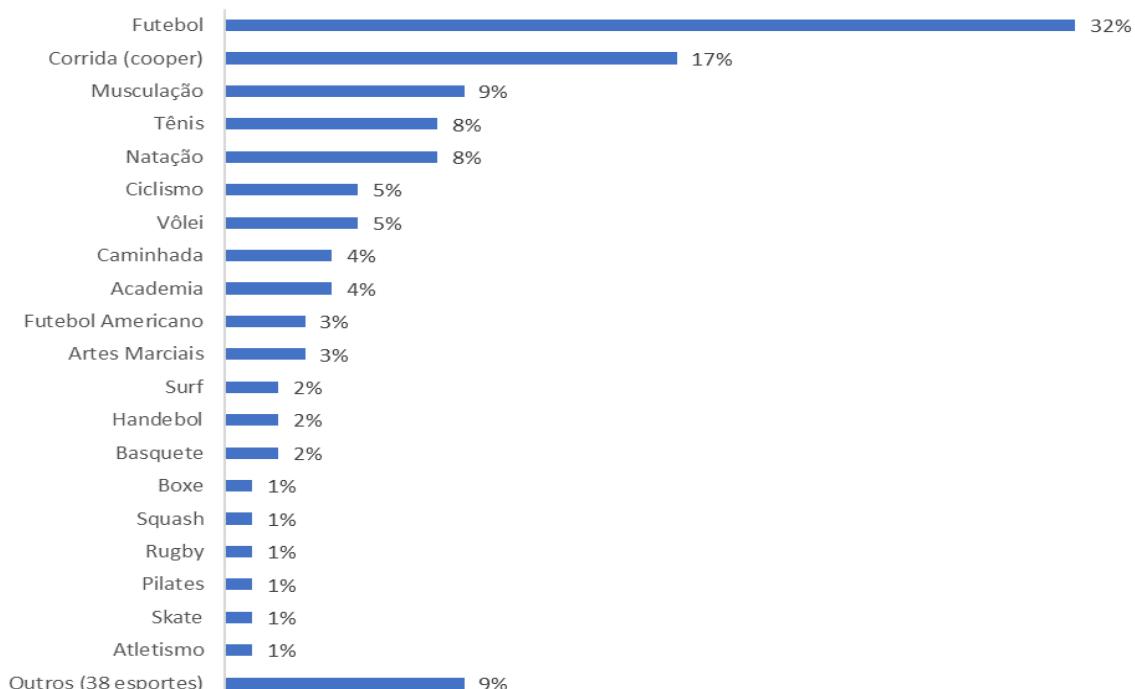
Fonte: São Silvestre. Disponível em: <<http://www.saosilvestre.com.br/historia/curiosidades/>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

Segundo Torres (2016), na década de 1980, na cidade do Rio de Janeiro, a corrida de rua é notada como uma prática advinda da cultura do *jogging* norte-

americano, anteriormente mencionado. A prática era percebida, principalmente, em “lugares com abundância de paisagens naturais, como a Lagoa Rodrigo de Freitas, toda a orla ao longo de Ipanema, Copacabana, Aterro do Flamengo e Quinta da Boa Vista” (TORRES, 2016, p. 74). Já “no início do século XX enquanto o atletismo começava a ser praticado no país, a corrida de rua já tinha suas competições, e o seu prestígio era comparado com as regatas, esporte de grande popularidade na época” (ROJO, 2014, p.3).

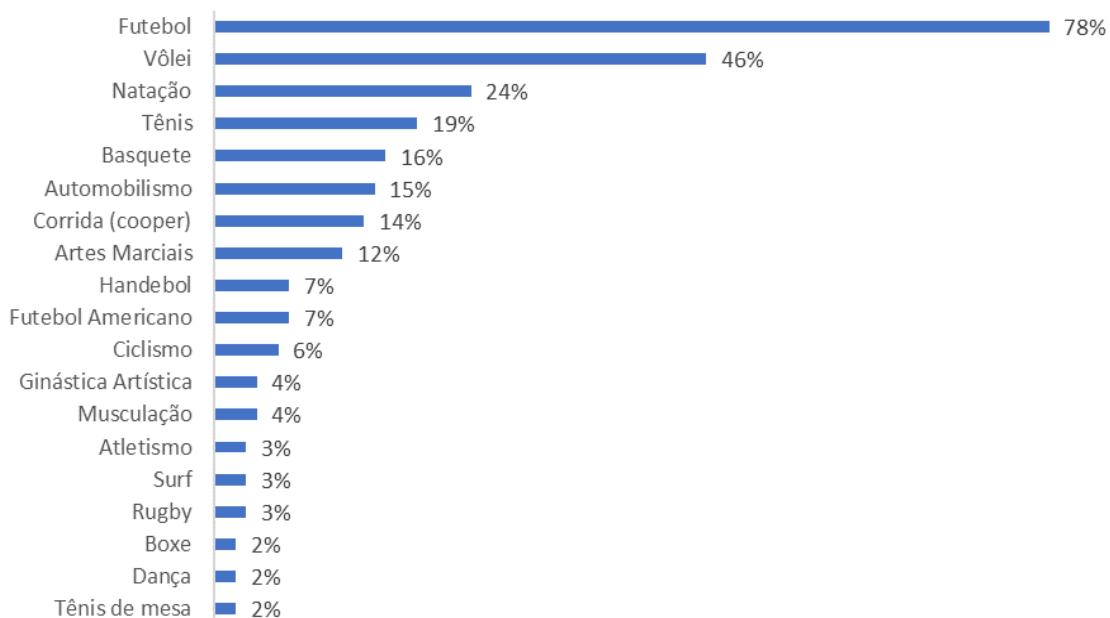
Hoje, a corrida de rua no Brasil, no “país do futebol”, está a cada dia se popularizando como uma prática habitual entre os brasileiros. De acordo com um estudo feito em 2011 (gráfico 2), a corrida é considerada o segundo esporte mais praticado no país, perdendo somente para o futebol. É interessante observar (gráfico 3), também, que apesar da corrida ser o segundo esporte mais praticado, os esportes coletivos são considerados os favoritos no país, destacando-se mais uma vez o futebol, tendo a corrida a colocação de sétimo em questão de preferência para os brasileiros.

Gráfico 2 - Esportes mais praticados no Brasil.



Fonte: Adaptado de Deloitte. Muito além do Futebol: Estudos sobre esportes no Brasil. 2011. Disponível em: <http://www.fbf.org.br/ckfinder/userfiles/pdf/Pesquisa_Esportes_Deloitte_2011_-_Apresentacao_completa.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2017.

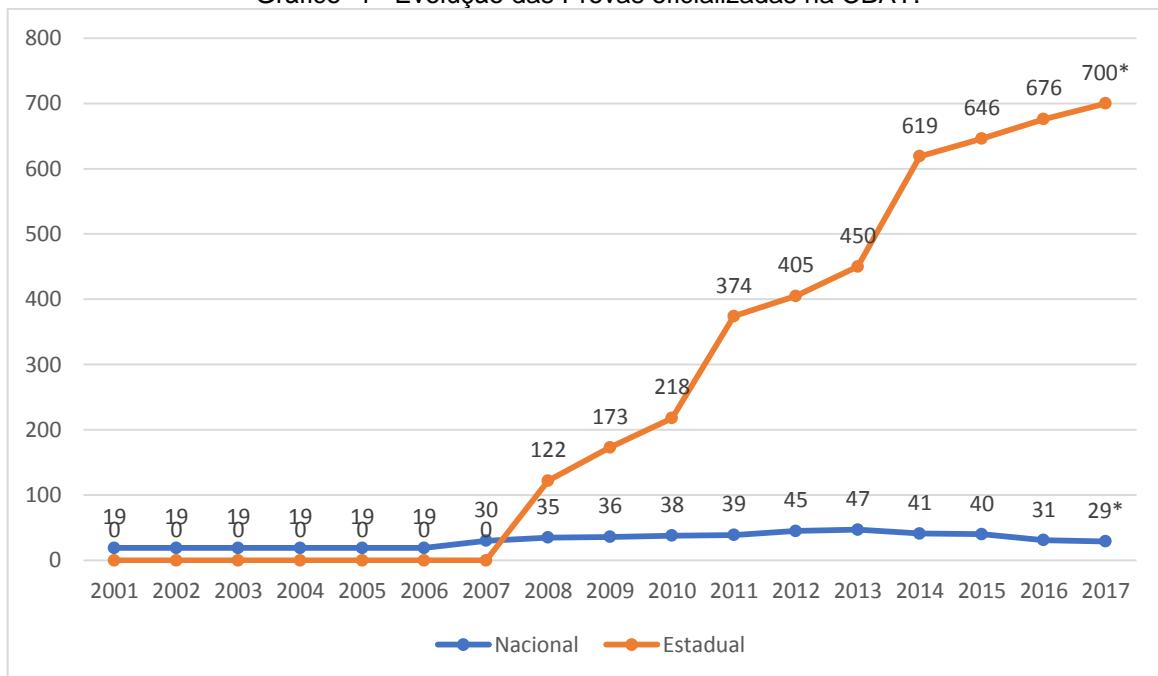
Gráfico 3 - Esportes favoritos no Brasil.



Fonte: Adaptado de Deloitte. Muito além do Futebol: Estudos sobre esportes no Brasil. 2011. Disponível em: <http://www.fbf.org.br/ckfinder/userfiles/pdf/Pesquisa_Esportes_Deloitte_2011_-_Apresentacao_completa.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2017.

A corrida de rua é uma atividade que tem crescido em termos do número de praticantes, de eventos e do volume de investimentos nas últimas décadas. A partir de dados fornecidos pela CBAT (Confederação Brasileira de Atletismo), estima-se que tenha em torno de 1,8 milhões de praticantes regulares de corridas de rua, sendo que existe uma probabilidade dessa estimativa ser muito maior. Ainda sobre os dados da CBAT (2017), essa evolução de praticantes de corridas de rua pode ser observada através do crescimento do número de provas, que são oficializadas pela entidade e pelas federações estaduais e suas filiadas. Ainda segundo esse cálculo feito pela CBAT (2017), o número real das provas no país tende a ser quase o triplo do oficializado, pois nem todos os organizadores oficializam os eventos no órgão, conforme pode ser observado no gráfico 4 das provas oficializadas, que são identificadas a partir de sua oficialização, podendo ser: de caráter nacional pela CBAT e as demais pelas federações estaduais de atletismo que se configuram no país.

Gráfico 4 - Evolução das Provas oficializadas na CBAT.

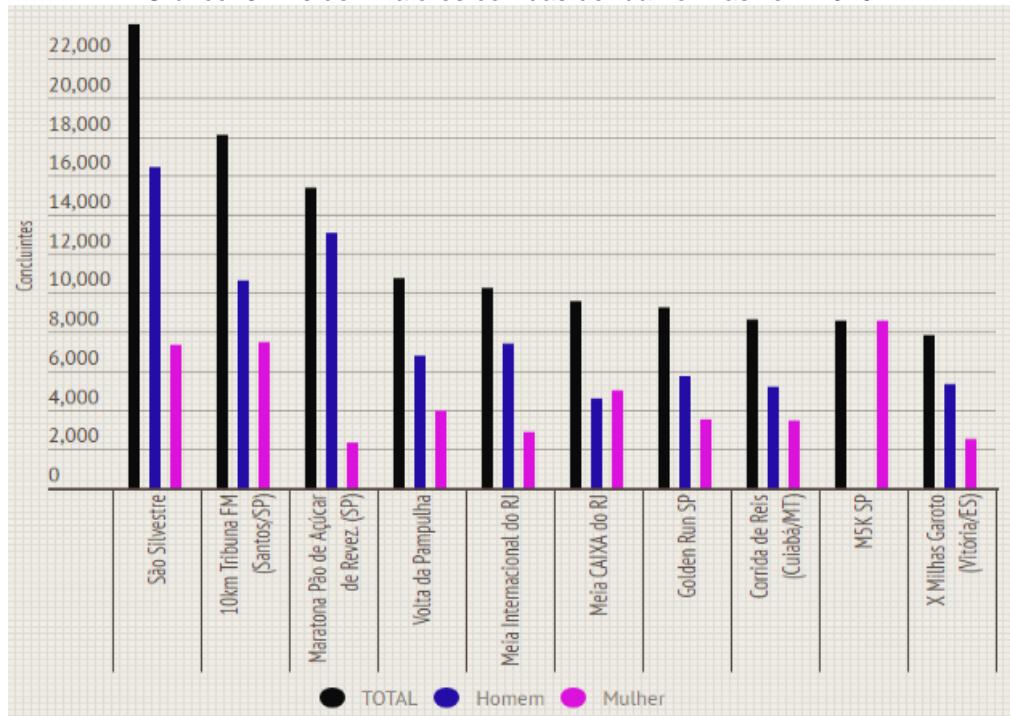


Fonte: Elaborado pela autora a partir de consulta a CBAT (mar. de 2017). *Corridas previstas.

O gráfico acima demonstra a evolução das provas oficializadas nas federações estaduais, sendo constante a quantidade de provas de corrida no âmbito nacional. Só a partir do ano de 2008 que o cálculo das provas estaduais teve um verdadeiro destaque, até o ano de 2017, em relação às corridas nacionais.

É possível observar (gráfico 5) os dez maiores eventos de corridas de rua no Brasil em 2016, indicando que a grande maioria das corridas estão localizadas na região sudeste, com foco na cidade de São Paulo como principal detentora das competições.

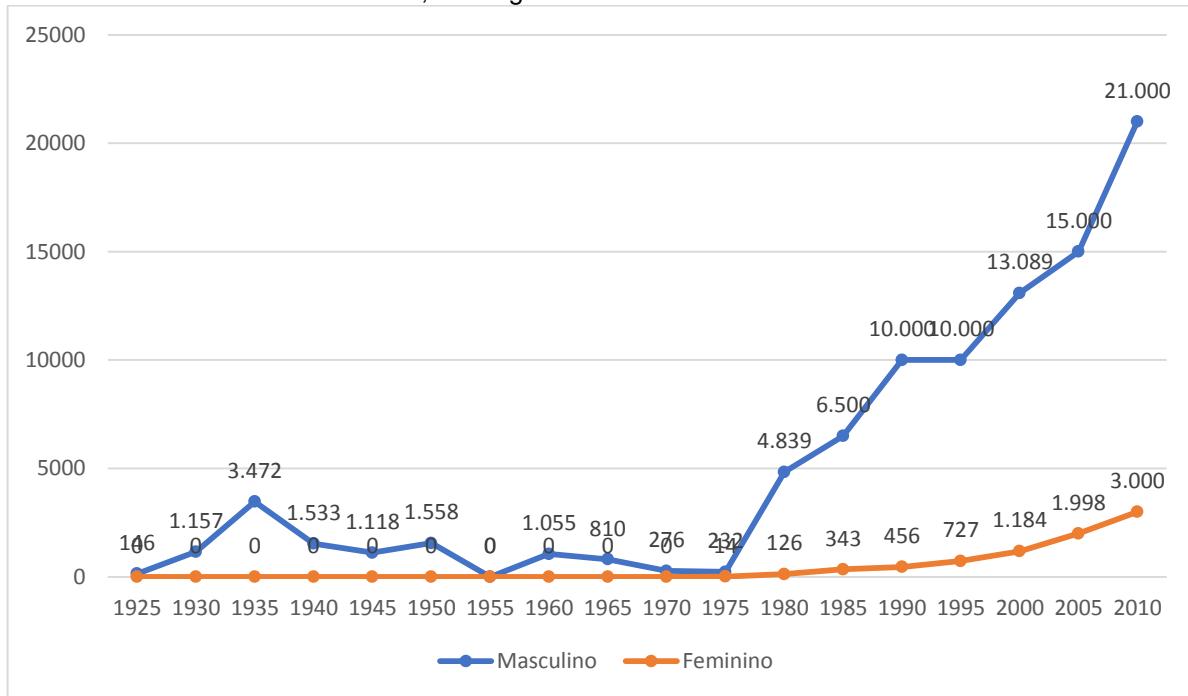
Gráfico 5 - As dez maiores corridas de rua no Brasil em 2016.



Fonte: Arquivo do Blog Recorrido. Disponível em: <<https://blogrecorrido.com/2017/01/23/as-50-maiores-corridas-de-rua-do-brasil-2016/>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

É possível identificar, ainda, o crescimento da mais famosa corrida no Brasil, a corrida São Silvestre, ao longo dos anos, entre os competidores masculinos e femininos (gráfico 6), visto que a categoria feminina só foi iniciada a partir do anos de 1975. Toda essa eclosão da corrida São Silvestre fez com que em 2014, em sua 90º edição, seu regulamento implantasse um limite máximo de participantes em 30 mil corredores, devido a fatores relacionados ao suporte e a segurança da prova (SÃO SILVESTRE, 2017).

Gráfico 6 - Número de participantes masculinos e femininos inscritos na corrida São Silvestre, São Paulo, ao longo dos anos de 1925 e 2010.



Fonte: Elaborado pela autora através dos dados da São Silvestre. Disponível em: <<https://archive.is/OhxAB>>. Acesso em: 26 de mar. 2017.

2.4 O BOOM DA CORRIDA DE RUA NO MEIO URBANO

Com a globalização e toda a sorte de transformações que as cidades herdaram ao longo dos anos, hoje, fica mais evidente o lazer na vida e no cotidiano das pessoas. Como afirmam Almeida e Gutierrez (2005), com o fim da censura com o término da ditadura militar no Brasil na década de noventa, o desenvolvimento ainda maior do lazer, mesmo com todas as desigualdades sociais de acessibilidade ao lazer “privado” para a maioria da população.

Nas reivindicações das associações de moradores, nos luminosos das lojas, nos anúncios de imobiliárias, nas propostas dos candidatos a cargos públicos, nos títulos das revistas, nas seções dos jornais, e em muitas outras situações da vida cotidiana, a palavra “lazer” vem aparecendo com uma frequência cada vez maior, que não se verificava até bem pouco tempo atrás, pelo menos com tanto destaque. (MARCELINO, 2006, p. 7).

É possível identificar, dessa forma, o aumento da prática da corrida de rua a partir dessas transformações. Para Torres (2014), esse crescimento exponencial da corrida de rua começa com o *running boom*, já mencionado anteriormente, na década de 1970 e que no Brasil se prolonga até a década de 80 e é caracterizado por

organizações de esportistas amadores que tem como objetivo o treinamento para as primeiras provas de corridas de rua. O autor destaca, ainda, um segundo *running boom* da corrida de rua que veio a partir da consolidação da cultura esportiva, com o marketing esportivo, da atividade como uma prática cotidiana e o aparecimento de eventos com características diversificadas, nos quais as mídias sociais disseminaram ainda mais. Esta tendência da cultura esportiva e, mais especificamente, da corrida de rua ainda mais popularizada está relacionada, segundo Reiling e Dolders (2015), aos estilos de vida contemporâneos, que estão cada vez mais individualizados e flexíveis no território urbano.

O que se observa atualmente é a existência de eventos com características variadas em termos de distância, terreno, elevação, participação em equipe, presença de obstáculos, e muitos outros. É o chamado segundo *running boom*, marcado pelo aumento do caráter participativo e aproximação dos eventos de corrida ao conceito de espetáculo, uma diferença marcante em relação ao primeiro running boom, de caráter mais simplista e competitivo. (MAIORAL, 2014, p. 34).

Esse segundo *running boom*, que surgiu a partir da metade dos anos de 1990, para Maioral (2014) é indicado através de algumas hipóteses fornecidas pelo *Running USA*, as quais se justificam pela:

Proliferação de programas de treinamento; eventos focados para famílias e comunidades; novos mercados formados por eventos diferenciados e tematizados; melhorias no gerenciamento das corridas pedestres; tecnologia e acesso à informação através de websites e, mais recentemente, mídias sociais. (RUNNING USA, 2013 apud MAIORAL, 2014, p. 104).

É interessante observar, a partir do quadro 8, as características presentes nesses dois momentos do *running boom* da corrida e perceber que o segundo momento está cada vez mais consistente e palpável no cotidiano dos praticantes e mesmo no espaço urbano.

Quadro 8 - Características e diferenças do primeiro e segundo *running boom* da corrida.

CARACTERÍSTICAS DO PRIMEIRO RUNNING BOOM	CARACTERÍSTICAS DO SEGUNDO RUNNING BOOM
Final dos anos 1960 e anos 1970	A partir do início dos anos 1990 nos Estados Unidos e Europa e dos anos 2000 no Brasil.
O foco na competição em si	O "completar" e o "participar" como desafio.
Predominantemente masculino	Crescimento da participação feminina.
Predominantemente jovens	Crescimento da participação da faixa etária de meia idade.
A corrida como alternativa para uma vida saudável	A corrida como esporte de fácil acesso e flexível.
Eventos predominantemente urbanos	Aumento da segmentação e diversidade dos eventos.
Eventos populares	Encarecimento das taxas de inscrição dos eventos.
Corredores concluintes mais rápidos	Tempos de conclusão em média mais altos que no passado.
Inexistência de rede social	Forte exposição em rede social de imagens e dados; o ciberespaço em foco.

Fonte: Adaptado de Maioral (2014).

Em contradição ao que aconteceu na maioria dos países ocidentais com o primeiro e segundo *boom* da corrida, a motivação para o *boom* de corredores na África foi e continua sendo distinta. O estudo de Wilber e Pitsiladis (2012) com corredores do Quênia e Etiópia indica que o progresso econômico e social para os atletas é um dos fatores preponderantes que os motivam a serem corredores de sucesso e trazerem retorno e benefícios às suas famílias, visto que a taxa de desemprego e pobreza é alta nos dois países. Essa tradição começou a partir da vitória de quenianos e etíopes nos Jogos Olímpicos do México (1968) e Jogos Olímpicos de Roma (1960), respectivamente (WILBER; PITSLADIS, 2012). Esse dado é confirmado quando se observa os dados de Onywera et al. (2006), nos quais 33% dos corredores de elite quenianos nas provas de longa distância têm como principal razão para competirem a busca pelo sucesso financeiro.

Portanto, existem variados aspectos, como esses dos quenianos e etíopes, que motivam os corredores, competidores ou não de corridas de rua. Para Balbinotti et al. (2015), os corredores têm como motivações os aspectos relacionados ao controle de

estresse, a saúde, o prazer, a sociabilidade, a competitividade e a estética, onde os três primeiros aspectos são os principais motivadores destacados entre os corredores. O praticante da corrida de rua, hoje, possui diversos interesses na busca dessa prática, que estão diretamente relacionados com os modos de viver nessa contemporaneidade, e estão presentes na natureza do movimento humano, nos custos, nos benefícios à saúde e na integração social, os quais reforçam ainda mais essa tendência mundial da prática da corrida de rua (SALGADO; CHACON-MIKHAIL, 2006).

A princípio, a busca pela prática da corrida de rua ocorre por diversos interesses, que envolvem desde a promoção de saúde, a estética, a integração social, a fuga do estresse da vida moderna, a busca de atividades prazerosas ou competitivas. (SALGADO; CHACON-MIKHAIL, 2006, p. 92).

Para Gomes (2012, p. 81), “apesar da aparente disputa de corpos em provas e dados nas redes sociais, o grande chamariz do esporte individual para aqueles que não são atletas de elite está no discurso de superação pessoal”. Essa nova geração de corredores segundo Waser (1998) tem como motivação, também, o prazer em poder compartilhar seus recordes de tempo das corridas, suas superações e o contentamento em poder participar de uma festa considerada “popular”, pois esses praticantes das corridas valorizam a sociabilidade, caracterizando ainda mais as corridas de rua como um evento anticompetitivo.

O que se pode destacar nesse segundo *boom* da corrida é a presença massacrante das mídias sociais, do ciberespaço como um dos fatores para a prática de qualquer lazer, onde a corrida de rua não fica de fora. “Essa nova dimensão de mídia provoca mudanças profundas no cotidiano das pessoas, de tal modo que não é possível compreender o segundo *running boom* sem um olhar para este fenômeno” (MAIORAL, 2014, p. 102).

Ciberespaços parciais podem potencializar o debate, re-ligar identidades e identificações dispersas no espaço geográfico mundial, criando novos mapas, novas comunidades, novos nexos de pertencimento, renovando a experiência comum e a cultura cotidiana. (ROCCO JUNIOR, 2006, p. 11).

Aqui, pode-se ressaltar e exemplificar como uma presença do ciberespaço na corrida de rua, o uso dos aplicativos nos meios tecnológicos que são direcionados

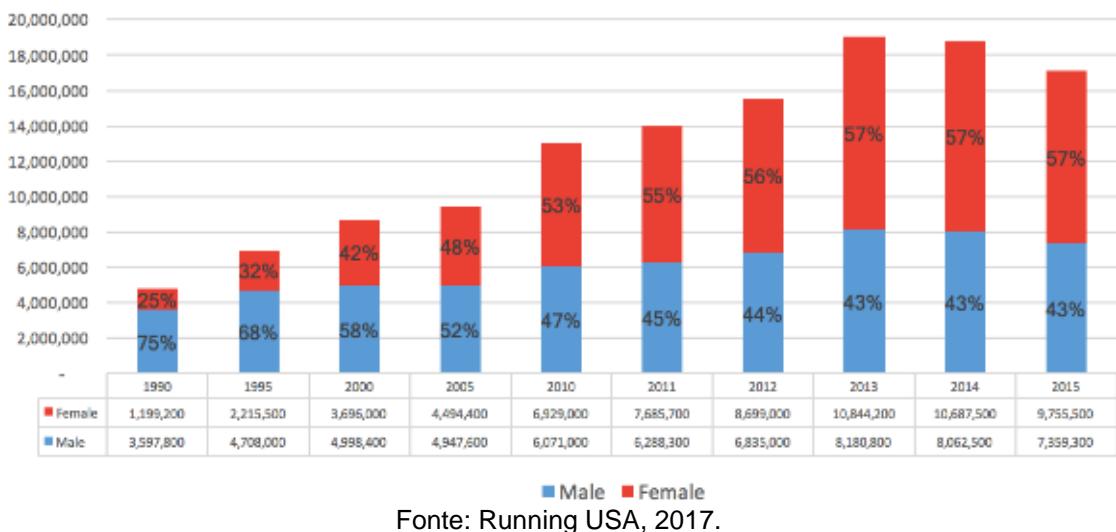
aos esportistas. Um exemplo está no aplicativo para smartphones chamado “Strava”, que é mais específico aos corredores de rua e, segundo Torres (2016), fornece várias ferramentas que auxiliam na evolução dos treinos e condicionamento físico dos corredores como: controle do ritmo, distâncias percorridas, diário de corridas feitas, gráficos, mapas, altimetria do percurso, ritmo, velocidade, ritmo de batimento cardíaco, etc; e além dessas funcionalidades, permite o compartilhamento dessas informações nas redes sociais, o que gera uma maior divulgação da prática esportiva e status no campo midiático.

Assim, o ciberespaço é caracterizado como um “campo fértil para as redes sociais, onde corredores compartilham seus vídeos, fotos, medalhas, discursos de superação e treinos, reforçando, dia após dia, suas identidades de pertencimento a um grupo, integrantes de uma cultura comum” (MAIORAL, 2014, p. 102). É um jogo de convivência entre o espaço vivido real, os espaços públicos de vivência do cotidiano com os espaços midiáticos, os espaços virtuais que transformam as experiências vividas mais intensamente na medida em que são compartilhadas com o outro (ROCCO JUNIOR, 2006).

Estes fortalecem ainda mais o mercado onde, segundo Gomes (2012), a televisão, revistas e jornais dão cada vez mais destaque aos temas de corredores com conteúdos de superação e de autoajuda para seus praticantes. Deste modo, a busca principal entre os participantes de corridas de rua é o objetivo de completar a prova, como um “evento social ao alcance de todos”, em que a competitividade deixou de ser o foco principal e passou a ser a competição individual, o desafio e a luta de ultrapassar a linha de chegada (MAIORAL, 2014).

Outro fator interessante a ser destacado nesse segundo *running boom* é a presença crescente da participação feminina nos eventos de corrida de rua. É possível identificar, a partir dos dados da Running USA (2017), que os homens deixam de ser a maioria nas competições de corrida de rua a partir de 2010 e que as mulheres representam um percentual de 57% dos participantes, conforme demonstra o gráfico 7.

Gráfico 7 - Número de concluintes em eventos de corrida de rua nos Estados Unidos entre os anos de 1990 e 2015.



Fonte: Running USA, 2017.

Desta forma, é possível apreender que o segundo *running boom* da corrida de rua possui características próprias que estão presentes na diversidade de faixa etária, gênero e modalidade. Como destacam Costa, Scaletsky e Fischer (2010), os quais afirmam a importância da tematização dos eventos de corrida de rua como um dos fatores que agregam ainda mais adeptos para a atividade e incitam as experiências dos corredores na busca de cada vez mais participarem das corridas.

Outro fato interessante que diz respeito aos eventos de corrida é que eles são geralmente relacionados a uma questão, um projeto ou um público específico. Além de serem organizados pelo seu comprimento de curso, as corridas podem ser direcionadas para mulheres (*Venus Circuito*), crianças (*Kids Run*) ou empresas e clubes (*Corporate Run*). Eles podem ser realizados à noite, com uma atmosfera de boate (*Fila Night Run*, *Poa Night Run*), dentro de uma fábrica em torno da linha de montagem (*Volkswagen Run*) ou em ruas de alta moda. Um tipo comum de corrida é aquele em que os atletas se revezam permitindo que grupos com diferentes números de participantes corram lado a lado, independentemente do nível de desempenho de cada corredor. (COSTA; SCALETSKY; FISCHER, 2010, p. 325, tradução nossa).

A partir de análises feitas, segundo as motivações dos praticantes de corrida de rua, para Costa, Scaletsky e Fischer (2010), existem três tipos de segmentos, conforme é destacado no quadro 9, os quais particularizam e caracterizam, ainda mais, o segundo momento do *boom* da corrida, já mencionado anteriormente e destacam que o grupo dois é o grupo responsável pelo crescimento do mercado da corrida de rua.

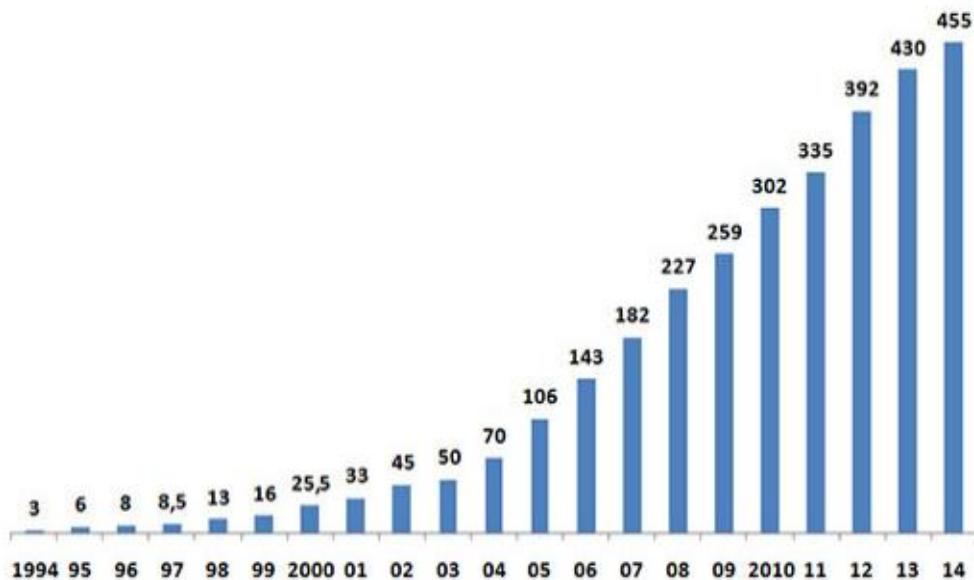
Quadro 9 - Caracterização dos três tipos de segmento de corredores segundo suas motivações.

GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3
<ul style="list-style-type: none"> • Indivíduos extremamente competitivos • Participam de forma regular • Representam uma porcentagem muito pequena da população 	<ul style="list-style-type: none"> • Indivíduos que buscam uma melhor qualidade de vida • Participam com prazer de participar no evento e melhorar o desempenho • Tem como motivação o círculo social, a “moda” 	<ul style="list-style-type: none"> • Indivíduos marginais ao mercado • Não participam ativamente como concorrentes • São pequenos utilizadores de produtos e serviços relacionados com a corrida.

Fonte: Adaptado de Costa, Scaletsky e Fischer (2010).

Esse aumento do número de praticantes de corridas de rua também pode ser observado no cenário nacional a partir do número de atletas cadastrados na Corpore (Corredores Paulistas Reunidos) entre os anos de 1994 a 2014, conforme demonstra a gráfico 8.

Gráfico 8 - Evolução de atletas cadastrados na Corpore entre os anos de 1994 e 2014.



Fonte: Corpore. Disponível em: <http://www.corpore.org.br/cor_corpore_estatisticas.asp>. Acesso em: 20 abr. 2017.

A corrida de rua, como já vimos anteriormente a partir dos dados das corridas inscritas oficialmente no Brasil, veem ganhando força no espaço urbano e se expressa como uma prática, um uso do espaço por meio das vivências na cidade. Mais significativa, ainda, é a sua expressão no meio social, na subjetividade que ela dá a essa espacialidade, em que “é possível afirmar que a prática das corridas de rua está disseminada pelo mundo todo. Em resumo, há evidências para se considerar a corrida de rua como um fenômeno contemporâneo” (DALLARI, 2009, p. 36).

Assim, segundo Augustin (2002), o território urbano hoje é caracterizado por uma verdadeira expansão das atividades de lazer, que se apresentam em suas mais variadas e múltiplas territorialidades e não mais nos lugares definidos e enquadrados para tal, em que “os espaços urbanos e os espaços da natureza são investidos, ocupados e apropriados por grupos de praticantes, que inscrevem uma marca socioesportiva” (AUGUSTIN, 2002, p. 424, tradução nossa). Por isso, esses espaços e territórios nas cidades são representados como uma espécie de teatro para os eventos das corridas de rua, principalmente as maratonas e meias maratonas, que são privilegiadas com o aumento do número de praticantes (BLIN, 2012).

2.5 CORRIDA DE RUA EM JUIZ DE FORA

A cidade de Juiz de Fora está localizada na Zona da Mata do estado de Minas Gerais e possui, segundo o IBGE (2016), uma população residente estimada de 559.636 habitantes. Devido às suas características de Polo Regional de saúde, ensino e comércio, possui uma população flutuante diária estimada em 55.000 pessoas.

Segundo Cunha Junior (2011, p. 51), “até a década de 1920, Juiz de Fora era considerada a principal cidade de Minas Gerais, por sua pujança econômica e por seu desenvolvimento cultural”. Para Christo (1994, p. 1), nessa mesma época, “Juiz de Fora é apontada como o centro cultural do Estado, seja pelo seu número de jornais e teatros, seja pela expressão de suas escolas e instituições culturais”, o que já demonstra as atividades de lazer praticadas na cidade.

As mudanças na organização e na estruturação de Juiz de Fora, a abertura de ruas, os projetos de saneamento, a efetivação de códigos de postura, o aparecimento de cafés e teatros sugerem que a cidade passou a respirar ares mais modernos, especialmente a partir do último quartel do século XIX. (CUNHA JUNIOR, 2011, p. 55).

A cidade passou a ser normatizada segundo os novos hábitos da vida carioca, pois foi influenciada a partir de sua aproximação com a cidade do Rio de Janeiro e de seu cosmopolitismo (CHRISTO, 1994; CUNHA JUNIOR, 2011; MUSSE, 2008).

Como cidade do Século XIX, Juiz de Fora não participa da cultura colonial mineira. A proximidade e o maior intercâmbio econômico e cultural com o Rio de Janeiro, assim como a luta política contra o predomínio da zona de Mineração, provocaram na cidade um maior cosmopolitismo, uma abertura mais acentuada, se a compararmos com o antigo centro do ouro (CHRISTO, 1994, p. 1).

Portanto, pode-se destacar que a cidade de Juiz de Fora contraiu muitos dos costumes e práticas advindas da cidade do Rio de Janeiro, bem como suas práticas no campo do lazer, em que segundo Christo (1994), muitas das turnês teatrais apresentadas na cidade vinham da cidade do Rio de Janeiro. De acordo com os estudos feitos por Cunha Junior (2011) sobre o desenvolvimento das práticas corporais em Juiz de Fora nos anos de 1876 a 1915, é possível apreender como o esporte e até a corrida de rua surgem no meio urbano da cidade de Juiz de Fora, através dos registros do jornal *O Pharol*, que, segundo o mesmo autor, era considerado um importante periódico daquele período.

O florescimento dessas práticas corporais, a partir do ano de 1976, veio com o aumento do lazer e entretenimento que estavam acontecendo na cidade e “se apresentaram como marcas de um novo *modus vivendi*, articulando-se com este, por meio da espetacularização do corpo, da vivência do prazer e da valorização da estética corporal” (CUNHA JUNIOR, 2011, p. 64). Ainda segundo o autor, os argumentos para o crescimento das práticas corporais em Juiz de Fora e que se fazem, primeiramente, presentes com a ginástica e logo depois com o esporte, estão apoiados no discurso médico, por serem práticas que favorecem a saúde e, também, a diversão, com o circo, o teatro, as danças, etc.

O esporte, também apresentou conexões importantes com aquele cenário e, talvez até mais do que a ginástica, articulou-se com o ideário inovador da modernidade em sua perspectiva de desafio, disputa, velocidade, comparação de resultados, exposição do corpo e prazer. (CUNHA JUNIOR, 2011, p. 58).

Com advento do esporte no cotidiano da cidade, como um hábito da modernidade, surge a corrida de rua na cidade de Juiz de Fora, a qual teria ganhado notoriedade, também, no final do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro (CUNHA JUNIOR, 2011). Em 1886, foi fundado o Club Atlético de São Salvador, formado por um grupo de alunos do colégio São Salvador, em Juiz de Fora, e se caracterizava como um clube de “corridas a pé”, que tinha como propósito organizar e realizar provas abertas

de corrida à população da cidade, que se configurava como uma espécie de espetáculo (CUNHA JUNIOR, 2011).

Segundo Cunha Junior (2011), no final do século XIX e início do século XX, o esporte se tornou popular na cidade de Juiz de Fora, pois permitiu novas vivências e experiências e fez surgir outras categorias como: o ciclismo, que propagava, assim como a corrida, uma “sensação de romper o ar”, uma liberdade de deslocamento alcançada por si próprio; a luta, que se revela como um esporte de força e verdadeiras disputas com as apostas; e o futebol, que, até hoje, continua bastante presente no cotidiano dos brasileiros.

Entretanto, para Burkowski e Zacarias (2003), os jogos esportivos tiveram seu destaque nas décadas de 1960 e 1970, na cidade de Juiz de Fora, devido à propagação dos incentivos pelo Estado que tinha a intenção, principalmente, de alienar a verdadeira função do esporte, pensamento esse que já foi anteriormente mencionado com o segundo período do lazer no Brasil, que é caracterizado pelo regime militar.

A ênfase no esporte universitário, em tão conturbada ebulação política, teve seu papel: o esporte posicionou-se, como via de regra, isolado das realidades econômicas, sociais e políticas que o condicionavam, confirmando importantes estudos de sociologia do esporte, para os quais a função cultural do esporte oculta a sua verdadeira função social. (BURKOWSKI; ZACARIAS, 2003, p. 323).

E em 1978, foi criado o Departamento de Esportes em Juiz de Fora, que passou a formular programas voltados ao lazer e a recreação na cidade como: o “Caravanas de lazer”, que foi o primeiro programa iniciado pelo Departamento de Esporte e teve como finalidade levar atividades recreativas para as áreas rurais da região; o “Ruas de Lazer”, que foi um programa nacional adaptado do EPT e chegou na cidade por volta dos anos de 1982, o qual se caracterizava por ações feitas através dos esportes tradicionais e jogos recreativos; e, também, o programa chamado de “Bairros de Lazer”, em que eram feitas intervenções sociais em bairros mais precários da cidade, a partir de atividades esportivas e recreativas. (BURKOWSKI; ZACARIAS, 2003). Outra ação destacada ainda por Burkowski e Zacarias (2003) se constitui na parceria entre o poder público e a iniciativa privada no ano de 1996, em que foram realizadas atividades recreativas às quartas-feiras em escolas e creches municipais.

É interessante destacar, aqui, a Corrida da Fogueira (figura 6 e 7), que tem uma expressiva importância na cidade de Juiz de Fora quando se observa a história

dos eventos esportivos e até mesmo parte da história da cidade. Ela teve sua primeira edição no dia 23 de junho de 1942, com a participação de 47 atletas (homens) e teve um percurso de sete quilômetros de distância. Ela é identificada por esse nome, porque surgiu a partir de uma ideia do entusiasta do esporte chamado Vicente Ferreira dos Santos, que criou a corrida com intuito de divulgar a festa junina do Bairro Mariano Procópio, em que os vencedores tinham a tradição e a honra de acender a fogueira da festa (PEREIRA; CUNHA JUNIOR, 2003).

Segundo Pereira e Cunha Junior (2003) a Corrida da Fogueira, em sua 9º edição no ano de 1950, passou a se caracterizar como um evento à parte, pois foi realizada junto à nova sede do Sport Club Mariano Procópio e não teve mais a presença da festa junina, destacando a corrida como um acontecimento da noite. Já na década de 1970, devidos aos incentivos dos órgãos ligados ao desenvolvimento do esporte brasileiro, como o Conselho Nacional do Desporto (CND), que via a corrida como uma forma de desenvolvimento da cultura nacionalista e da prática de atividade física, a corrida passou a ter uma extrema organização, que vai desde a sua fiscalização até a declaração dos atletas e equipes vencedoras (PEREIRA; CUNHA JUNIOR, 2003).

Figura 6 - Corrida da Fogueira, em junho de 1956.



Fonte: Arquivo do Blog Maria do Resguardo. Disponível em:
<http://www.mariadoresguardo.com.br/search?q=CORRIDA>. Acesso em: 18 abr. 2017.

Figura 7 - Largada da Corrida da Fogueira em 1974.



Fonte: Pereira e Cunha Junior (2003).

Em 1975, a corrida teve uma programação rígida e contou com a presença de atletas internacionais (PEREIRA; CUNHA JUNIOR, 2003). Em 1976, segundo Pereira e Cunha Junior (2003, p. 252), foi encontrado “o primeiro registro de participação das mulheres na Corrida da Fogueira”. Segundo os mesmos autores a Corrida da Fogueira teve alguns anos de interrupção, que foram: em 1964, devido à ditadura militar e no período de 1980 a 1983, fase em que os organizadores não tiveram recursos necessários para a realização da prova. A partir do ano de 1984 a Corrida da Fogueira voltou a ser realizada novamente, quando a promoção do evento foi cedida à Prefeitura e passou a ser organizada pela Secretaria Municipal de Educação (PEREIRA; CUNHA JUNIOR, 2003). Em 2017 a corrida completou sua 70º edição, se confirmado como um evento de lazer de forte expressão, de valor simbólico e cultural para a cidade.

Hoje, é possível observar a prática da corrida de rua no meio urbano da cidade, bem como seus eventos de competições aos finais de semana. Desta maneira e segundo Herstein e Berger (2013), que dividem os eventos esportivos em dois aspectos a partir da abrangência do evento, que pode ser local ou internacional (e, também, através da longevidade, que pode ser definidos em únicos ou contínuos), as corridas de Juiz de Fora podem ser categorizadas como eventos esportivos pequenos conforme é demonstrado e destacado no quadro 10.

Quadro 10 - Categorias dos eventos esportivos.

EVENTOS	CARACTERÍSTICAS
Mega-Eventos Esportivos	<ul style="list-style-type: none"> • Grande alcance e atenção internacional. • Exemplos: os Jogos Olímpicos de Inverno e de Verão e a Copa do Mundo de Futebol.
Eventos Esportivos Internacionais	<ul style="list-style-type: none"> • Possuem forte associação do nome do evento com a cidade. • Exemplos: são os GP's de Fórmula 1, o torneio de tênis da série Grand Slam, e grandes torneios internacionais de clubes de futebol.
Eventos esportivos médios	<ul style="list-style-type: none"> • Atraem participantes locais e turistas do mesmo país. • Exemplos: As ligas nacionais de variados esportes (futebol, basquete, voleibol e outros) se enquadram nessa classificação, bem como as maratonas anuais da maioria das cidades.
Eventos esportivos pequenos	<ul style="list-style-type: none"> • Possuem pouco impacto econômico e podem causar grande efeito positivo no espírito e na moral da comunidade. • Os indivíduos envolvidos no planejamento público devem considerar esses eventos como a melhor maneira de promover negócios em suas cidades.

Fonte: Adaptado de Maioral (2014).

Através das figuras 8 e 9, pode-se identificar o passado recente da corrida na cidade e ainda perceber aspectos de sua localização, as quais foram registradas na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Figura 8 - I Corrida do Lago da Universidade Federal de Juiz de Fora em 1974.



Fonte: Arquivo do Blog Maurício Lima Correa. Disponível em: <<http://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com.br/2016/02/universidades-0-fotos.html>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

Figura 9 - XII Corrida do Lago da Universidade Federal de Juiz de Fora em 1988.



Fonte: Arquivo do Blog Maurício Lima Correa. Disponível em: <<http://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com.br/2016/02/universidades-0-fotos.html>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

Como regulamentação para a prática do lazer na cidade foi promulgada a Lei nº 11.197, que institui o Código de Posturas do Município de Juiz de Fora e regulamenta a prática de eventos em espaços da cidade para a promoção do lazer e divertimento nos espaços públicos.

Art. 72 que “as atividades de entretenimento, promoção, beneficência ou esporte, em vias e logradouros públicos, ou recintos de acesso ao público deverão atender às normas técnicas de segurança, proteção ambiental, ordem pública, acessibilidade, conforto e higiene” (JUIZ DE FORA, 2006, p. 19).

Para a promoção da caminhada e da corrida de rua na cidade foram identificados alguns programas realizados pela prefeitura de Juiz de Fora, a partir da SEL, que são: o “JF Paralímpico”, que propicia a prática de exercícios físicos, como o atletismo, para as pessoas com algum tipo de deficiência durante certos dias na semana e o programa “JF Esporte e Cidadania” (figura 10), que leva a prática da atividade física e esportiva, como a caminhada orientada, para a população em todas as regiões da cidade.

Figura 10 - Prática da caminhada orientada através do programa JF Paralímpico.



Fonte: Secretaria de Esporte e Lazer realiza 1ª Caminhada JF Esporte e Cidadania. Disponível em: <<https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=56556>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

Sobre a regulamentação mais específica aos eventos de corridas de rua na cidade, a Prefeitura de Juiz de Fora estabelece em conjunto com a Secretaria de Esporte e Lazer (SEL) o chamado *Ranking* de Corridas de Rua e tem por objetivo normatizar as corridas, bem como fomentar a prática esportiva na população (RANKING, 2017).

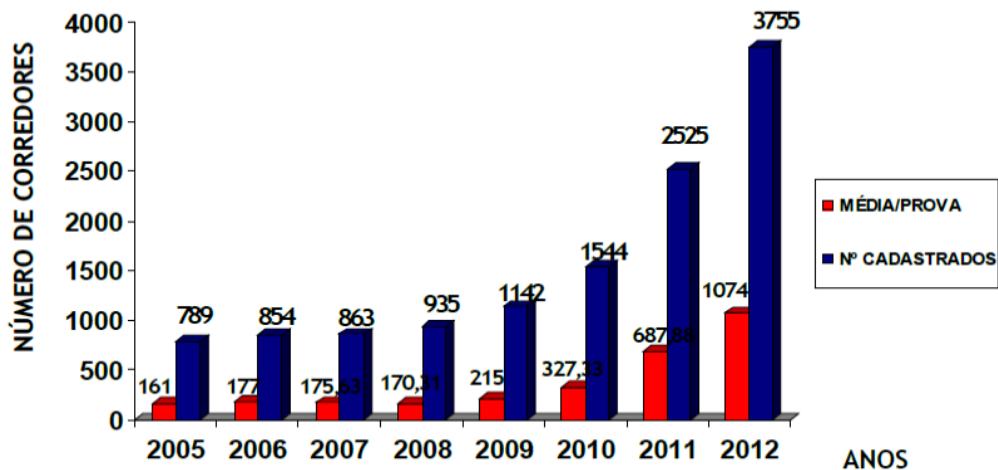
Art. 1 - Organizar, padronizar e desenvolver as estruturas e o nível técnico do Ranking Prefeitura de Juiz de Fora de Corridas de Rua.
 Art. 2 - Possibilitar a prática desportiva, como instrumento de formação cidadã e inclusão social. Art. 3 - Divulgar, incentivar e conscientizar sobre a importância da prática da atividade física, por meio das corridas de rua, além de oportunizar o surgimento de novos talentos esportivos. (RANKING, 2017, p. 3).

O *Ranking* de Corridas de Rua é caracterizado por gerar uma classificação entre os competidores masculinos e femininos, tanto individuais como por equipes, em suas mais variadas faixas etárias e, ainda, para as pessoas com deficiência (PCDs) (RANKING, 2017). Essa classificação contribui para o aumento do número de inscritos nas corridas de rua da cidade, pois gera premiações entre os classificados, que variam de mil a trezentos Reais.

A partir dos dados indicados pelo relatório final do Ranking (2012), é possível identificar o crescimento da corrida na esfera local que acompanha, também, a

evolução nacional e internacional, e, segundo o gráfico 9, pode-se observar a média de participantes do Ranking de Corridas de Rua entre os anos de 2005 e 2012.

Gráfico 9 - Média de participantes do Ranking de Corridas de Rua entre 2005 e 2012.



Fonte: Ranking (2012, p. 3).

Ainda, conforme os dados fornecidos pelo Ranking (2012), sobre os números de corredores por sexo das corridas feitas pela SEL no ano de 2012 (quadro 11), destaca-se que o número de corredores do sexo masculino sempre foi superior em relação ao sexo feminino, em todas as provas, e que a Corrida da Fogueira teve o segundo maior número total de inscritos.

Quadro 11 - Número de corredores por sexo em todas as corridas de rua realizadas pela SEL no ano de 2012.

MÊS	DIA	PROVA	Nº PARTICIPANTES		
			M	F	TOTAL
ABRIL	15	I Meia Maratona da Saúde Suprema /PJF	662	359	1.021
MAIO	13	II Corrida UFJF/PJF	745	425	1.170
JUNHO	24	XIII Corrida do Asfalto de Chácara/ PJF	341	140	481
	30	Corrida da Fogueira	812	557	1.369
AGOSTO	05	I VOLTA DA DEUSDEDIT	452	261	713
	26	XXV CORRIDA DUQUE DE CAXIAS	855	453	1.308
SETEMBRO	16	3º CORRIDA MEDQUÍMICA/GANBERRY	724	413	1.137
OUTUBRO	21	TRIAL RUN X TERRA	594	286	880
NOVEMBRO	11	3º CORRIDA CAMILO DOS SANTOS E ASSOCIAÇÃO DOS CEGOS/PJF	806	500	1.306
DEZEMBRO	02	2º CORRIDA DA MERCEDES-BENZ/PJF	936	576	1.512
PERCENTUAL POR SEXO			63,5	36,5	
MÉDIA DE CORREDORES			692,7	397	1.074,7

M – sexo masculino
F – sexo feminino

Fonte: Ranking (2012, p. 3).

De acordo com o levantamento feito, foram realizados 21 eventos de corrida de rua na cidade de Juiz de Fora no ano de 2016, tendo esses eventos um predomínio de distâncias a serem percorridas durante a competição, conforme é identificado no gráfico 10, em que o termo “outras” é caracterizado como sendo outros tipos de distâncias percorridas (3,3 km, 4,2 km, etc.) e que são verificadas uma vez em eventos distintos, podendo-se concluir que as categorias de corridas tipo caminhada, modalidade infantil e 3 km tem maiores ocorrências nos eventos de corridas praticadas na cidade.

Gráfico 10 - Distâncias percorridas nos eventos de corrida de rua em Juiz de Fora, 2016.

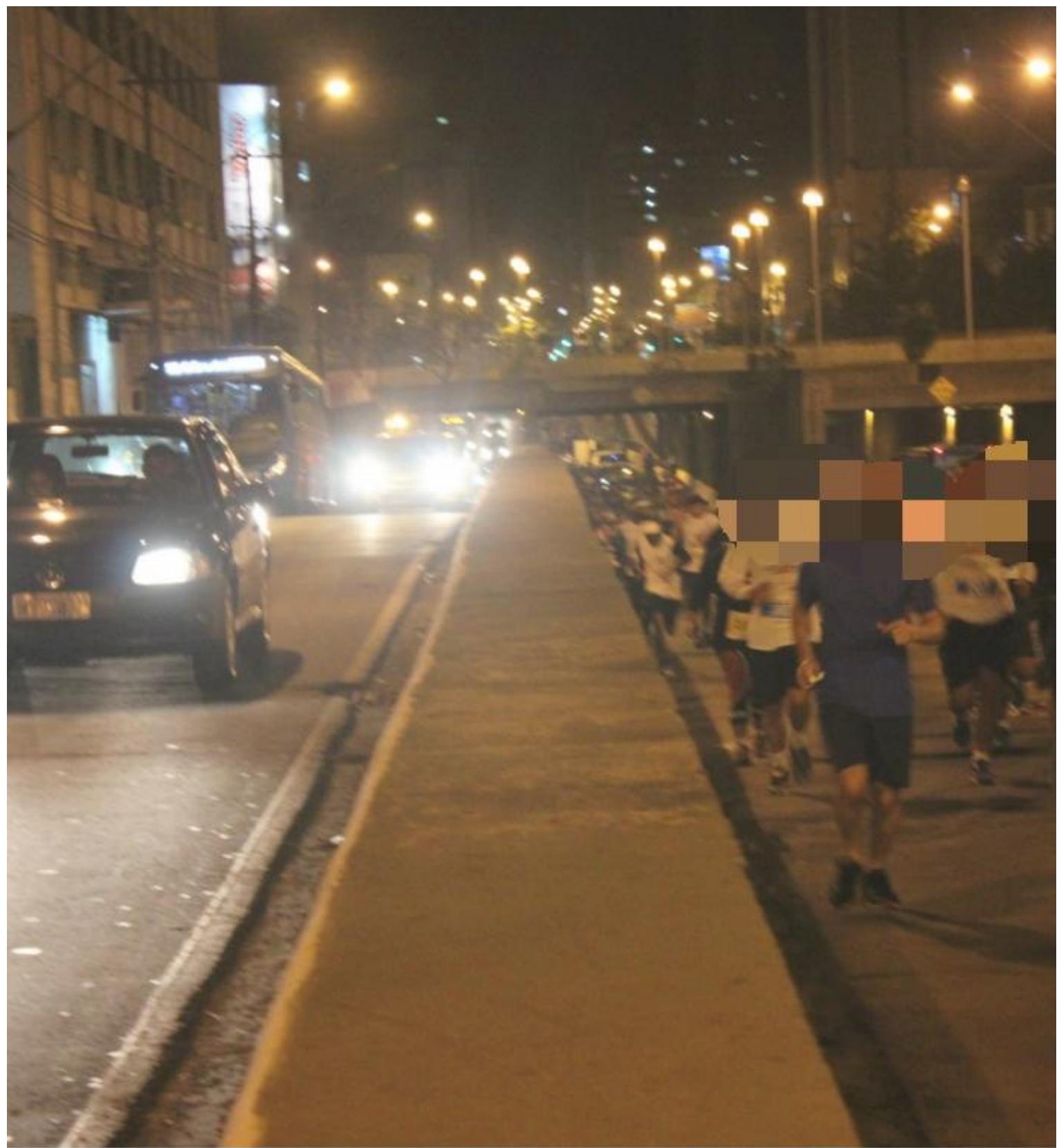


Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados disponíveis em:
<http://www.corridasbr.com.br/mg/Calendario.asp> e <https://diadecorrer.com/calendario/mg>.
Acesso em: 24 nov. 2016.

Sobre os eventos de corridas presentes, atualmente, na cidade é perceptível a preferência de alguns lugares que se evidenciam na paisagem urbana e são simbólicos também para a prática da caminhada. Conforme Colchete et al. (2014), a cidade apresenta três lugares de destaque para a prática esportiva em função de seus atributos locacionais e características ambientais que são: o campus da Universidade Federal de Juiz de Fora, as calçadas no entorno da avenida Brasil e o museu Mariano Procópio. Os dois primeiros lugares são identificados repetidamente como locais para os eventos de corrida de rua na cidade, que dividem palco, ainda com a Av. Barão do Rio Branco, local do percurso da mais famosa corrida da cidade, que é a Corrida da Fogueira e, mais recentemente, a Via São Pedro, na cidade alta, que se interliga com a BR-040.

Pode-se compreender que o lazer na cidade de Juiz de Fora é também característico das transformações que as cidades sofreram, tanto na esfera nacional,

como internacional. A corrida de rua representa no cenário da cidade uma perspectiva de vivência do espaço urbano, de sociabilidade com o entorno, mas que não deixa de compactuar com as práticas do mercado e do consumo, retratado adiante.



RELAÇÕES DA CORRIDA DE RUA COM OS ESPAÇOS PÚBLICOS DE JUIZ DE FORA

3 RELAÇÕES DA CORRIDA DE RUA COM OS ESPAÇOS PÚBLICOS DE JUIZ DE FORA

As cidades, os espaços públicos, as estradas, vias e ruas são lugares de conformação para a prática dos eventos de corrida de rua, que caracterizam cada vez mais as cenas urbanas, assim como Augustin (1997) identifica o oceano, o mar, a onda, e a praia na prática do surf como o palco para uma espécie de espetáculo de teatro. Os esportes em geral, geram, segundo Mascarenhas (1999), uma paisagem própria, que determina uma ligação entre a sociedade e o entorno, onde o autor acrescenta, ainda, que o esporte afeta o espaço geográfico e é por ele mesmo afetado. Com a prática da corrida de rua isso não é diferente, pois para Torres (2016, p. 72) “os parques abertos, praias, praças, canteiros de avenidas e mesmo as próprias pistas de rolamento servem como palco de uma multidão de atletas amadores que se movem como cidadãos a reivindicar seu espaço”. Essa diversificação territorial dos espaços no território urbano, chamada por Augustin (2002) de multiterritorialidade, é indicada por Mascarenhas (1999) a partir da natureza e sua paisagem que configuram essa infinita possibilidade de modalidades esportivas.

A corrida de rua, assim, apresenta particularidades próprias na sua conformação que estabelecem relação com os espaços e lugares para a sua realização. E, em se tratando dos eventos de corrida de rua como um evento de caráter competitivo no espaço público, existem certos lugares ou aspectos apropriados que compreendem e caracterizam sua efetivação na paisagem urbana, assim de acordo com Mascarenhas (1999), esses lugares simbólicos das atividades esportivas afetam a dinâmica urbana, segundo sua localização e forma espacial que são próprias de cada modalidade esportiva.

Este conjunto é baseado sobre as situações motoras próximas dos gestos esportivos que se exprimem nos clubes e no consumo, e sobre a diversificação dos espaços de práticas. A novidade vem da multipolaridade das escalas territoriais, da diversidade de relacionamentos aos lugares e aos espaços que podem se resumir através da noção de multiterritorialidade. (AUGUSTIN, 2002, p. 418, tradução nossa).

A partir dessa multiterritorialidade esportiva e dos diversos espaços, lugares e meandros que a corrida de rua ocorre, é preciso segundo Augustin (2002) se questionar sobre os aparatos e formas de ações públicas e planejamento, que irão

contribuir para o desenvolvimento da cultura do esporte, seja qual for a sua modalidade. Além de estabelecer essa conexão com as configurações espaciais esses símbolos das atividades esportivas como os estádios, pistas e ginásios são objetos na paisagem urbana que estão inseridos no repertório imagético da sociedade “como, por exemplo, nos mapas mentais, aqueles que procuram sintetizar a percepção humana em uma cartografia subjetiva, calcada em sentimentos do homem comum diante dos lugares” (MASCARENHAS, 1999, p. 52). São também caracterizados por Careri (2013), que diz que os aspectos das cidades, seja os lugares a margem ou não do espaço urbano, se constituem e dão forma a paisagem urbana que percebemos através dos percursos urbanos e do caminhar na cidade e que, aqui, se estabelecem a partir da prática da corrida de rua.

Para Augustin (1997) é preciso se indagar como se dá concretamente esses espaços dos esportes que são sociais, geográficos e simbólicos a partir das questões de organização e planejamento, dado que a forma como pensamos as configurações dos aspectos das corridas de rua podem influenciar na vivência dos espaços urbanos. Um exemplo dessa mudança na dinâmica cotidiana dos espaços através da prática da corrida de rua é, segundo Dallari (2009), evidenciado a partir do compartilhamento ou não desses espaços com os usuários habituais daquele lugar, que acabam atuando no controle ou na privatização, mesmo que por determinadas horas do dia, naquela localidade e no seu meio.

Portanto, existem lugares propícios para a prática dos esportes, que demandam algumas questões necessárias em sua estrutura para que as pessoas possam participar, seja como espectadores ou mesmo praticantes (AUGUSTIN, 1997), que na corrida de rua se dá através do transporte, da acessibilidade da população, estrutura da pista, suporte para serviços, fluxos viários, banheiros, entre outros aspectos, que são fundamentais para o funcionamento da grande maioria dos eventos esportivos ao ar livre. Sobre as corridas de rua aqui indicadas, a análise espacial feita, segundo a metodologia já mencionada anteriormente, é representada a partir das: configurações das corridas; configurações dos percursos e configurações do entorno.

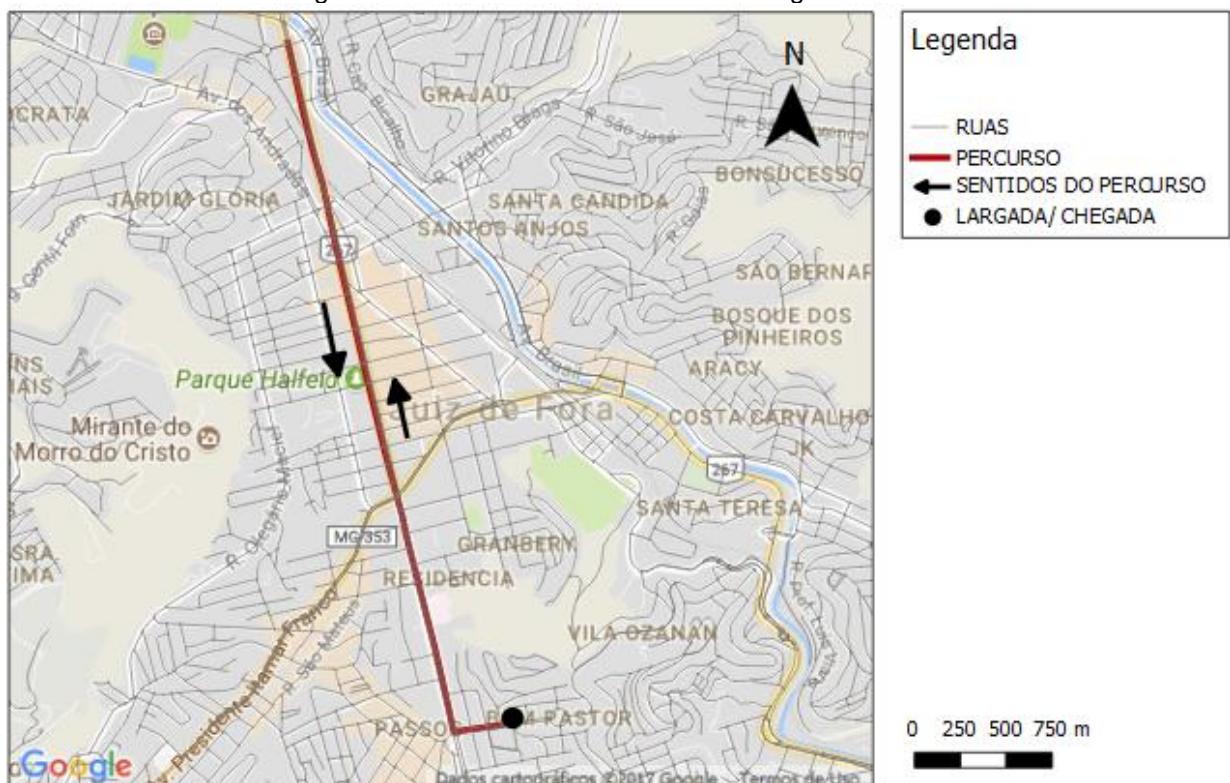
3.1 CONFIGURAÇÕES DAS CORRIDAS

As corridas de rua abarcam uma série de fatores que dão suporte as escolhas de determinados praticantes a sua participação ou não e até mesmo fatores

que estão ligados à conformação do evento em si. Para Blin (2012, p. 281, tradução nossa), “o evento produz certo número de efeitos territoriais, materiais ou não, que variam obviamente de acordo com a importância das corridas”. E é exatamente o que queremos extrair aqui, a partir da manifestação dos aspectos intrínsecos das corridas, que revelam a significância do evento através dos seus usuários e sua estrutura básica, que estão representados nas: distâncias percorridas; modalidades; período; presença de banheiros; postos médicos e sinalização.

A 70º Corrida da Fogueira (figura 12), a mais famosa corrida da cidade, apresenta um percurso de 7 quilômetros, no qual participam idosos, PCDs (Pessoas com Deficiência), homens e mulheres. A corrida foi realizada no período noturno sobre um trajeto (figura 11) que vai desde a praça Presidente Médici, situada no bairro Bom Pastor, local da largada/chegada, perpassando toda a Av. Barão do Rio Branco até aproximadamente o cruzamento com a Av. Brasil, no bairro Manoel Honório.

Figura 11 - Percurso da 70º Corrida da Fogueira.



Fonte: Aplicativo Strava, editado pela autora, 2017.

Utilizam como sinalização as estruturas de cones, grades e faixas, e ainda apresenta um letreiro luminoso com a indicação do tempo na largada/chegada. É interessante destacar, também, a presença de um carro de som localizado no meio do percurso para animação dos participantes. A corrida contou, também, com o auxílio de

banheiros químicos, uma ambulância como o suporte médico e tendas das equipes esportivas e academias presentes na cidade, bem como lojas de produtos esportivos e *food trucks*.

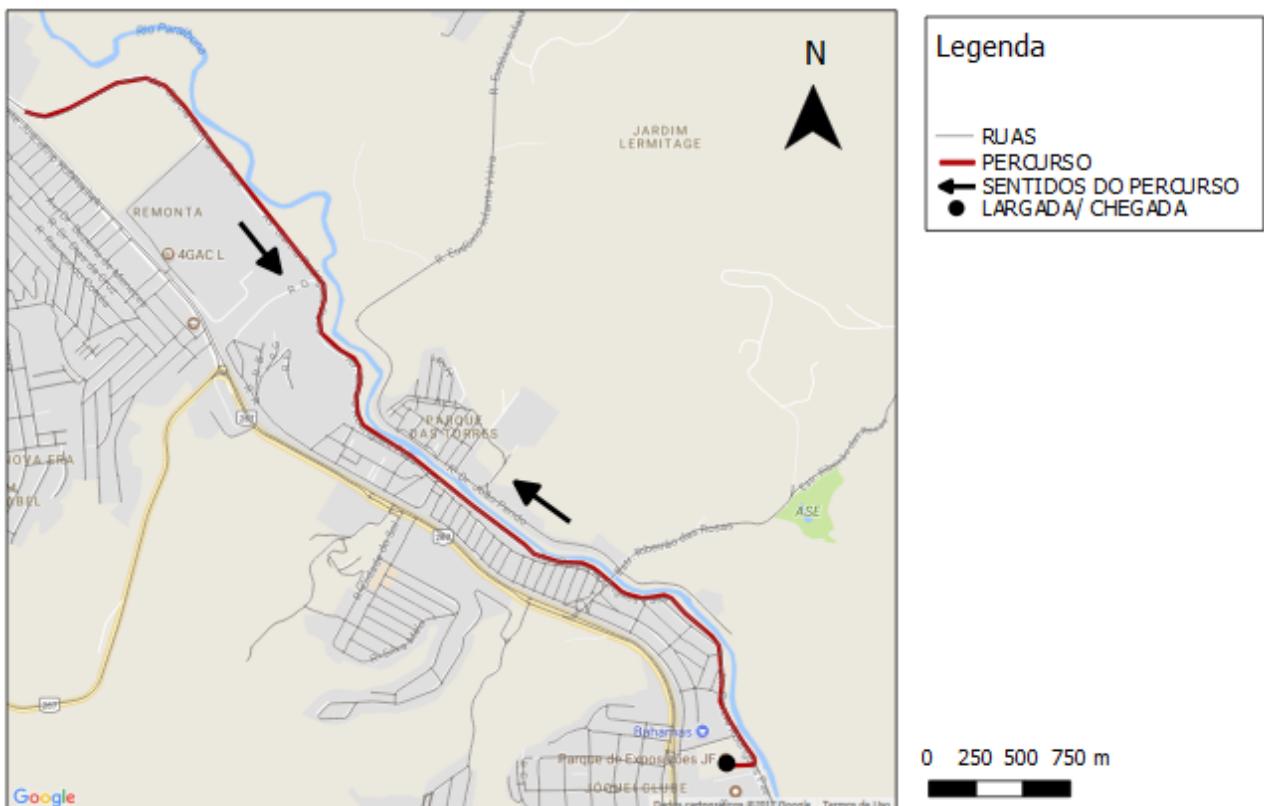
Figura 12 - 70º Corrida da Fogueira.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

A segunda corrida analisada foi a 2^a Corrida Correndo das Drogas (figura 14), que está presente no calendário do 31º ranking da Prefeitura de Juiz de Fora e apresenta dois percursos de provas que são de: 3 quilômetros de caminhada e 10 quilômetros de corrida; em que participam idosos e PCDs, homens e mulheres. A corrida foi realizada no período matutino, teve seu trajeto (figura 13) mais extenso a partir do Parque de Exposições de Juiz de Fora, situado na zona norte da cidade, que foi o local da largada/chegada, bordeando a Av. Garcia Rodrigues Paes, também conhecida como Acesso Norte, até a volta na altura do edifício da IMBEL (Indústria de Material Bélico do Brasil).

Figura 13 - Percurso da 2ª Corrida Correndo das Drogas.



Fonte: Aplicativo Strava, editado pela autora, 2017

Utilizou como sinalização as estruturas de grades e cones, apresentando, também, um letreiro com a indicação do tempo na largada/chegada. Foram identificados, ainda, banheiros químicos e uma ambulância como o suporte médico. É perceptível, também, a presença das tendas das equipes esportivas e academias presentes na cidade, bem como lojas de produtos esportivos.

Figura 14 - 2ª Corrida Correndo das Drogas.

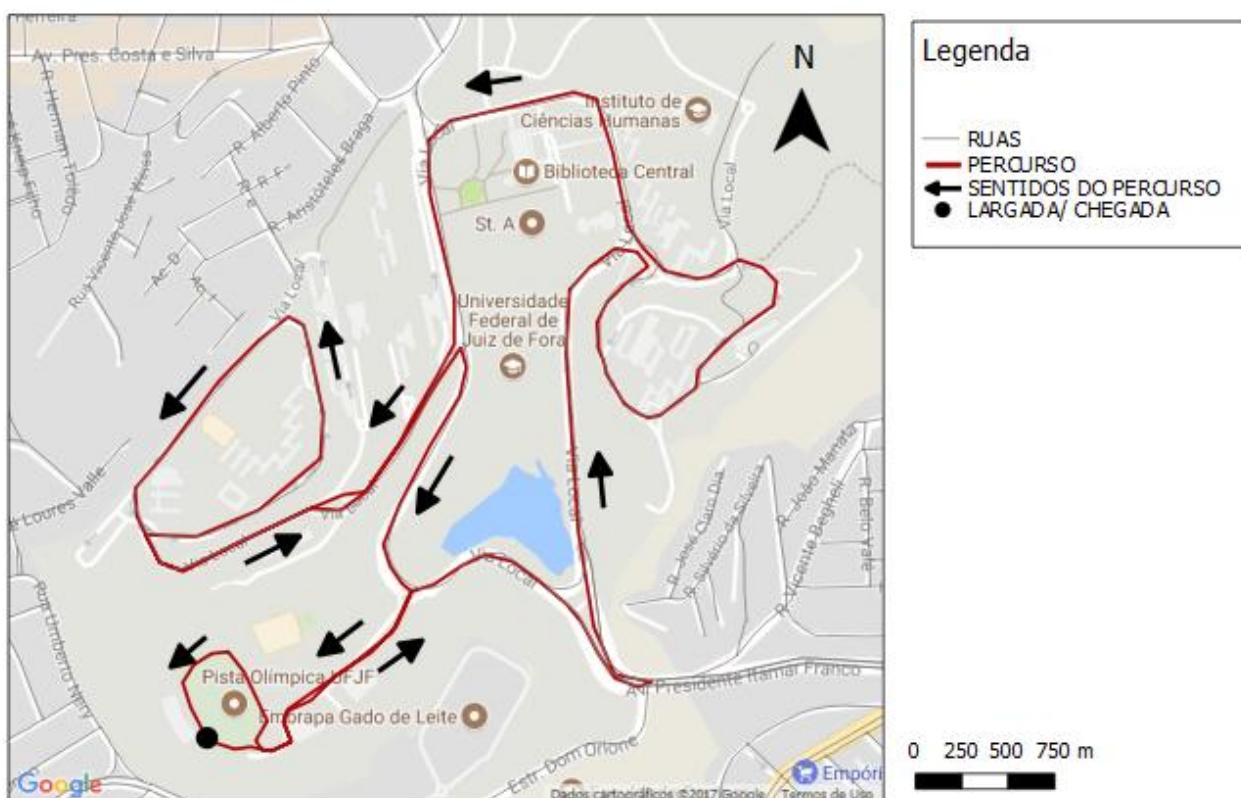


Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

Já a 1ª Corrida e Caminhada Faefid (Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Federal de Juiz de Fora), (figura 16), também está presente

no calendário do 31º Ranking da Prefeitura de Juiz de Fora e apresenta um percurso de 7 quilômetros de corrida e 3,5 quilômetros de caminhada, em que participam crianças, idosos e PCDs, homens e mulheres. A corrida foi realizada no período matutino sobre um trajeto (figura 15) que vai desde a pista de corrida da Faefid, como local de largada/chegada, perpassando o campus da UFJF.

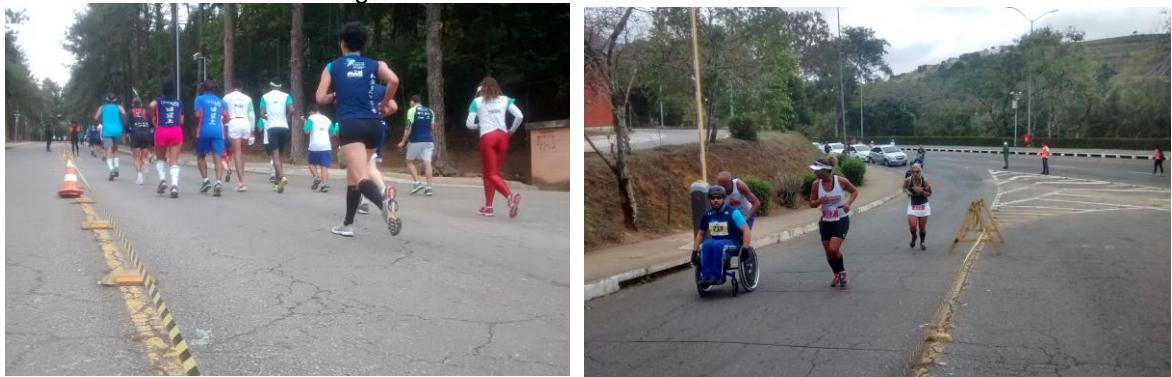
Figura 15 - Percurso da 1ª Corrida e Caminhada Faefid.



Fonte: Aplicativo Strava, editado pela autora, 2017.

Para a sinalização foram utilizadas as estruturas de cones, grades e faixas, e, também, apresentam um letreiro para a indicação do tempo na largada/chegada. As estruturas de banheiros foram feitas a partir do usufruto das instalações da UFJF e foi identificada uma ambulância como suporte médico. Outra característica também presente nessa corrida é a presença de tendas das equipes esportivas, academias e lojas de produtos esportivos localizados na cidade, além de tendas com vendas de produtos alimentícios nutritivos.

Figura 16 - 1^a Corrida e Caminhada Faefid.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

3.2 CONFIGURAÇÕES DOS PERCURSOS

Quando se trata de um evento de corrida de rua, um das questões que se sobressai no espectro do praticante e até mesmo do espectador é o percurso a ser adotado pela corrida, que apresenta uma ligação preliminar da prática esportiva com a paisagem da cidade. No caso da cidade de Juiz de Fora apresenta peculiaridades segundo a escolha da localização devido à topografia presente, que será um dos aspectos físicos do percurso a serem avaliados. Outras características presentes estão na: vegetação; rios e lagos; calçadas; pista e canteiros, muros e grades. Para Blin (2012), um dos aspectos que marcam os percursos das corridas é a utilização das vias largas, pois comportam a passagem de uma grande quantidade de corredores, e dependendo do porte da corrida isso influenciaria a escolha do percurso.

De acordo com o percurso da 70º Corrida da Fogueira e, segundo seu gráfico topográfico (gráfico 11), a corrida apresenta um ganho de elevação de 135 metros, que corresponde ao acúmulo das cotas de subidas percorridas durante o trajeto. A vegetação durante o percurso é rarefeita, possuindo árvores de médio e pequeno porte nos canteiros ao redor da Av. Barão do Rio Branco e visibilidade para o Parque Halfeld, o Largo do Riachuelo e a Praça Presidente Médici no Bom Pastor, não possuindo a presença de elementos hidrológicos, como rios e lagos. O roteiro apresenta calçadas regulares em boa parte do percurso, via asfaltada e larga, com existência de canteiros e grades em alguns trechos como delimitadores e controladores do trajeto.

Gráfico 11 - Altimetria do percurso da 70º Corrida da Fogueira.



Fonte: Aplicativo Strava, editado pela autora, 2017.

Para a 2ª Corrida Correndo das Drogas, o percurso apresenta um ganho de elevação de 33 metros (gráfico 12), considerado baixo de acordo com a topografia da cidade, que revela ser um terreno de baixo acente, no qual o praticante da corrida não vai precisar fazer tanto esforço para percorrer. A vegetação durante o trajeto é em sua maior parte densa, possuindo árvores de grande, médio e pequeno porte ao redor do Rio Paraibuna, caracterizando como um elemento hidrológico marcante, presente em todo o trajeto e durante um trecho é possível avistar a Mata do Krambeck, que é identificada como uma unidade de conservação. O roteiro apresenta calçadas irregulares, via asfaltada e larga, com existência de canteiros em alguns trechos.

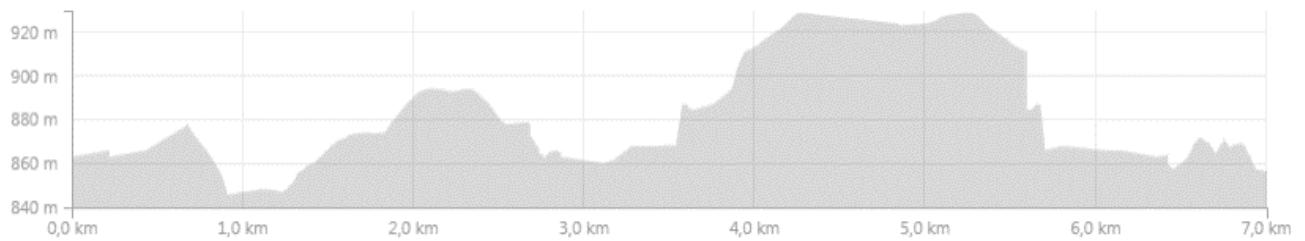
Gráfico 12 - Altimetria do percurso da 2ª Corrida Correndo das Drogas.



Fonte: Aplicativo Strava, editado pela autora, 2017.

Já a partir do percurso da 1ª Corrida e Caminhada Faefid, o ganho de elevação é de 162 metros (gráfico 13), considerado bem elevado, pois o percurso apresenta grandes subidas, tendo o ponto mais alto 929 metros de altitude contra 846 metros do mais baixo, que apontam um maior esforço para o praticante da corrida de rua. A vegetação durante o trajeto é densa, possuindo árvores de grande e médio porte, bem como a existência de grama em boa parte do percurso e visibilidade, em um trecho do caminho, para o Lago da UFJF, como presença de um elemento hidrológico. O roteiro apresenta calçadas regulares, via asfaltada e larga, com existência de canteiros e grades em alguns trechos.

Gráfico 13 - Altimetria do percurso da 1ª Corrida e Caminhada Faefid.



Fonte: Aplicativo Strava, editado pela autora, 2017.

3.3 CONFIGURAÇÕES DO ENTORNO

A análise da configuração do entorno das corridas de rua se apresentam como peça chave para essa compreensão espacial e até mesmo social que buscamos. Essas características são vistas a partir de uma escala mais abrangente, como forma de tentar entender o que se passa naquele determinado momento do evento, que estão diretamente relacionadas com a cidade e a paisagem a sua volta e que, de determinada maneira, são fatores que intervém na gestão e planejamento dos espaços públicos das cidades, no presente e futuro. Por isso são observados: o tráfego (fluxos viários); as edificações (usos); os pontos de táxis; pontos de ônibus e estacionamento.

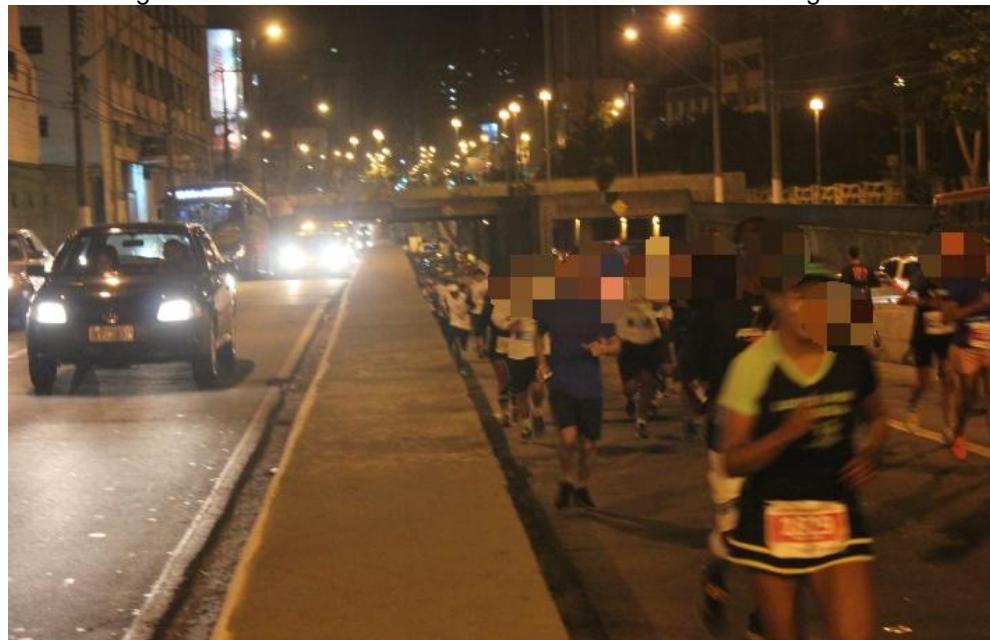
Como três quartos das maratonas e meias maratonas são realizadas nos centros das cidades, caracterizando-se como o coração das corridas, é necessário se pensar nos fluxos desses percursos, atentando-se ao não bloqueamento da cidade, para não comprometer a fluidez e a circulação naquele determinado momento do dia (BLIN, 2012).

Essas questões dos espaços públicos a partir da prática dos esportes ao ar livre transformam a percepção que temos dos lugares (AUGUSTIN, 2002). Para Blin (2012), a cidade nesse momento é vista por outro ângulo, em que temos o exemplo de se poder andar no meio de uma avenida, visto que no cotidiano da cidade isso seria impossível de se fazer, ou até mesmo sentar no gramado proibido. Por isso apresentam fundamental implicação no modo como percebemos os espaços públicos e a cidade vistos a partir desses eventos circunstanciais.

De acordo com a 70º Corrida da Fogueira, o fluxo de veículos no entorno é intenso (figura 17), pois está localizada em uma das principais avenidas da cidade e durante o evento o fluxo nas vias laterais são ainda maiores devido o deslocamento dos ônibus da faixa central da Av. Barão do Rio Branco, normalmente reservada ao transporte público, para as vias laterais, visto que a corrida ocupa a faixa central.

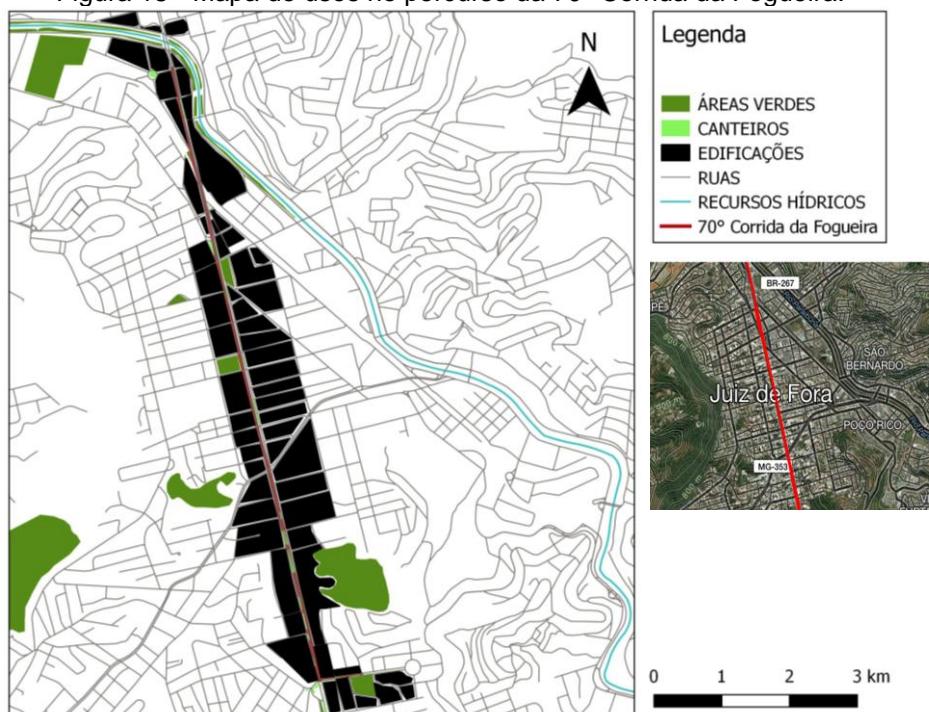
Conforme a figura 18, o percurso da corrida possui em seu entorno edificações com seus mais variados usos, como: residencial; comércio e serviços em grande quantidade; equipamentos públicos e áreas verdes. Foi observado, também, para acesso ao local da largada, na Praça Presidente Médici no Bom Pastor, a presença de pontos de ônibus e táxis próximos, não havendo muitos lugares para estacionamento.

Figura 17 - Fluxo intenso de veículos na 70º Corrida da Fogueira.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

Figura 18 - Mapa de usos no percurso da 70º Corrida da Fogueira.



Fonte: Elaborada pela autora (2017), a partir da base QGIS.

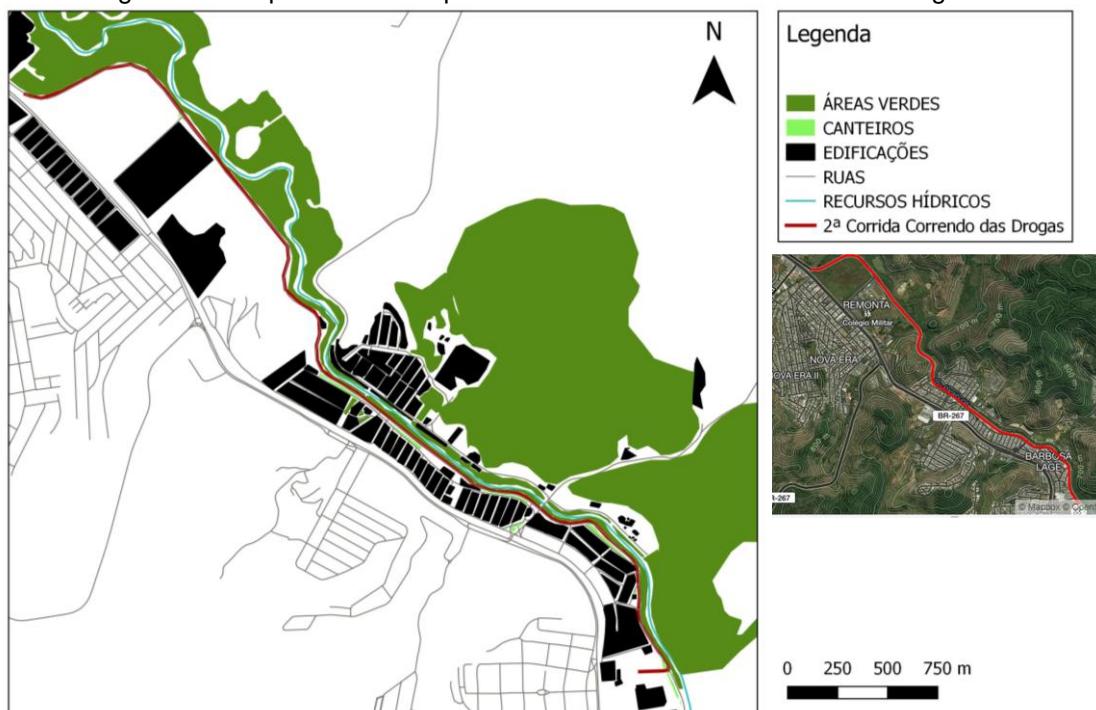
A 2ª Corrida Correndo das Drogas conta com um pequeno fluxo de veículos, mesmo sendo localizada, também, em uma avenida de grande acesso de veículos durante a semana, aos finais de semana esse fluxo diminui (figura 19). Já no seu entorno é possível perceber a presença de edificações com vários usos (figura 20), caracterizados em: comércio e serviços; residencial em pequena quantidade; área verde e terrenos vazios. Os acessos para a corrida se dão através da presença de pontos de ônibus e táxis próximos, havendo dentro do local de largada/chegada espaço para estacionamento (figura 21).

Figura 19 - Fluxo pequeno de veículos na 2ª Corrida Correndo das Drogas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

Figura 20 - Mapa de usos no percurso da 2ª Corrida Correndo das Drogas.



Fonte: Elaborada pela autora (2017), a partir da base QGIS.

Figura 21 - Estacionamento no local da largada/chegada da 2ª Corrida Correndo das Drogas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

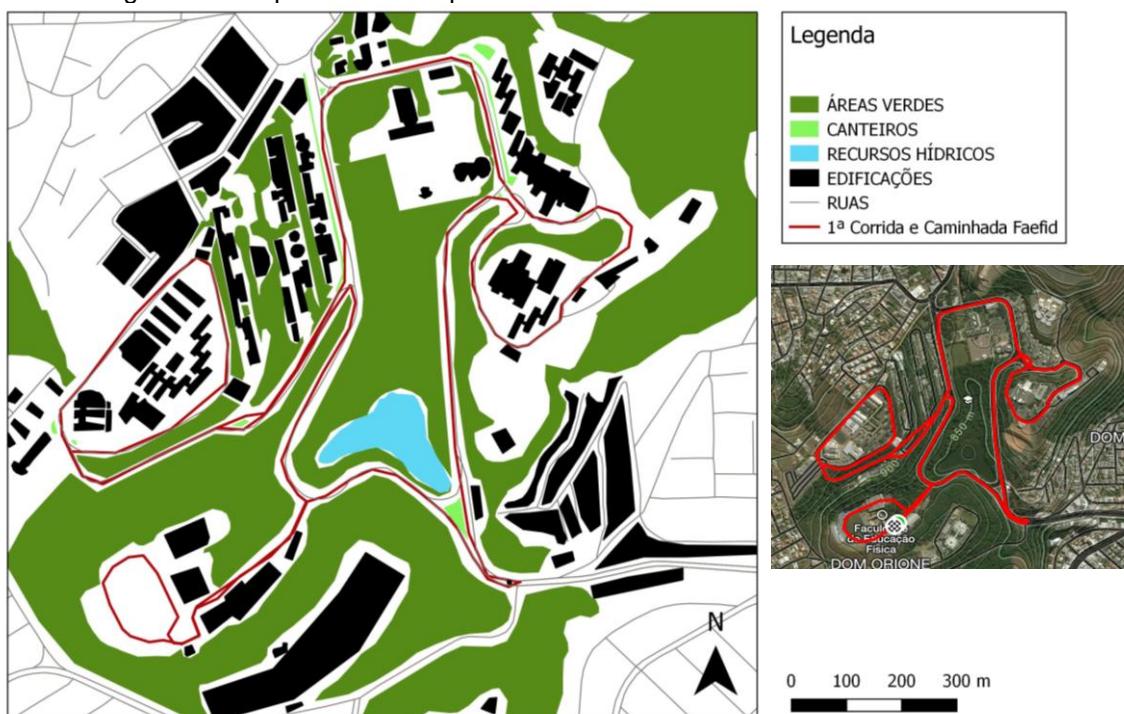
O fluxo presente na 1ª Corrida e Caminhada Faefid é pequeno e quase que ausente (figura 22), pois foi interditado completamente o tráfego dentro da UFJF. Como o percurso da corrida está totalmente dentro das instalações da universidade, o uso das edificações (figura 23) ao redor está definido na categoria dos equipamentos públicos e áreas verdes, por possuir amplas áreas arborizadas. E, como pontos de acesso ao local, foram observados a presença de pontos de ônibus e táxis próximos à entrada da universidade e amplo número de vagas para estacionamento de veículos dentro das instalações da universidade (figura 24).

Figura 22 - Fluxo de veículos inexistente na 1ª Corrida e Caminhada Faefid.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

Figura 23 - Mapa de usos no percurso da 1^a Corrida e Caminhada Faefid.



Fonte: Elaborada pela autora (2017), a partir da base QGIS.

Figura 24 - Estacionamento presente na 1^a Corrida e Caminhada Faefid.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.



TRANSFORMAÇÕES NA CIDADE A PARTIR DA CORRIDA DE RUA

4 TRANSFORMAÇÕES NA CIDADE A PARTIR DA CORRIDA DE RUA

Além das dinâmicas espaciais que a corrida influencia na cidade, existem, também, as dinâmicas sociais, pois “as novas configurações das atividades esportivas de lazer e os muitos espaços apropriados contribuem para a dinâmica espacial que ultrapassa o fenômeno esportivo” (AUGUSTIN, 2002, p. 424, tradução nossa). Os esportes, hoje, são cada vez mais envolvidos e influenciados por questões sociais, que dizem respeito ao poder econômico do praticante, os direitos de usufruto dos esportes, em geral, e até mesmo do espaço público. No que tange os esportes ao ar livre, essas configurações sociais estão relacionadas com a política e, até mesmo, a sociabilidade, como uma forma de encontro e ligação social nessa contemporaneidade, pois para Augustin (1997), os territórios incertos do esporte estão inseridos em um contexto mais amplo, que veio a partir do pós-modernismo.

Não é possível se entender o lazer isoladamente, sem relação com outras esferas da vida social. Ele influencia e é influenciado por outras áreas de atuação, numa relação dinâmica. Não entender esse processo pode levar a equívocos, que são muito comuns. (MARCELINO, 2006, p. 14).

Para Mascarenhas (1999, p. 5), as características dos esportes constituem um elemento importante para a “centralidade física e simbólica no interior do espaço urbano”, que acabam engendrando identidades territoriais e sentimentos indenitários. Para Callède (2010), os esportes podem ser uma forma de refletir a realidade social e, também, de intervir em seu meio, visto que compreendem as políticas públicas, a educação e concepções de práticas dos indivíduos, que acabam produzindo e gerando um pertencimento, uma identidade ou até mesmo tensões nos praticantes e usuários envolvidos com essas ações. Essa ideia é, também, compartilhada por Veloso (2007), ao afirmar que estes eventos geram impactos nas escalas social, cultural, política, ambiental, física, econômica e psicológica.

Devido essa interação com a escala espacial e social, os esportes são revelados, assim, para Dallari (2009), como um laboratório em que podem ser analisadas essas relações. Assim, os lugares dos esportes ao ar livre acabam incorporando e transmitindo os fenômenos sociais e econômicos (AUGUSTIN, 2002).

O esporte, estabelecendo-se como um elemento da cultura contemporânea aberta à imaginação das sociedades de todos os continentes, traz para cada um de nós a sensação de ser de vários lugares e ambientes ao mesmo tempo e abre perspectivas amplas para múltiplas análises geográficas. (AUGUSTIN, 1997, p. 411, tradução nossa).

Portanto, mesmo nos eventos de curta duração, para Chaudoir (2007), os espaços festivos correspondem a uma manifestação de ordem simbólica, que aqui são representados pelos espaços dos eventos de corrida de rua. A corrida de rua possui algumas características que vão influenciar nesse espectro social da sociedade e seu meio, mesmo que por vezes simboliza um esporte democrático, onde todos podem praticar e ser espectadores. Segundo Dallari (2009, p. 52), “condições técnicas ou econômicas, idade, gênero, tipo físico” que não constituem uma forma de limitação para a participação, mas, no entanto, é verificado a partir dos eventos de corrida de rua que isso pode ser alterado. Os eventos de corrida de rua se configuram por serem eventos privados nos espaços públicos das cidades e que por isso geram algumas contradições e implicações sociais.

Uma das características presentes nesses eventos esportivos privados é a mobilização de investimentos nas cidades (MASCARENHAS, 1999), bem como os discursos midiáticos que estão diretamente interligados a promoção dos lugares e produtos provenientes dos agentes econômicos (AUGUSTIN, 1997). Como uma prática que intervém diretamente no espaço urbano e que vivência conflitos não só territoriais, mas também sociais, cabe uma investigação mais profunda acerca dessas questões, que estão diretamente associadas, não só com os praticantes de corridas de rua, mas toda uma gama de agentes que se utilizam do espaço urbano e da própria corrida consoante algum sentido, que aqui é investigado segundo os aspectos econômico, social, político e de lazer e saúde.

4.1 ASPECTOS ECONÔMICOS

O lazer, segundo Burkowski e Zacarias (2003), é um fenômeno marcadamente vinculado aos processos de apropriação de bens simbólicos e culturais, pelos valores do capital, a partir dos anos de 1990 os *shoppings centers* são uma figura central nessa configuração do lazer como objeto de consumo. Para Dumazedier (1979, p. 240), o lazer passou a ser, cada vez mais, produzido para satisfazer novas

necessidades dos indivíduos, que são instigados pelo poder econômico, modificando as experiências a cotidianidade.

O aprofundamento das relações sociais capitalistas, embora com efeitos diferenciados, estende-se sobre o conjunto da vida social, econômica, política e cultural, submetendo um número cada vez maior de áreas à lógica do dinheiro e da circulação de mercadorias. As tradições, as festas, o lazer e outros elementos culturais estão, inegavelmente, impregnados ou revestidos por valores, símbolos e signos que, em sua origem, transcendem os limites do pedaço. (MASCARENHAS, 2003, p. 138).

Um exemplo dessa exacerbação do consumo traduzido em lazer está indicado na oferta crescente da diversidade de “parques temáticos, ilhas paradisíacas, esportes radicais e festas intermináveis, sem descanso” (OLIVEIRA; FREITAS, 2004 p. 49). Nos esportes, essas características do consumismo são apresentadas a partir da variedade das modalidades esportivas e seus artefatos agregados a eles. Para Melo (2004, p. 82), o esporte é lançado como o produto da moda, influenciando as sociedades em todo canto do planeta e, até mesmo, os produtos ditos da “saúde”, como por exemplo: os tônicos, fortificantes e extratos.

Podemos, ainda, identificar as tribos dos esportes, que se especializam em determina prática esportiva, alimentação, lugares, grupos sociais, etc., que reverberam nas cidades e sociedade como um todo. E esses aspectos para o marketing são “lucrativas fatias daquilo que podemos denominar por intermercados, categoria que confere base tradicional ao consumo” (MASCARENHAS, 2003, p. 128).

Objetos de consumo que não são mais somente praticados, mas vendidos e estão gradualmente sujeitos à regra comum dos produtos e serviços industriais. [...] O esporte deve ser consumido em qualquer idade e em qualquer nível para aumentar o tamanho desses mercados. (AUGUSTIN, 2002, p. 423, tradução nossa).

Assim, “hoje o esporte é apontado pelos economistas como um dos maiores produtos de negócios” (MELO, 2004, p. 82). Para a corrida, essas questões do consumismo não deixam de ser diferentes, visto que são apresentados novos modelos de corridas que vão de acordo com as tribos dos praticantes, podendo ser de locais inimagináveis, contendo: animações, festa, manifestações sociais, playgrounds, tintas, fantasias, etc. A prática da corrida de rua é “formada por produtos e serviços especializados e variados, como calçados, vestuário e equipamentos eletrônicos, e que

faz parte da Indústria Esportiva, de notável representatividade” (MAIORAL, 2014, p. 34). Rojo (2014) denomina esse fenômeno como sendo a “corrida fashion”, que possui um alto custo e é identificada a partir de um caráter mais social, ao invés de apresentar uma competitividade técnica.

Há a ampliação do uso de serviços ligados ao esporte, como “personal trainers”, nutricionista e psicólogos. E, ainda, cresce a preferência por esportes individuais em detrimento dos coletivos: despontam as maratonas, competições de triatlon e de natação. (DALLARI, 2009, p. 68).

Para Augustin (1997), essas características do esporte como um modelo ou produto do consumo, cheios de acessórios e instrumentos são os aspectos que fazem a conexão com os participantes que, aqui, é também identificado na corrida de rua. Blin (2012) reafirma que nos eventos de corrida de rua, as “corridas fashion” estão cada vez mais incorporadas pelos eventos de músicas, corredores fantasiados, distribuição de presentes, diversas animações e festas, como é demonstrado na figura 25, que representa uma corrida que possui todo o seu percurso configurado em playgrounds, como um novo tipo de corrida para o divertimento e atração de outros praticantes para a modalidade e consumo. O autor acrescenta ainda que essa atmosfera criada nos eventos de corrida é intensificada através de alguns detalhes como, por exemplo, o nome do corredor no número do peito, que acabam incentivando os espectadores a chamarem seus nomes ou até mesmo premiações às fantasias mais ousadas dos participantes.

Figura 25 - Corrida Insana em Belo Horizonte (MG), 2017.



Fonte: Facebook “A Corrida Insana”. Disponível em:
<https://www.facebook.com/acorridainsanaBR/photos/a.882085745282672.1073741833.827742480716999/882088781949035/?type=3&theater>. Acessado em: 03 set. 2017.

Segundo o quadro 12, podemos identificar os segmentos da indústria da corrida de rua, que estão divididos em: prática oferecida ao consumidor, que se dão através da iniciativa privada, academias, organizações e instituições federais; a produção, que se configura como sendo os dispositivos que se interligam nesse processo consumista, a partir dos equipamentos e acessórios, de instruções técnicas e acompanhamentos médicos; e, por último, os produtos oferecidos para a promoção da corrida, que são cada vez mais notórios no cenário esportivo como, por exemplo, as fotos, filmagens, sites, eventos promocionais, etc.

Quadro 12 - Segmentos da indústria da corrida de rua.

Prática oferecida ao consumidor
Iniciativa privada - assessorias esportivas de corrida de rua.
Organizações mantidas por sócios - clubes de corrida.
Academias de <i>fitness</i> e esportes Pedestrianismos - atividade oficial em entidades de administração do Atletismo que organizam eventos em geral de cunho competitivo, como IAAF, AIMS, CBAt, federações, estados, prefeituras.
Produção
Equipamentos e acessórios - monitores, vestuário, calçados, <i>iPods</i> , hidratação, Gps
InSTRUÇÃO DE <i>fitness</i> - orientação técnica, acompanhamento médico, nutricional, RPG, avaliação física.
Produtos oferecidos para se promover o produto esporte
Produtos e eventos promocionais Mídia - fotos, filmagens, <i>clips</i> , revistas, <i>sites</i> .
Patrocínio de eventos - corridas, revezamentos.

Fonte: Adaptada pela autora a partir de Bastos et al. (2009).

Para Blin (2012), as corridas possuem, hoje, uma dimensão verdadeiramente festiva e concebem um papel fundamental para a promoção do território. E esse aspecto festivo para a cidade e a sociedade é adquirido pelo projeto urbano, que está progressivamente sendo organizado para a promoção da imagem da

cidade, de uma imagem global (CHAUDOIR, 2007), proveniente do marketing urbano. Logo, os eventos de corrida de rua permitem a divulgação ou não do território urbano como um artefato do marketing urbano para o desenvolvimento de determinada localidade e, até mesmo, de especulações imobiliárias.

A movimentação econômica anual do mercado da corrida de rua, segundo Osse (2009), pode chegar a 3 bilhões de Reais, com venda de artigos esportivos específicos para corredores, bebidas como isotônicos e o próprio turismo. O autor acrescenta ainda que uma corrida pode movimentar de 1,5 milhão de Reais a 6 milhões de Reais, sendo que cerca de 40% deste valor fica na cidade sede do evento com o turismo, hospedagem e lazer. Para Rojo (2017, p. 56) “estes valores, as quais nos parecem altos, são possivelmente gerados por eventos já reconhecidos e tradicionais, o que movimenta um maior número de praticantes para participarem”.

A organização espacial de uma cidade se faz sob relações de poder e controle, ou, em outras palavras, sob forças económicas e políticas que agem em diferentes correlações, dependendo do momento, fazendo com que o ambiente urbano adquira determinados contornos. (PELLEGRIN, 2004, p. 74)

Desta maneira, Blin (2012) aponta que as corridas, principalmente as maratonas e as meias maratonas, são oportunidades não só para os praticantes, mas também para os turistas e espectadores que assistem o evento da corrida de rua como um evento para o desfrute do lazer em si, pois segundo o autor o praticante da corrida de rua sempre está acompanhado de sua família ou amigos, tornando o final de semana da corrida como uma espécie de passeio turístico pela cidade, que vão participar do evento. Devido à associação desses artefatos já mencionados pela indústria de consumo e pelo marketing urbano os eventos esportivos, em geral, se tornaram e se tornam uma verdadeira atração para os usuários, onde segundo Tranchitella (2013, p. 16) “as empresas ao perceberem esse aumento criam eventos de corrida de rua cada vez melhores, e as pessoas ao verem os eventos ficam motivadas a correr”.

Outra característica marcante nesses eventos é perceptível nos locais de largada e chegada das corridas, que são transformados em verdadeiros palcos de animação, parecendo até com uma feira, pois estão presentes stands de equipamentos esportivos, exposições de organizadores, parceiros, promoções de outras corridas e, até mesmo, como festa, onde tem apresentação de shows e são sorteados carros ou

viagens (BLIN, 2012). Portanto, esses gestos e aspectos advindos das implicações econômicas são fontes de investigações, já que geram consequências no meio social e, segundo Chaudoir (2007), esse vínculo social pode produzir tensões, crises ou diversidade cultural na sociedade.

Através da análise feita sobre as três corridas de rua em Juiz de Fora, é possível perceber que esse cenário global das corridas, também, se replica em sua escala local. Nas três corridas analisadas foram observadas as tendências da corrida como um objeto de consumo, através da presença dos *stands* (figura 26 e 27) das equipes esportivas, academias e lojas de produtos esportivos, como uma espécie de “shopping do corredor” e que são utilizados, também, como uma forma de apoio e suporte aos corredores. Essa tendência foi observada quase que majoritariamente em todas as corridas que ocorrem na cidade.

Figura 26 - Stands presentes na 2^a Corrida Correndo das Drogas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

Figura 27 - Stands presentes na 1^a Corrida e Caminhada Faefid.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

A diversidade de modalidades também é um aspecto notório nos eventos analisados, que possuem competições para crianças, característica presente em quase

todos os eventos de corrida da cidade, pois a indústria do esporte quer cada vez mais abranger esse mercado, como promoção para outra categoria de corredores e que foi identificada na 1ª Corrida e Caminhada Faefid.

Foi observada, também, a diversidade de períodos de ocorrência, que não é tão comum, mas que são reproduzidos na cidade, como é o caso da 70º Corrida da Fogueira, ocorrida em período noturno que agrega, ainda mais, essa particularidade do evento festivo, com junção de carros de som no meio do percurso. Essa mesma corrida, por se constituir como algo simbólico e cultural, devido ao fato de ser a corrida mais antiga da cidade, conduz os juizforanos e moradores de outras cidades próximas a participarem do evento, que se configura como um evento histórico e indenitário no imaginário dos participantes, se transformando como um objeto poderoso para o marketing urbano da cidade.

A localização das corridas analisadas tem preferência para as regiões com mais infraestrutura da cidade, que de certa forma acabam produzindo um marketing urbano para aquela região, como é o caso da 1ª Corrida e Caminhada Faefid, localizada na Universidade Federal de Juiz de Fora, que apresenta um dos mais procurados percursos para a realização desses eventos de corrida de rua, pois possui uma boa infraestrutura para a prática esportiva tendo a ocorrência ou não de eventos de competição. Já a 70º Corrida da Fogueira, localizada na Av. Barão do Rio Branco, revela outro olhar para a área central da cidade, como um território que possui outras possibilidades de usufruto do espaço urbano, mesmo com suas eventuais dificuldades por ser uma área de grande fluxo de pessoas e automóveis.

4.2 ASPECTOS SOCIAIS

Os aspectos sociais no lazer estão intrinsecamente ligados às condições de sociabilidade que ele proporciona para a sociedade e, aqui se referem ao esporte e, mais precisamente, a corrida de rua. O lazer é uma forma de acesso para uma variedade de significados nessa contemporaneidade que contribuem para emancipação das comunidades como um direito social do cidadão (BURKOWSKI; ZACARIAS, 2003), ou, segundo Gomes (2004, p. 125), para o “mascaramento das contradições sociais”, reproduzindo uma forma de resistência para essas desigualdades vividas na sociedade. Para Marcelino (2006, p. 23), “o fator econômico é determinante desde a distribuição do tempo disponível entre as classes sociais até as oportunidades de acesso à Escola, e contribui para uma apropriação desigual do lazer”. Portanto, os aspectos econômicos,

mencionados anteriormente, são de fundamental importância para a compreensão das configurações sociais no lazer, no esporte e na corrida de rua.

Um exemplo desses formatos sociais demonstrados a partir das condições econômicas está na localização das modalidades de lazer. Almeida e Gutierrez, (2005) apontam que a população com alta renda frequentavam os clubes esportivos e os parques públicos localizados nas áreas mais valorizadas enquanto a população de baixa renda praticava suas atividades lúdicas nos espaços das ruas ou em áreas livres e campos improvisados, que mais tarde vieram a ser a casa e as telenovelas. Desta maneira, o esporte se configura como uma figura central no mundo ocidental e na cultura contemporânea (AUGUSTIN, 1997), pois permite caracterizar e traduzir, também, essas desigualdades presentes no nosso cotidiano, essa dualização do lazer que foram fomentadas com a globalização (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2005; MASCARENHAS, 2003).

Essas desigualdades do lazer são, para Marcelino (2006), cada vez mais intensificadas devido à expansão das cidades para a periferia, onde a população é afastada dos equipamentos e serviços de lazer presentes na cidade. Essa população se caracteriza por indivíduos que geralmente não possuem condições para a prática do lazer em suas casas e o custo do transporte acaba sendo outro agravante para o acesso as regiões abastecidas por esse lazer “adequado”.

Todavia, sabemos que a apropriação de todos estes objetos de fruição e fantasia vai variar segundo a posição que ocupamos no interior da atual forma de organização societal, e aqui vale acusar a determinação de classe subjacente à divisão do trabalho e à injusta distribuição de seu produto. (MASCARENHAS, 2003, p. 131).

Desta forma, devemos analisar como os eventos de corridas de rua se comportam diante dessa configuração social proposta. Por se caracterizar como um evento privado no espaço público, já indicado anteriormente, devemos nos questionar sobre os controles postos nos espaços públicos, sobre as limitações de participação por ser um evento privado e, cada vez mais, competitivo, sobre essa privatização do território urbano, que são questões de restrições sociais e espaciais que devem ser discutidas em todas as categorias de corridas de rua e eventos privados que surgem no espaço urbano cotidianamente.

Os estudos da corrida de rua a partir dos aspectos sociais são de fundamental importância para ter a compreensão dos processos e transformações que

o lazer e, até mesmo os indivíduos, experienciam, pois a corrida de rua é uma forma de expressão da sociedade, como Dallari (2009) demonstra em seus estudos, em que identifica as transformações que a atividade vem sofrendo, da mesma maneira que vários aspectos da cidade também estão. Torres (2016, p. 74), vai também neste sentido ao afirmar que “a corrida é uma atividade humana fundamental e ocupa um lugar importante na cultura popular”, uma vez que a corrida está cada vez mais presente nos hábitos das pessoas, no espectro do espaço urbano, nas cenas cotidianas e que se transformam não como um mero lazer que se tem o tempo livre para tal, mas como uma configuração de uma práxis da sociedade.

Cabe então estudar a corrida de rua como forma de expressão da sociedade nos dias de hoje, marcada por uma multiplicidade de valores e de hábitos, por transformações drásticas e rápidas, que se vale do apoio intensivo da tecnologia, sobretudo para a disseminação de informações e para deslocamentos, como fenômeno sócio-cultural. (DALLARI, 2009, p. 16).

Porém, como destaca Oliveira (2010), existem aspectos positivos e negativos diante desses processos da atividade, como por exemplo, o aumento do custo para participação nos eventos de corrida de rua, que acaba limitando a participação mais democrática neste tipo de atividade, que muitas das vezes é considerada como um direito humano (MAIORAL, 2014). Esse custo da inscrição “tem se elevado (de 40 a 150 Reais por atleta), seja para restringir o número de participantes, bem como selecionar o público-alvo para os organizadores” (COSTA; SCALETSKI; FISCHER, 2010, p. 6). Rojo (2014) afirma que essa particularidade dos eventos de corrida de rua acaba levantando a hipótese de exclusão de atletas e praticantes que possuem um nível socioeconômico mais baixo. Assim, essa característica, que é percebida mundialmente, em todos os eventos de corrida de rua, limita a participação de certo número e classe social de praticantes, dos amadores de corrida de rua e caminhadas, que são vistos como uma multidão no território urbano.

[...] Mas outros fatores como o aumento do valor das taxas de inscrição nas provas, especialmente nos novos modelos que surgem; os grupos de corrida, que hoje compõem a maior fatia de participações nas provas; e, a alta evidência das corridas de rua no Brasil, podem ser dados como indicadores de um aumento da presença de classes de nível mais elevado que as classes anteriormente presentes em predominância. (OLIVEIRA, 2010, p. 26).

Por isso, é cada vez mais comum a presença dos corredores que correm na chamada “pipoca”, em que participam de todo o percurso do evento, mas não possuem os aparatos dados aos participantes que pagam a inscrição como: chip, camisa da corrida, medalha, kit de participação e numeração do peito. Esses corredores da “pipoca” participam do evento por conta própria, utilizam os seus relógios e equipamentos individuais para saber o tempo percorrido durante o trajeto e servem como espécie de treinamento ou teste de performance durante a corrida.

Essa característica contribui para outro fator, que é a satisfação de pertencimento e participação nos eventos de corrida de rua, mesmo sendo corredores inscritos ou não. Segundo Blin (2012), a conquista pelo desempenho é algo que motiva os corredores ao iniciarem a corrida, mas o compartilhamento das emoções e as sociabilidades coletivas permitem os praticantes se apropriarem dos espaços da cidade, mesmo que por poucas horas. Portanto, “cada indivíduo redefine sua identidade, manifestando uma consciência ampliada de pertencimento e busca nas práticas e nas redes flutuantes de novos sentidos para sua relação com o mundo” (AUGUSTIN, 1997, p. 406, tradução nossa), que se reflete em uma experiência mais que esportiva, que vai além da prática em si e passa para a apropriação espacial e social com memórias afetivas, coletivas e individuais com os espaços e os indivíduos.

Esse aspecto constatado sobre a espacialidade dos eventos de corrida de rua, e que tem rebatimento nos aspectos sociais, é característico da privatização, de certa maneira, dos espaços públicos da cidade, que geram essas contradições de indivíduos e participantes em um mesmo espaço. Rolnik (2000) enfatiza que esse cenário de privatização dos espaços públicos propicia um encolhimento da própria noção de espaço público, que acabam sendo atribuídos, somente, como espaços de circulação de mercadorias e mercadorias humanas.

Esvazia-se a dimensão coletiva e o uso multifuncional do espaço público, da rua, do lugar de ficar, de encontro, de prazer, de lazer, de festa, de circo, de espetáculo, de venda. Assim, funções que recheavam o espaço público e lhe davam vida migraram para dentro de áreas privadas, tornando-se, em grande parte, um espaço de circulação. (ROLNIK, 2000, p. 4).

Mas os eventos de corrida de rua, mesmo sendo uma forma de privatização do espaço, introduzem, ao mesmo tempo, atividades para determinado local da cidade que permitem a participação dos moradores locais como expectadores da corrida ou

corredores, que acabam fornecendo um meio de integração social. Assim, a corrida de rua se torna algo benéfico para a sociedade, apesar da forte presença do capital e do marketing esportivo que contribuem para a acentuação das contradições espaciais na cidade.

4.3 ASPECTOS POLÍTICOS

A corrida de rua estabelecida como uma prática esportiva e de lazer nos espaços públicos das cidades deve abarcar, ou ao menos deveria abarcar, uma série de fatores pertinentes às políticas públicas. Percebe-se, entretanto, que muitas das vezes esta questão nem é pensada, pois os eventos de corrida de rua tem um caráter privado e são direcionadas pelos organizadores das corridas e instituições financiadoras, não havendo uma significação preponderante do poder público para interferência nos aspectos sociais e espaciais que agem sobre os espaços urbanos das cidades. Neste sentido, para Augustin (2002), as práticas esportivas devem ser colocadas em pautas políticas, pois se beneficiam da análise dos aspectos territoriais, que participam das configurações e mediações territoriais e se constituem como meios de identidade individual e coletiva, substituindo projetos que podem contribuir para a nossa sociedade.

Um exemplo dessa intervenção do poder público local em relação à prática da corrida de rua se encontra nas pesquisas feitas por Blin (2012), onde a prefeitura de Montpellier, na França, distribuiu folhetos para as associações de bairros avisando sobre os inevitáveis distúrbios relacionados ao evento de corrida de rua referentes ao: esvaziamento de estacionamentos públicos na rua ao longo do percurso, barulho provocado, etc.; destacando que o poder local deve pensar nos moradores e habitantes locais e, já, os organizadores, na corrida propriamente dita.

Para Rehail (2006), essas intervenções políticas para apropriação dos espaços urbanos, de acordo com os aspectos da prática esportiva, se inscrevem como possibilidades de ter espaços na cidade que se destacam como um lugar de expressão física e esportiva, que compreendem como territórios esportivos que são, geralmente, inseparáveis dos compromissos com as autoridades públicas, estaduais e locais, as quais participam da produção dos espaços, que se configuram e reforçam as noções de multipertencimento, de multi-atividade e multi-territorialidade (AUGUSTIN, 2002).

Segundo Blin (2012), o número de projetos e investimentos municipais para os eventos de corrida de rua ainda são limitados, apesar do crescente aumento pelo

interesse em eventos que promovam maratonas e meias maratonas, as quais são vistas como parte dos projetos para organização dos eventos festivos e populares na cidade. Mesmo assim, muitas das vezes, essas políticas públicas e investimentos municipais se inscrevem no território como instrumento ideológico, como expressão da política do “pão e circo”, que favorecem ainda mais as desigualdades sociais vividas no espaço urbano (MARCELINO, 2006).

O entendimento do campo do lazer na qualidade de uma política pública, necessariamente, implica o enfrentamento das tensões causadas pela adoção de diferentes modelos ideológicos de Estado que nem sempre ficaram transparentes. (AMARAL, 2004, p. 183).

Ainda sobre essas “desigualdades” presentes entre os corredores inscritos e não inscritos nas provas de corridas de rua, que é perceptível através da utilização da camisa da corrida, como uma espécie de uniforme, é minimizada na cidade de Juiz de Fora através do regulamento geral do 31º Ranking das Corridas de Rua de Juiz de Fora (2017), que disponibiliza a isenção das taxas de inscrição para a categoria especial de PCD's e 50% do valor da taxa de inscrição para os atletas com idade maior de 60 anos, que são regras válidas para as corridas indicadas no Ranking. O fato de criar uma isenção ou diminuição da taxa de inscrição possibilita uma maior heterogeneidade de indivíduos participando nos eventos de corrida de rua na cidade, bem como a constituição de eventos mais acessíveis a todas as pessoas e faixa etárias.

Outro aspecto importante sobre a importância da validação das políticas públicas em relação às ações das práticas esportivas e de lazer está no fato de poderem servir como instrumento e ferramenta de controle de criminalidade, onde através de atividades esportivas as populações carentes podem se afastar de práticas ilegais, além da promoção de mais qualidade de vida e valorização da cultura (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2005). Marcelino (2006) destaca isto como sendo um instrumento que contribui para a vivência de valores de ordem moral e cultural. O lançamento de políticas dessa competência deve compreender a reordenação do espaço urbano e a elaboração de leis que certificam o direito ao lazer a todos os cidadãos como o principal patrimônio da cidade (BURKOWSKI; ZACARIAS, 2003).

Segundo Rolnik (2000), as políticas públicas devem enxergar o lazer encarnado na cidade, privilegiando a antiexclusão, contribuindo no sentido de “organizar, defender e fomentar a convivência entre pessoas diferentes, diminuindo a

segregação e as distâncias sociais, suprimindo os guetos, atuando com solidariedade, como uma coletividade" (ROLNIK, 2000, p. 5).

Abrir o espaço público ao lazer recoloca no lugar uma das peças fundamentais da organização da sociedade: a acumulação da mais importante e esquecida forma de capital: o capital social, que resgata a convivência com os diferentes, as possibilidade de construção de uma rede sinérgica e um clima de confiança entre os diversos atores sociais, compreendendo valores partilhados, normas sociais, cultura e associativismo. (BURKOWSKI; ZACARIAS, 2003, p. 52).

Portanto, os eventos de corrida de rua são uma oportunidade de reunir os habitantes, como uma espécie de atividade que vai além do encontro com os próprios corredores e se configura em um encontro para a cidade e com a cidade (BLIN, 2012), e é necessário uma política de investimento de lazer que integre funções e pessoas diferentes, em segurança, como um modelo que "é urgente para quem defende uma posição mais democrática de utilização do espaço público, da vida pública, mas também porque é mais sustentável" (ROLNIK, 2000, p. 5).

4.4 LAZER E SAÚDE

De acordo com os aspectos anteriores é possível apreender que o lazer passa a ser um aspecto importante, presente no dia a dia dos cidadãos do mundo todo, seja para se encontrar e bater um papo, seja para jogar um aplicativo no celular entre ruas e praças, ou até mesmo uma prática despercebida de uma caminhada em um período curto do dia. São atividades como essas que se afirmam no cotidiano das pessoas e que são caracterizadas como lazer, uma forma de distração, de tempo livre, que nem sempre está em contraposição ao trabalho.

Esse debate sobre a qualidade de vida, no Brasil, veio a partir dos anos de 1970, como vimos anteriormente, com as políticas de valorização a prática de lazer e esporte mais democráticos (GUIMARÃES; MARTINS, 2004). E, atualmente, passa a ser reproduzido como um formato entremeado na nossa cultura, que interliga nossa vida social e se integra nos meios midiáticos como modelos a serem alcançados para participação da vida cotidiana nas cidades, que representam cada vez mais as sociedades capitalistas.

Toda política global da melhoria daquilo que ontem era chamado de estilo da vida hoje é chamado de qualidade da vida, por um novo

arranjo do tempo e do espaço, deve começar por uma reflexão sobre as implicações do lazer em todos os domínios da vida social e pessoal. (DUMAZEDIER, 1979, p. 241).

A corrida de rua segundo Torres (2016), nesse contexto, revela a vantagem de estar inserida na paisagem urbana, permitindo uma maior interação com várias significações e experiências sensoriais do território urbano que geram certo envolvimento com os seus usuários, os quais evidenciam prazer e gratificação em correr. A corrida é considerada, assim, uma prática de exercício físico que proporciona uma forma de satisfação em ter completado tal esforço, pois reproduz a qualidade de vida e resultados que vem da lógica de "manter a forma" (WASER, 1998) e completar tal objetivo, que é cruzar a linha de chegada.

Para Blin (2012), essa ideia é, também, reconhecida ao afirmar que a corrida é uma espécie de atividade que agrega o lazer-saúde e se estabelece como a principal atividade cotidiana de manter a condição física do indivíduo, encorajando um estilo de vida à atividade de exercício físico regular. Essas características do prazer na participação entre os corredores são assinaladas por Massarella e Winterstein (2009) como o estado da mente denominado *Flow*, no qual o corredor fica extremamente focado na prática da atividade e desenvolve um grande sentimento de alegria.

Segundo Maioral (2014), a corrida, por ser uma atividade física altamente aeróbica, pois acaba proporcionando ao organismo uma maior vascularização sanguínea no cérebro, que gera melhor capacidade das funções intelectuais e mais agilidade de raciocínio, visto que condiciona o organismo a ter uma maior capacidade de absorver, transportar e consumir oxigênio. Além dessas características positivas presentes na prática da corrida, vale ressaltar seus aspectos de sociabilidade individuais e coletivos que são importantíssimos no que concerne o pertencimento dos usuários no território urbano.

É necessário destacar que a prática da corrida de rua, apesar de ser uma atividade que vem se tornando cada vez mais comum no nosso dia a dia, deve ser exercitada a partir de instruções específicas e adequadas para cada indivíduo com o auxílio de profissionais da área, pois pode gerar consequências para a estabilidade física e bem-estar do praticante (VARELLA, 2015). A falta de um acompanhamento profissional pode provocar riscos cardiovasculares e de lesões, que são expostos aos praticantes de corrida de rua (ISHIDA et al., 2013). Segundo Ishida et al. (2013), os fatores como a prática irregular dos treinos, bem como a quantidade de volume desses

treinos e corridas podem causar prejuízos ao invés de benefícios para os corredores, que apresentam, em sua maioria, lesões nos membros inferiores, principalmente o joelho. Os autores acrescentam ainda que os pisos mais duros, inerentes das ruas e avenidas, que são os locais mais procurados pelos praticantes de corrida de rua, ocasionam um maior impacto nas articulações, expondo os corredores a um crescente aumento do risco de lesões. E como solução, sugerem a realização de “campanhas de conscientização sobre a condição de saúde neste público, principalmente por se tratar de uma modalidade esportiva cuja prática vem aumentando ao longo dos anos” (ISHIDA et al., 2013, p. 63).

A corrida de rua, assim, revela-se como uma prática importante no cenário social, mas como um esporte de grande popularização nas cidades é necessário ter algumas atenções para não haver consequências e malefícios futuros, tanto nos aspectos da qualidade de vida, como também sobre a saúde pública, em que os governantes devem estabelecer certa importância. Um exemplo dessa questão, na cidade de Juiz de Fora, é a presença de programas que vão além do próprio incentivo à prática da corrida de rua e se constitui como ações de promoção para a saúde pública, como é o caso do programa “JF Esporte e Cidadania”, mencionado anteriormente, que promove a caminhada orientada para a população em vários locais da cidade.



**ANÁLISE DOS RESULTADOS: SÍNTESSES
DOS ASPECTOS ESPACIAIS E SOCIAIS**

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS: SÍNTESSES DOS ASPECTOS ESPACIAIS E SOCIAIS

A partir do levantamento das informações até aqui coletadas e de acordo com o roteiro de análise proposto, sintetiza-se algumas informações para uma mais ampla análise no que concernem as características e particularidades dos espaços urbanos da cidade de Juiz de Fora e a prática da corrida de rua. É interessante perceber a frequência desses eventos de corrida de rua em determinadas localidades da cidade, ao invés de outros, que nos permite afirmar a existência de possíveis atributos do ambiente construído que influenciam o desenvolvimento da prática de exercícios e, sobretudo, da corrida de rua.

De acordo com o aumento do número de corredores de rua e, consequentemente, dos eventos de corrida de rua, é necessário ampliar a compreensão dessa expressão no território urbano para que os municípios e os poderes locais assimilem o desafio de como apoiar e organizar essas atividades no espaço urbano. Mais que isso, fomentar com possíveis contribuições para arquitetos, urbanistas e paisagistas que desenvolvam projetos que melhore as condições espaciais e sociais dos espaços públicos da corrida de rua.

5.1 SÍNTESE ESPACIAL

Conforme os três eventos de corrida de rua propostos é possível indicar através das narrativas cartográficas de Torres (2016), os caminhos que se destacam em cada percurso das corridas (quadro 13). De acordo com o percurso da 70º Corrida da Fogueira, o caminho predominante adotado é o viário, através do seu principal eixo que é a Av. Barão do Rio Branco e, segundo o autor, esses caminhos se configuram em sua grande maioria pela malha viária e é caracterizado através da dinâmica dos corredores urbanos, que retrata o contexto das corridas urbanas e possui uma paisagem predominantemente edificada.

É interessante destacar, também, que esse caminho viário, representado pela 70º Corrida da Fogueira, atribui experiências diferenciadas aos corredores, pois de acordo com Torres (2016), as avenidas e a malha viária utilizadas no percurso das corridas acabam agregando experiências sensoriais diferenciadas e únicas, visto que no cotidiano dos treinos e práticas isso seria impossível de ser percorrido, devido o contingente de automóveis e fluxos viários. Revela, ainda, o potencial que a malha

viária, nesse caso a Av. Barão do Rio Branco, tem para a prática de atividades esportivas e o lazer em dias que não é muito utilizada pelo fluxo viário, podendo, como destaca Torres (2016, p. 223), “ampliar a discussão sobre novos códigos e usos da capacidade da infraestrutura viária e logística urbana em seu momento de menor demanda”.

Já a 2ª Corrida Correndo das Drogas possui, segundo Torres (2016), o caminho hídrico, que tem como protagonista ou marco paisagístico algum recurso hídrico, que nesse caso se constitui através do Rio Paraibuna, que permeia todo o percurso da corrida e permite uma maior linearidade do percurso a partir do eixo fluvial.

A 1ª Corrida e Caminhada Faefid possui o caminho fechado, que é definido por Torres (2016), a partir de corridas que possui um curto trajeto e duração, que se configuram, geralmente, em praças, quarteirões de grandes dimensões, espaços de lazer privados ou comunitários, bem como áreas de estacionamento ou algum equipamento público, que aqui se realiza nas instalações da UFJF.

Quadro 13 - Caminhos identificados nas corridas analisadas.

Corridas	70º Corrida da Fogueira	2ª Corrida Correndo das Drogas	1ª Corrida e Caminhada Faefid
Características			
Local	Av. Barão do Rio Branco	Av. Garcia Rodrigues Paes	UFJF
Caminhos	Viário	Hídrico	Fechado

Fonte: Elaborado pela autora (2017), através de Torres (2016).

Esses caminhos podem ser correlacionados pela visão de Reiling e Dolders (2015), na medida em que são revelados a partir da primeira categoria adotada por eles que é a “cena”, que diz respeito à paisagem circundante no percurso, que está caracterizada pelo ambiente natural, com espaços verdes e presença hidrológica, ou outro espaço alternativo. Essa categoria está diretamente atrelada aos parques, espaços verdes e até mesmo o silêncio e a falta de fluxos de automóveis. Segundo os autores, essa cena interfere fortemente nas escolhas dos lugares apropriados para a prática da corrida de rua. Na cidade de Juiz de Fora (figura 28) a presença da paisagem natural, mesmo como mero detalhe, é um dos aspectos procurados nos eventos de corrida de rua, como é o caso do lago e da vegetação presente nos espaços da UFJF,

ou mesmo a Mata do Krambeck e o Rio Paraibuna que permeiam a Av. Garcia Rodrigues Paes (Acesso Norte).

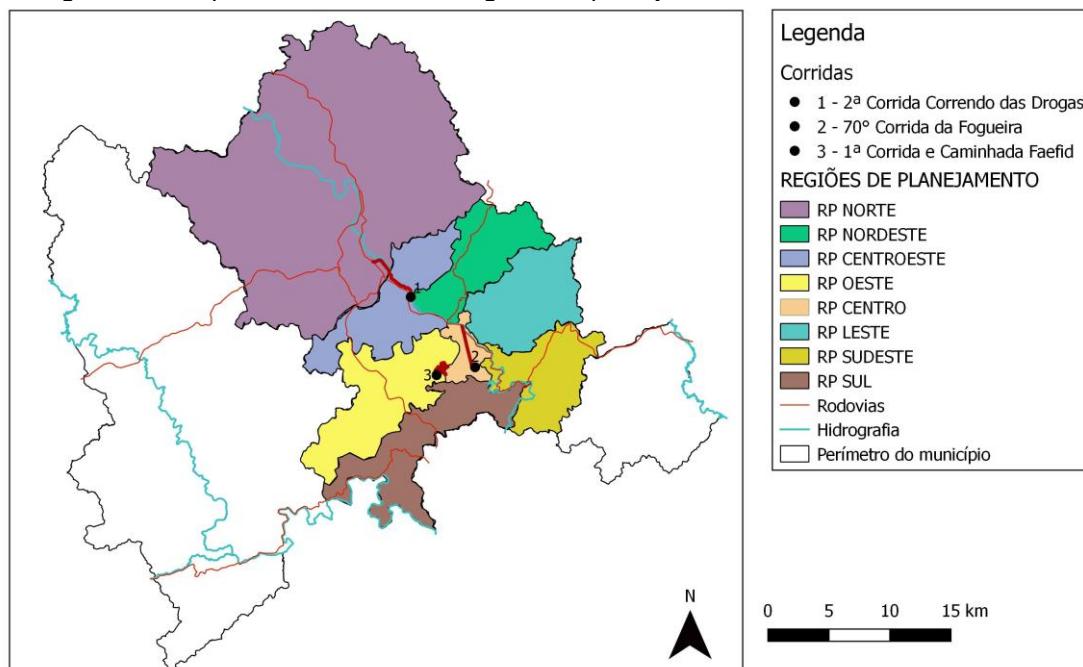
Figura 28 - Cenas das corridas analisadas em Juiz de Fora. (a) 70º Corrida da Fogueira (b) 2ª Corrida Correndo das Drogas; (c) 1ª Corrida e Caminhada Faefid.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

Desta maneira, é possível identificar que as corridas analisadas, representando um cenário da maior parte das corridas de rua na cidade de Juiz de Fora, acontecem, de acordo com a figura 29, nas zonas mais centrais da cidade e zona Centroeste-Norte. O que nos leva a concluir a ausência desses eventos nas zonas mais periféricas da cidade, onde existe menor oferta de espaços de lazer e infraestrutura para uma parte da cidade, que fica, muitas vezes, a margem desses eventos, impedidas de participarem e usufruírem dos equipamentos e atrações disponíveis nos eventos, mesmo como espectadores.

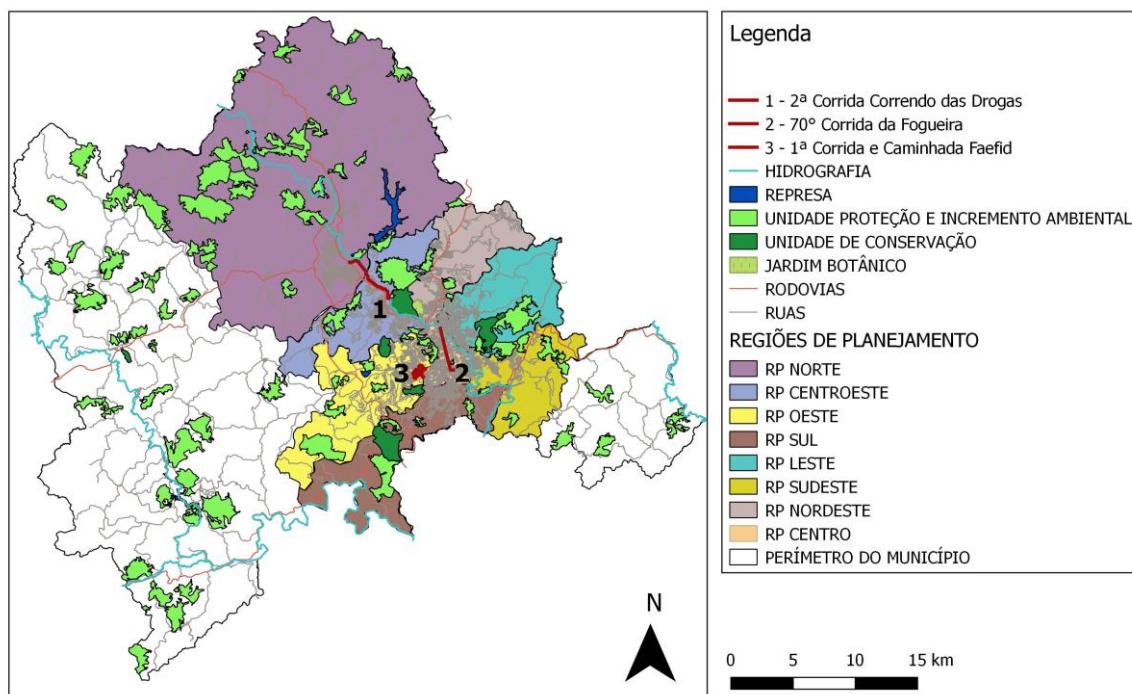
Figura 29 - Mapa das corridas e as regiões de planejamento da cidade de Juiz de Fora.



Fonte: Elaborada pela autora (2017), a partir de dados da Base Cartográfica Municipal de Juiz de Fora, 2015.

E é possível detectar que são nessas áreas específicas apontadas pelas corridas, que a cidade possui uma maior infraestrutura de áreas verdes (figura 30), ao contrário do que é apresentado na zona norte, que possui um potencial de áreas verdes, mas não é explorado para o lazer, com poucos eventos de corrida de rua ou investimentos em infraestrutura adequada para a prática de atividades esportivas. O aproveitamento dessas potencialidades pode agregar valor à determinada região e trazer outros possíveis trajetos para a ocorrência desses eventos, com novos cenários, paisagens e perspectiva de lazer.

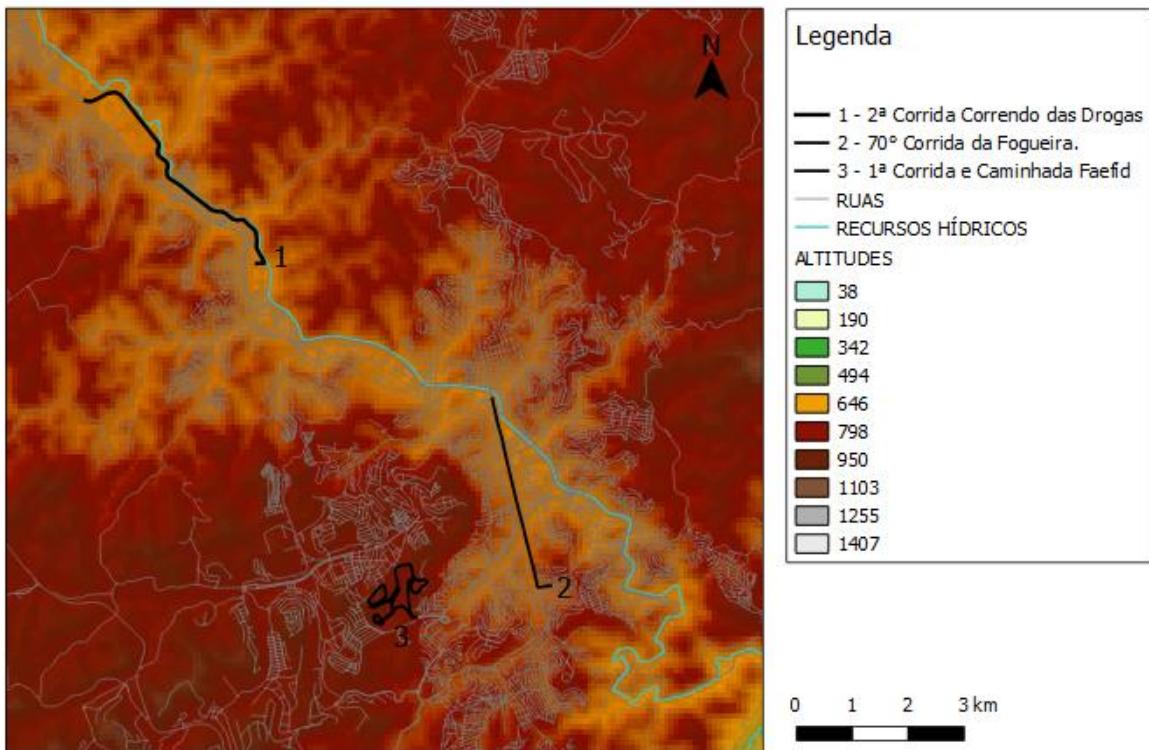
Figura 30 - Mapa das corridas e as áreas verdes da cidade de Juiz de Fora.



Fonte: Elaborada pela autora (2017), a partir de dados da Base Cartográfica Municipal de Juiz de Fora, 2015.

A partir das variações topográficas apresentadas nas três corridas analisadas e segundo o mapa hipsométrico das corridas (figura 31), relativo aos dados topográficos do terreno, foi detectado que a cidade possui grandes índices de variação altimétrica, que atingem uma média entre 646 metros a 798 metros. Para Torres (2016), essas altitudes são essenciais para os corredores que necessitam de treino “para o período pré-competitivo ou mesmo para os treinamentos mais intensificados objetivando desde o aumento na eficiência até o fortalecimento muscular” (TORRES, 2016, p. 208). O autor acrescenta que essa conjunção entre ambientes naturais e variações altimétricas durante o percurso da corrida ajuda o corredor a obter e empreender diferentes ritmos.

Figura 31 - Mapa hipsométrico das corridas analisadas.



Fonte: Elaborada pela autora (2017) em base QGIS.

Essa característica topográfica, na visão de Reiling e Dolders (2015), está atrelada à categoria da “superfície”, que se configura como um requisito importante, para a escolha do percurso mais adequado para a prática da corrida de rua e, também, para a realização dos eventos de corrida de rua. A superfície diz respeito aos aspectos que interferem diretamente na qualidade do percurso e, principalmente, nos aspectos fisiológicos dos corredores, pois a partir de superfícies mais suaves, macias e regulares os corredores podem prevenir lesões, em oposição aos terrenos mais acidentados e irregulares (REILING; DOLDERS, 2015; TORRES, 2016), que vão interferir diretamente na qualidade e bem-estar dos corredores.

Outra questão interessante levantada nas análises é a intensidade dos fluxos viários, sendo que a 70º Corrida da Fogueira apresenta um predomínio nesse aspecto, visto que se configura como um caminho viário e a 1ª Corrida e Caminhada Faefid, apresenta um fluxo viário quase que inexistente em seu percurso, pois se configura como um circuito fechado. Essa característica, na perspectiva dos autores Reiling e Dolders (2015), traduz a categoria chamada de “incômodo”, que se refere aos aspectos positivos e negativos que interferem no comportamento dos corredores durante o percurso da corrida, ou seja, os aspectos como: o fluxo de tráfego, presença

de animais, ciclistas, espaço adequado para a corrida e pessoas caminhando, que impedem ou não um trajeto contínuo ao longo do percurso da corrida.

Associado a essa categoria do incômodo é possível perceber os aspectos da “segurança”, que estão atrelados às questões de iluminação, violência e segurança do trânsito de veículos no local percorrido (REILING; DOLDERS, 2015). Mas por se tratarem de eventos de corrida de rua, essa categoria não apresenta riscos aos corredores, visto que cumprem com certas exigências junto à SETTRA (Secretaria de Transporte e Trânsito da Prefeitura de Juiz de Fora) e, por isso, os organizadores das corridas realizam os eventos em locais que já possuem determinada infraestrutura que não acarretarão em insegurança aos corredores, critério esse que, talvez, não seja condizente com outras localidades da cidade e por isso a ausência de eventos nos mesmos.

Segundo Reiling e Dolders (2015), as “condições”, outro critério que define as preferências dos corredores por locais mais adequados a prática da corrida de rua, dizem respeito aos aspectos de ar puro/poluído, silêncio/barulho e clima dos lugares da corrida. A partir das três corridas analisadas é possível perceber que a 2^a Corrida Correndo das Drogas e a 1^a Corrida e Caminhada Faefid, apresentam melhores condições de ar puro e silêncio em relação ao fluxo de automóveis, que são significativamente presentes na 70º Corrida da Fogueira.

Por último, para os mesmos autores, tem-se a categoria de orientação, a qual indica as distâncias percorridas e informações importantes sinalizadas, que contribuem durante o percurso da corrida (REILING; DOLDERS, 2015) e não são apresentadas em nenhuma das corridas analisadas, já que estas utilizam somente indicações dos retornos e trajetos que os corredores devem acompanhar. A seguir, é indicado o resumo (quadro 14) dessas análises feitas nas corridas a partir das seis categorias, já mencionados no capítulo 1 (p. 29), que influenciam os percursos adotados pelos corredores e o futuro desenho dessas pistas de corridas no espaço urbano de acordo com os autores Reiling e Dolders (2015).

Quadro 14 - Resumo das análises das corridas investigadas a partir das categorias de Reiling e Dolders (2015).

Categorias Corridas	Cena	Superfície	Incômodo	Segurança	Condições	Indicações
70º Corrida da Fogueira	Artificial (Edificações)	Suave	Fluxo de tráfego	Sem riscos	Muito barulho e poluição	Nenhuma
2ª Corrida Correndo das Drogas	Natural (Vegetação/Rio)	Pouco suave	Nenhum	Sem riscos	Pouco silêncio e ar puro	Nenhuma
1ª Corrida e Caminhada Faefid	Natural (Vegetação)	Suave	Nenhum	Sem riscos	Silêncio e ar puro	Nenhuma

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Desta maneira, é possível apreender que existem, segundo Reiling e Dolders (2015), percursos de corridas de rua que são procurados e outros que são evitados a partir dos aspectos relacionados ao ambiente construído, o qual influencia através da arquitetura da paisagem a maneira como as pessoas interagem com o espaço público. Por se conectar com as transformações espaciais e territoriais das cidades, o presente estudo tem certo valor no que tange as perspectivas das observações dos espaços públicos das cidades, como apresenta Augustin (1997), quando indica a existência de uma verdadeira emergência sobre as questões do planejamento, diante da incerteza dos territórios dos esportes. Essas análises aqui investigadas esboçam futuros possíveis para novos projetos paisagísticos e sobre o desenho urbano que correspondam às tendências do lazer contemporâneo, que foi destacado com a prática da corrida de rua.

A base do projeto e desenho, portanto, deve ser multifuncional e multicultural, e os conceitos de uso e local devem ser consistentemente apurados e atualizados. As distintas paisagens da cidade têm potenciais de apropriação diferenciadas, dependendo de fatores como conformação físico-biológica, propriedade visual, níveis de acessibilidade, limites legais, dentre outros. (TORRES, 2016, p. 224).

A partir das informações coletadas é possível delinear novas infraestruturas e possibilidades para os eventos de corrida de rua, no que concerne à valorização dos aspectos espaciais e sociais, demonstrando a verdadeira necessidade da realização dos eventos de corrida de rua em lugares que carecem de maior infraestrutura para tal

atividade, e que irá contribuir, de certa maneira, para a especulação de investimentos no campo do lazer esportivo. Essa necessidade existe, principalmente, para fomentar a promoção da saúde pública nessas “regiões mais periféricas e carentes de áreas verdes e espaços livres públicos” (TORRES, 2016, p. 224).

É interessante ressaltar que a prática da corrida de rua tem efeitos amplos na vida e saúde pública dos indivíduos, visto que altera e interfere nas atitudes e exigências do espaço público, transformando a cidade e promovendo um estilo de vida urbano mais sustentável (REILING; DOLDERS, 2015; TORRES, 2016), no qual o Estado e os múltiplos agentes têm fundamental papel para estimular ações mais sustentáveis e democráticas para a cidade (ROJO, 2017). Ainda de acordo com essa compreensão espacial, as municipalidades e poderes locais poderão esboçar caminhos para a promoção dessas atividades e eventos que integrem a cidade e a sociedade a partir do planejamento urbano. Esses agentes também podem direcionar esforços no sentido de fomentar atitudes que acabam introduzindo essas paisagens urbanas “móvels”, pois são paisagens em movimento pelos corredores, em um cenário que deve ser valorizado a partir de suas histórias culturais e valores emocionais como patrimônio cultural da paisagem, que devem ser preservadas.

Os eventos de corrida de rua evidenciam, assim, a utilização de infraestruturas efêmeras na paisagem urbana, que são caracterizadas por uma flexibilidade e versatilidade de usos em um mesmo espaço. Essas infraestruturas típicas do nosso século são respostas encontradas para a diversidade de funções, usos e símbolos que surgem rapidamente na contemporaneidade e que são configuradas, também, por Ascher (2010) como um dos princípios para o novo urbanismo, que lançam mão de um novo paradigma urbano, que conceber lugares em função das novas práticas sociais.

O neourbanismo deve-se esforçar em combinar essas possibilidades, em conceber espaços múltiplos de n dimensões sociais e funcionais, hiperespaços que articulem o real do virtual, propícios tanto à intimidade quanto às mais variadas sociabilidades. [...] Isso contribui para a redefinição das fronteiras e das modalidades de exercício dos diversos campos do urbanismo, pois este deve integrar mais diretamente as exigências da gestão futura dos espaços que ele ajuda a produzir. (ASCHER, 2010, p. 90).

Para Mehrotra e Vera (2015), as cidades e as paisagens possuem estruturas temporárias dentro do ambiente construído permanente, que dão sentido ao que eles

chamam de urbanismo efêmero, apresentando formas diversas de memória, geografia, infraestrutura, saneamento, gestão da saúde pública e ecologia. Os eventos de corrida de rua acabam por se integrarem em tal urbanismo, por possuírem estruturas flexíveis, mesmo que micro, que acabam incorporando certas configurações e estruturas, já mencionadas anteriormente, para o lazer em determinado espaço público e que se transformam algumas horas depois.

5.2 SÍNTSE SOCIAL

A partir do entendimento de que os valores sociais interferem (e são interferidos) pela construção dos espaços públicos e urbanos, é interessante apontar os aspectos que traduzem as ações dos corredores, que está atrelada a essa socialização, no prazer de participação e superação dos limites, na obtenção de maior qualidade de vida em espaços públicos que promovam tais ações para os usuários, já que a paisagem urbana define e conforma essa interligação do social com as atividades.

A promoção da cidade através dos eventos de corrida de rua e os processos de socialização compreendem um instrumento do marketing urbano, que Juiz de Fora ainda começa a explorar, ao contrário de outras cidades que já utilizam em suas campanhas turísticas e políticas públicas para o direcionamento de investimentos e provimento de melhor qualidade de vida, respectivamente.

Um aspecto que vale levantar diante do direcionamento desses investimentos são as contribuições, quase que irrigórias, para o ambiente construído da cidade, naquele determinado momento. Para Fonseca et al. (2017, p. 532), o retorno desses eventos “requerem um maior planejamento diante dos engarrafamentos causados e depredações nos lugares que são realizados”, salientando a importância, mais uma vez, das políticas públicas e gestão urbana, diante da grandiosidades que essas manifestações temporárias interferem no espaço.

A realização dos eventos de corrida de rua em locais fechados ou espaços públicos reservados, ainda que em pouca quantidade na cidade, possibilita outros questionamentos relacionados à democratização do lazer, visto que impede a participação de todos os indivíduos e corroboram com o mercado consumista do marketing esportivo. A influência do marketing esportivo através das exposições e tendas das empresas em todos os eventos de corrida de rua nos permite perceber que existe um mercado crescente neste aspecto e que os valores capitalistas, com seu

inerente consumo, estão enraizados até mesmo nos espaços públicos e nas atividades de lazer, que se dá de acordo com a corrida de rua, considerada uma atividade esportiva com alta capacidade democrática para a sociedade.

Através da instituição da taxa de inscrição para participação nos eventos de corrida de rua é possível constatar que nem todos os indivíduos e praticantes comuns da corrida podem participar oficialmente, fazendo com que a categoria dos corredores da “pipoca” seja cada vez mais notável nos eventos, permitindo a participação de uma maior parcela de corredores, mesmo sem o provimento dos produtos e artigos que a versão paga da corrida oferece.

Portanto é evidente que, mesmo se tratando de uma atividade de lazer nos espaços públicos da cidade, são muitos os aspectos de exclusão social presenciados nos eventos de corrida de rua. Aspectos esses que são ainda mais marcantes quando expressados e demarcados espacialmente através dos mapas nos quais é possível identificar a localização da maioria dos eventos de corrida de rua, que deixam à margem as zonas periféricas da cidade. A presente conformação do cenário desses eventos na cidade reafirma o valor de expressão que uma prática cotidiana tem para com as transformações contemporâneas e também revela a realidade das desigualdades territoriais.

Por essa razão, o Estado e os agentes organizadores desses eventos de corrida devem contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas que favoreçam às regiões menos favorecidas da cidade, principalmente às zonas mais carentes de eventos desse porte, a fim de incentivar práticas legais e valorizar as atividades lazer e esporte para fomentar melhorias na saúde pública ao mesmo tempo em que fomentam as socializações, a integração, a cooperação, a solidariedade e várias outras características que são provenientes da prática da corrida de rua.

A realização de programas municipais, que incentivam e orientam os praticantes de corrida de rua em todas as zonas da cidade de Juiz de Fora, colaboram para o provimento de maior qualidade de vida e minimização das lesões ocasionadas, que é tão comum entre os corredores, bem como uma maior diversidade entre os participantes dos eventos de corrida de rua. Essas ações revelam o lazer encarnado na cidade, característica essencial para mais sociabilidade, encontro e urbanidade na cidade, segundo a compreensão dos pensamentos de Rolnik (2000).

Essas análises espaciais e sociais permitem a projeção de possíveis caminhos nos quais a cidade, na forma de planejamento territorial ou mesmo políticas públicas, deve se lançar para uma melhor qualidade de vida e construção de paisagens

que se integrem com as práticas cotidianas que são fundamentais no que tange ao direito social do cidadão. Segue abaixo (figura 32) uma síntese das análises espaciais e sociais das corridas observadas e investigadas, que condensam as informações e dados levantados, respectivamente.

Figura 32 - Síntese das análises espaciais e sociais das corridas analisadas.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação buscou colher e levantar informações sobre os aspectos do lazer contemporâneo, bem como analisar as dinâmicas que interferem espacialmente e socialmente a cidade através do uso cotidiano com os eventos de corrida de rua na cidade de Juiz de Fora. Essas análises socioespaciais revelam o entendimento sobre a importância do lazer para a vitalidade cotidiana, que são adquiridas a partir da percepção entre a interlocução que as atividades e os usos têm sobre os espaços urbanos.

A partir das transformações que o lazer vivenciou ao longo dos anos é possível traduzir aspectos e questões pertinentes nas mudanças que as cidades sofreram tanto internacionalmente quanto nacionalmente. O lazer passou pelas vontades exteriorizadas dos desejos da religião para a relação do trabalho com o tempo livre dos cidadãos através da industrialização, que intensifica o desenvolvimento da própria noção de lazer que conhecemos atualmente. Com o surgimento da evolução técnico científica, e, mais recentemente, a globalização, é possível afirmar que o lazer, hoje, possui características que vão além dos desejos do indivíduo e se configuram através das mídias e tecnologias da informação.

Essa transfiguração do lazer como um elemento da cultura de uma sociedade alienada pelo capital condiciona seus desejos e tempo livre por meio das motivações impressas pelos meios de comunicação de massa, que refletem a crescente variedade de espaços, tribos e modalidades dos esportes presentes nas cidades. E esse crescimento é também perceptível no surgimento da corrida de rua como a prática esportiva mais democrática vista nas cidades.

As manifestações desse crescimento da prática da corrida de rua no espaço urbano representam, de certa maneira, os aspectos e os meios de viver na contemporaneidade, que tem inicio na década de 1970 com o *running boom*, e logo após com o segundo *running boom*, no qual caracteriza a corrida nos dias de hoje, que está consolidada na cultura e no espaço esportivo. Como uma prática cotidiana, a corrida de rua, se configura como um fenômeno sócio-cultural, em que apresenta uma diversidade de modalidades, categorias, tematizações de eventos, nos quais o ciberespaço dissemina ainda mais.

Apesar das limitações da pesquisa a partir da investigação de uma amostragem pequena das corridas de rua na cidade de Juiz de Fora, é possível perceber que esses lugares são reproduções das demais corridas realizadas na cidade,

já que a grande maioria acontece nesses locais analisados, e nos permite compreender uma pequena diversificação territorial dos espaços dos eventos de corrida de rua, que se conformam na: Av. Barão do Rio Branco (70º Corrida da Fogueira); Av. Garcia Rodrigues Paes/ Acesso Norte (2ª Corrida Correndo das Drogas) e UFJF (1ª Corrida e Caminhada Faefid).

Sobre as análises obtidas, constata-se que as configurações espaciais dos eventos de corrida de rua possuem pontos positivos e negativos que interferem na prática dos corredores e, principalmente, nas escolhas dos lugares para a realização desses eventos, confirmando a vocação que o ambiente construído tem em relação às dinâmicas espaciais e sociais da corrida.

A 70º Corrida da Fogueira é um evento de grande simbolismo no imaginário dos cidadãos juizforanos, visto que é a corrida mais antiga da cidade. Segundo suas configurações espaciais identifica-se um grande fluxo de automóveis em todo o seu trajeto, pois é caracterizada por um percurso viário, em que apresenta condições inadequadas para os corredores como barulho e ar poluído, bem como a pouca presença de vegetação e uma tendência forte para o caráter festivo do evento, por ser realizada no período noturno. A 2ª Corrida Correndo das Drogas apresenta um trajeto com a presença forte tanto da vegetação quanto do Rio Paraibuna e por isso se configura como um percurso hidrológico, em que proporciona ar puro e pouco barulho dos automóveis para os participantes da corrida, mesmo sendo realizada em uma avenida importante da cidade. Já a 1ª Corrida e Caminhada Faefid se constitui em um percurso fechado, pois utiliza toda a infraestrutura da UFJF e permite aos corredores boas condições para a prática da atividade através do ar puro, com forte presença da vegetação e referência hidrológica com o lago da UFJF.

Sobre as análises sociais, é possível identificar as consequências geradas pelos eventos de corrida de rua, que estão relacionadas aos aspectos da política e, até mesmo, da sociabilidade. Reconhecida como uma atividade que proporciona o encontro, a ligação social e a participação mais que a competição, a corrida de rua permite benefícios à saúde quando orientada por profissionais específicos da área.

Mas a característica relevante que se sobrepõe nas análises são suas particularidades que favorecem o crescimento do marketing esportivo nos eventos, que são caracterizados pela “corrida fashion”. Essa dimensão verdadeiramente festiva da corrida concebe um papel fundamental para a promoção do território e das cidades. No entanto, devemos nos atentar aos conflitos territoriais e sociais que possam ser

gerados, a partir desse perfil de corrida, com as desigualdades entre os participantes e a distinção dos locais de realização desses eventos.

A constituição de políticas públicas, desta maneira, é de fundamental importância para o fomento da prática da corrida nos locais da cidade em que esses eventos de corrida de rua são inexistentes, da mesma maneira a promoção de programas que orientem os praticantes sobre a corrida, proporcionando melhor qualidade de vida e saúde pública. Além de destacar essa prática no território urbano como patrimônio cultural da paisagem que devem ser conservadas, como um importantíssimo instrumento para valorização das paisagens das cidades, que evidencia o modo de expressão, os significados e os símbolos no cotidiano da vida urbana, bem como as histórias culturais e valores emocionais.

Esses dados coletados nos permite entender os espaços urbanos da cidade e suas funcionalidades, em que é possível delinear novas infraestruturas e possibilidades para os eventos de corrida de rua, que podem influenciar na vivência dos espaços urbanos, visto que traduzem a paisagem urbana cotidiana e refletem uma experiência mais que esportiva, que vai além da prática em si e passa para a apropriação espacial e social com memórias afetivas, coletivas e individuais. A presença desses espaços urbanos estimula a construção de lugares com a verdadeira qualidade de vida e urbanidade, em que o lazer está encarnado na cidade.

A pesquisa sobre a corrida de rua, como forma de expressão do lazer esportivo e demais outros que existem nos espaços públicos das cidades, é indispensável para a compreensão das práticas diárias, da cultura popular e interação com o ambiente ao ar livre nessa contemporaneidade. Saber identificar essas dinâmicas, as diferenças sociais, as localidades, as motivações, as potencialidades do ambiente construído para os usuários e demais questões postas, gera um arcabouço de futuras investigações interdisciplinares, que tentam captar o território urbano a partir da sua realidade cotidiana.

Os estudos feitos aqui indicam possíveis desdobramentos que a pesquisa pode ser aprofundada através de vários outros campos científicos, que estão atrelados às investigações: das políticas de promoção e orientação à saúde dos praticantes de corrida de rua; das desigualdades nas periferias das cidades em relação a realização dos eventos de corrida de rua nas zonas prioritárias do marketing esportivo; das sociabilidades e dos encontros proporcionados pelos eventos de corrida de rua; do ciberespaço como interferência na prática da corrida de rua e do desenvolvimento do

marketing esportivo na corrida de rua e seus aspectos positivos e negativos para a cidade.

Por fim, considera-se que a pesquisa relatada contribui para o campo da arquitetura e urbanismo, tanto com sua metodologia quanto com o objeto estudado, visto que analisa um uso cotidiano que tem implicações espaciais e manifestações sociais, que produzem um entendimento das paisagens da cidade. Espera-se, com a pesquisa, contribuir para a investigação de outros usos cotidianos relacionados com o ambiente construído, bem como o desenvolvimento do campo da geografia dos esportes a as questões pertinentes sobre a espacialidade da corrida de rua e suas consequências sociais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine; GUTIERREZ, Gustavo Luis. O lazer no Brasil: do nacional-desenvolvimentismo à globalização. **Revista Conexões**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 36-57, 2005.

AMARAL, Silvia Cristina Franco. Políticas Públicas. In: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 181-185.

ASCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

AUGUSTIN, Jean P. La diversification territoriale des activités sportives. **L'Année sociologique**, vol. 52, p. 417-435, 2002. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-l-annee-sociologique-2002-2-page-417.htm>>. Acesso em: 03 set. 2017.

_____. Les territoires incertains du sport. **Cahiers de géographie du Québec**, vol. 41, n. 114, p. 405-411, 1997. Disponível em: <<https://www.erudit.org/fr/revues/cgq/1997-v41-n114-cgq2686/022679ar/>>. Acesso em: 03 set. 2017.

BALBINOTTI, Marcos A. A.; GONÇALVES, Gabriel H. T.; KLERING, Roberto T.; WIETHAEUPER, Daniela; BALBINOTTI, Carlos A. A. Perfis motivacionais de corredores de rua com diferentes tempos de prática. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 37, n.1, p. 65-73, 2015. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/pt/perfis-motivacionais-corredores-rua-com/articulo/S010132891500013X/>>. Acesso em: 03 set. 2017.

BASTOS, Flávia da Cunha; PEDRO, Mário Antônio Dawid; PALHARES, Juliana Meirelles. Corrida de rua: Análise da produção científica em universidades paulistas. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, v. 17, n. 2, p. 76-86, 2009.

BLIN, Éric. Sport et événement festif. La ville à l'heure des marathons et des semimarathons. **Annales de géographie**, n. 685, p. 266-286, 2012. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-annales-de-geographie-2012-3-page-266.htm>>. Acesso em: 03 set. 2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

BURKOWSKI, Alice Almerita Machado; ZACARIAS, Lídia dos Santos. Revisitando o lazer em Juiz de Fora. In: CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da; MARTIN, Edna Ribeiro Hernandez; ZACARIAS, Lídia dos Santos (Org.). **Educação física: narrativas e memórias em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2003.

CALLÈDE, Jean P. Augustin Jean-Pierre, 2007: géographie du sport. Spatialités contemporaines et mondialisation. **Revue de géographie de Bordeaux**, Paris, Armand Colin (collection U - Géographie), n. 250, abr-jun, p. 293-295, 2010.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. Editora: G. Gili, São Paulo, 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

CBAT - CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. O Atletismo. Disponível em: <<http://www.cbat.org.br/atletismo>> Acesso em: 20 abr. 2017.

CHAUDOIR, Philippe. La ville événementielle : temps de l'éphémère et espace festif. **Géocarrefour**, vol. 82/3, 2007. Disponível em: <<http://geocarrefour.revues.org/2301>>. Acesso em: 03 set. 2017.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. **A “Europa dos pobres”**: Juiz de Fora na Belle-Époque mineira. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 1994.

COLCHETE FILHO, Antonio.; ZAMBRANO, Letícia. M. A.; FONSECA, Fabio. L.; CARDOSO, Carina. F. A caminhada na cidade: análise dos atributos físico-sociais do espaço urbano. In: NOVO, Jose Marques Junior. **Atividade física e fatores relacionados**: uma abordagem multiprofissional. 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2014.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA MODERNA. **Carta de Atenas**. Atenas: IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1933. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2017.

CORPORE. Estatísticas. Corpore, 2014. Disponível em: <http://www.corpore.org.br/cor_corpore_estatisticas.asp>. Acesso em: 20 abr. 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2004.

COSTA, Filipe Campelo Xavier da; SCALETSKY, Celso Carnos; FISCHER, Gustavo Daudt. Consumption experience in running: how design influences this phenomenon. In: DESIGN RESEARCH SOCIETY, 2010, Montréal: Université de Montréal, 2010. p. 320-329.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira. Práticas corporais em Juiz de Fora (1876-1915). **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 3 (66), p. 51-65, set./dez. 2011.

DALLARI, Martha Maria. **Corrida de rua**: um fenômeno sociocultural contemporâneo. 2009. 129 f. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2009.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FONSECA, Karliane. M.; TAVARES, Marcelo. R.; COSTA, Lucia. M. S. A.; COLCHETE FILHO, Antonio. City and sport: landscape and public space in scene. **URBANISTICA INFORMAZIONI**, v. 272, p. 531-533, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, Christianne; PINTO, Leila M. S. M. O lazer no Brasil: analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas. In: GOMES, Christianne; PINTO, Leila; ELIZALDE, Rodrigo (Org.). **Lazer na América latina / Tiempo Libre, Ócio y Recreación en Latinoamérica**. Belo Horizonte: UFMG, 2009. p. 39-76.

GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 191-196.

_____. Lazer: concepções. In: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 119-126.

_____. Lazer: ocorrência histórica. In: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 133-141.

GOMES, Maria. **Divulgação da ciência do esporte**: o caso especializado da mídia de corrida de rua. 2012. 162 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural)–Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

GUIMARÃES, Euclides; MARTINS, Vera Lúcia Alves Batista. Qualidade de vida. In: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 191-196.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HERSTEIN, R.; BEGER, R. Hosting the Olympics: a City's Make or Break Impression. **Journal of Business Strategy**, v. 34, n. 5, p. 54-59. 2013.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **População estimada, 2016**. [online] Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/7PF>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

ISHIDA, Jaqueline de C.; TURI, Bruna C.; SILVA, Márcio P.; AMARAL, Sandra L. Presença de fatores de risco de doenças cardiovasculares e de lesões em praticantes de corrida de rua. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, jan-mar, 27(1), p. 55-65. 2013.

JUIZ DE FORA (Município). Lei nº 11.197 de 03 de agosto de 2006. Institui o Código de Posturas no Município de Juiz de Fora e dá outras providências. Câmara Municipal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006. Disponível em: <http://www.jflegis.pjf.mg.gov.br/c_norma.php?chave=0000027198>. Acesso em: 29 abr. 2017.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAZER. In: DICIONÁRIO do Aurélio. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/lazer>>. Acesso em: 26 de mar. 2017.

LE BERRE, Maryvonne. Territoires. In: BAILLY, Antoine ; FERRAS, Robert ; PUMAIN, Denise. **Encyclopédie de la géographie**. Paris, Économica, 1994.

MAIA, João Luís de Araújo; FREITAS, Ricardo Ferreira Freitas. Globalização. In: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 104-107.

MAIORAL, Rafael Franzoni. **Identificação e avaliação dos atributos que influenciam a decisão de participação em eventos de corrida pedestre no Brasil**. 2014. 328 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Administração)– Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Administração, Florianópolis, 2014.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

MASCARENHAS, Fernando. O pedaço sitiado: cidade, cultura e lazer em tempos de globalização. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 121-143, maio. 2003.

MASCARENHAS, Gilmar. A geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Revista Conexões**, Campinas, v. 1, n. 2 p. 47-61, dez. 1999.

MASSARELLA, Fábio Luiz; WINTERSTEIN, Pedro José. A motivação intrínseca e o estado mental *flow* em corredores de rua. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 2. 2009.

MEHROTRA, Rahul; VERA, Felipe. Reversibility Desmontando la mega-ciudad efímera más grande del mundo Disassembling the biggest ephemeral mega city. **Revista ARQ**, Santiago, n. 90, p. 15-25, ago. 2015.

MELO, Victor Andrade. Esporte. In: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 80-84.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano:** exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora: Funalfa, 2008.

OLIVEIRA, Janete da Silva; FREITAS, Ricardo Ferreira. Consumo. In: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 48-51.

OLIVEIRA, Paulino de. **História de Juiz de Fora.** Juiz de Fora: Companhia Dias Cardozo, 1966.

OLIVEIRA, Saulo N. **Lazer sério e envelhecimento:** loucos por corrida. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

ONYWERA, Vincent; SCOTT, Robert; BOIT, Michael; PITSLADIS, Yannis. Demographic characteristics of elite Kenyan endurance runners. **Journal of Sports Sciences**, v. 24, p. 415-422, 2006.

OSSE, José Sergio. A corrida dos lucros. 2009. Disponível em: <http://www.corpore.org.br/cws_exibeconteudogeral_2933.asp>. Acesso em: 25 abr. 2017.

PELLEGRIN, Ana. Espaço de Lazer. In: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 73-75.

PEREIRA, José Augusto Rodrigues; CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. Festas e competição nas ruas de Juiz de Fora: a história da Corrida da Fogueira. In: CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da; MARTIN, Edna Ribeiro Hernandez; ZACARIAS, Lídia dos Santos (Org.). **Educação física:** narrativas e memórias em Juiz de Fora. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2003.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://migre.me/eqVxf>>. Acesso em: 24 de nov. 2016.

RANKING. Relatório final. 26º Ranking Prefeitura de Juiz de Fora de Corridas de Rua, 2012. Disponível em: <<https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/anexo/Relatorio%20Final%20Ranking.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

_____. Regulamento geral. 31º Ranking Prefeitura de Juiz de Fora de Corridas de Rua, 2017. Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/sel/corridas/ranking_pjf/arquivos/regulamento_geral_2017.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2017.

REHAIL, Tayeb. Sports de rue et pouvoirs sportifs, conflits et changements dans l'espace local. Vieille Marchiset Gilles. **Insaniyat**, n. 34, p. 177-178, 2006. Disponível em: <<http://insaniyat.revues.org/10117>>. Acesso em: 03 set. 2017.

REILING, Mart; DOLDERS, Thijs. **Running Amsterdam**: designing a runner friendly city. 2015. 140 f. Dissertação (Master Landscape Architecture & Spatial Planning)– Wageningen University, Wageningen, Países Baixos, 2015.

REQUIXA, Renato. **O lazer no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

ROCCO JÚNIOR, Ary José. **O Gol por um clique**: uma incursão ao universo da cultura do torcedor de futebol no ciberespaço. 2006. 281 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica)– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

ROJO, Jeferson Roberto. Corridas de rua, sua história e transformações. In: CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIA DO ESPORTE, 7., 2014, Matinhos. **Anais...** Paraná: Secretarias do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), 2014.

_____. **Corrida de rua e política pública**: um estudo a partir das ações do poder público municipal de Curitiba-PR. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

ROLNIK, Raquel. O lazer humaniza o espaço urbano. In: SESC SP. (Org.). **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000.

RUNNING USA. Statistics 2017. Disponível em: <<http://www.runningusa.org/statistics>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

SALGADO, José Vítor Vieira; CHACON-MIKAHIL, Mara Patrícia Traina. Corrida de rua: análise do crescimento do número de provas e de praticantes. **Revista Conexões**, Campinas, v.4, n.1, p. 100-109, 2006.

SÃO SILVESTRE, Corrida Internacional - Fundação Cásper Líbero, 2017. Disponível em: <<http://www.saosilvestre.com.br/>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

SILVA, Adriana Moura; HALPERN, Eduardo Espíndola. (2013). O valor de ligação da corrida de rua na união de indivíduos em tribos contemporâneas: um estudo etnográfico. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO – ANPAD, 37, 2013, Rio de Janeiro. 2013.

TORRES, Yuri Queiroz Abreu. **Cadarços urbanos**. 2016. 239 f. Tese (Doutorado em Urbanismo)–Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

TRANCHITELLA, M. **O Gerenciamento de riscos em eventos esportivos:** um estudo com corridas de rua. 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto) Especialização em Gestão Desportiva, Universidade do Porto, Porto, 2013.

VALENTE, Edison Francisco. **Perspectivas históricas do movimento Esporte para Todos no Brasil.** 1993. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

VARELLA, Dráuzio. **Correr:** o exercício, a cidade e o desafio da maratona. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

VELOSO, Rita. **Gestor de eventos:** Um estudo de caso com dois gestores de sucesso em Portugal. 2007. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto)–Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2007.

WASER, Anne Marie. Du stade à la ville: réinvention de la course à pied. **Les Annales de la recherche urbaine**, n. 79, set. 58-68, 1998. Disponível em: <<http://www.annalesdelarechercheurbaine.fr/du-stade-a-la-ville-reinvention-de-la-course-a-a314.html>>. Acesso em: 07 set. 2017.

WILBER, Randall; PITSLADIS, Yannis. Kenyan and Ethiopian distance runners: what makes them so good? **International Journal of Sports Physiology and Performance**, v. 7, p. 92-102, 2012.

ANEXO A - Categorias espaciais que influenciam o comportamento dos corredores.

Categories

A list of possible spatial requirements that influence our running behaviour was developed, mainly based on aspect/ requirements that were before mentioned in other running-related research. They have often been touched on already in the introduction of the spatial data analysis, or relate to outcomes of these.

The requirements were divided into six categories: scene, nuisance, guidance, surface, safety, conditions. These categories will be described first, to explain in what context the requirements were mentioned. The surveys were conducted in order to (1) order these requirements in importance and (2) verify whether we overlooked certain spatial requirements and (3) spatially locate these or other requirements.

Scene



Nuisance



Surface



Safety



Conditions



guidance



Fonte: Reiling e Dolders (2015, p. 64).

APÊNDICE A - Formulário 1.



Pesquisa LAZER E CIDADE: a corrida de rua em Juiz de Fora – MG Questionário Configurações da corrida

(Compreende as características que diz respeito ao evento em si, como forma de tentar entender a magnitude do evento e sua relação com o usuário).

Corrida _____ **Data** _____

Largada _____ **Horário:** _____

1. DISTÂNCIAS PERCORRIDAS:

5km () 7km () 10km () 21km ()

Outras:

Ventos: velocidade () direção ()

Temperatura: _____

4. PONTOS DE DISTRIBUIÇÃO (QUANTIDADE):

Água () Banheiros ()

Posto médicos/ ambulância ()

Obs: _____

5. SINALIZAÇÃO:

Volta () placas () cones () Letreiro do tempo ()

Outras:

2. MODALIDADES (PÚBLICO ALVO):

Criança () Feminino () Masculino ()

PCD () Idoso ()

Obs: _____

3. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS:

Período: diurno () noturno ()

Tempo: sol () nublado () chuva ()

6. OBSERVAÇÕES GERAIS

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

APÊNDICE B - Formulário 2.



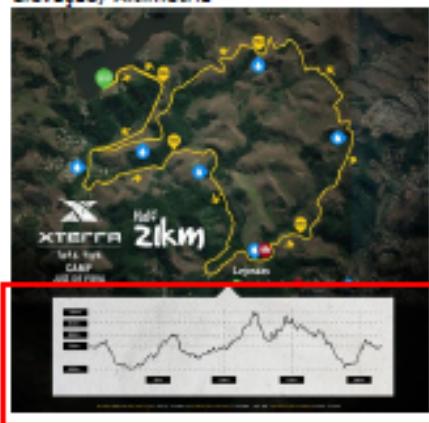
**Pesquisa
LAZER E CIDADE: a corrida de rua em Juiz de Fora – MG
Questionário
Configurações do percurso**

(Retrata as características físicas do percurso(s) da corrida, revelando sua relação com a paisagem e a cidade).

Corrida _____ **Data** _____
Largada _____ **Horário:** _____

1. TOPOGRAFIA:

Inclinações: máximas () mínimas ()
Elevação/ Altimetria



Obs: _____

Árvores de médio porte ()

Árvores de grande porte ()

Gramas () Densa () Rarefeita ()

Obs: _____

3. PRESENÇA DE ÁGUA:

Rio () Lago ()

Outros: _____

4. INFRAESTRUTURA:

Calçada: regular () irregular ()

Pista: asfaltada () buracos () terra ()

Obs: _____

Canteiros () grades () muros ()

Obs: _____

2. PRESENÇA DE VEGETAÇÃO:

Árvores de pequeno porte ()

5. OBSERVAÇÕES GERAIS

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

APÊNDICE C - Formulário 3.



Pesquisa LAZER E CIDADE: a corrida de rua em Juiz de Fora – MG

Questionário

Configurações do entorno

(Sobre uma escala mais ampla, apresenta as características nas adjacências da corrida, evidenciando a influência que o evento tem sobre a gestão e planejamento dos espaços públicos da cidade).

Corrida _____ Data _____

Largada _____ Horário: _____

1. TRÁFEGO (FLUXOS VIÁRIOS):

Intenso () médio () pequeno ()

Avenidas/ruas: _____



OLIVEIRA (p.98, 2016)

2. EDIFICAÇÕES:

Comércio e serviços () Residência ()

Equipamentos públicos () Áreas verdes ()

Terrenos vazios ()



TORRES (p.182, 2016)

Obs: _____

3. ACESSIBILIDADE (S/N):

Pontos de táxis ()

Pontos de ônibus ()

Estacionamento ()

Obs: _____

4. OBSERVAÇÕES GERAIS

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

APÊNDICE D - Quadro de resumo dos autores relevantes sobre o tema 1.**Lazer e Sociologia**

Autor	Título	Ano	Formato
DUMAZEDIER	Sociologia Empírica do Lazer	1979	Livro
GOMES	Dicionário Crítico do Lazer	2004	Livro
MARCELINO	Estudos do lazer: uma introdução	2006	Livro

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

APÊNDICE E - Quadro de resumo dos autores relevantes sobre o tema 2.

Lazer no Brasil

Autor	Título	Ano	Formato
ALMEIDA; GUTIERREZ	O Lazer no Brasil: do nacional-desenvolvimentismo à globalização	2005	Artigo
GOMES	Dicionário Crítico do Lazer	2004	Livro
GOMES; PINTO	O lazer no Brasil: analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas	2009	Artigo
REQUIXA	O lazer no Brasil	1977	Livro

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

APÊNDICE F - Quadro de resumo dos autores relevantes sobre o tema 3.

Lazer e Cidade

Autor	Título	Ano	Formato
LIMA	Espaços Públicos de Lazer na Cidade Contemporânea	2007	Artigo
MARCELINO; BARBOSA; MARIANO	As Cidades e o Acesso aos Espaços e Equipamentos de Lazer	2006	Artigo
PINTO	Lazer, Espaço e Lugares	2006	Artigo
ROLNIK	O Lazer Humaniza o Espaço Urbano	2000	Artigo
SANTOS; MANOLESCU	A Importância do Espaço para o Lazer em uma Cidade	2006	Artigo
TORRES; COSTA	Lazer na Cidade: uma proposta de humanização do espaço urbano	2010	Artigo

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

APÊNDICE G - Quadro de resumo dos autores relevantes sobre o tema 4.

Lazer e Política

Autor	Título	Ano	Formato
CLEMENTE; STOPPA	Políticas de Lazer dos Órgãos Públicos de Turismo: reflexões sobre uma vivência turística para o morados em sua cidade	2015	Artigo
MARCELINO; SAMPAIO; CAPI; SILVA	Políticas Públicas de Lazer: formação e desenvolvimento de pessoal, os casos de Campinas e Piracicaba-SP	2007	Livro
REIS; STAREPRAVO	Políticas Públicas para o Lazer: pontos de vistas de alguns teóricos do lazer no Brasil	2008	Artigo
RODRIGUES; BRAMANTE	O Espaço na Construção de uma Política de lazer: estudando Sorocaba/SP	2003	Artigo
WLRA - World Leisure and Recreation Association	Carta Internacional de Educação para o Lazer	1993	Carta

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

APÊNDICE H - Quadro de resumo dos autores relevantes sobre o tema 5.

Lazer e Marketing/Eventos Esportivos

Autor	Título	Ano	Formato
GOMES; STOPPA; ISAYAMA	Lazer e Mercado	2001	Livro
PEREIRA	Eventos Esportivos e sua Influência no Contexto Social	2009	TCC
PRONI	Marketing e Organização Esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo	1998	Artigo
RUBIO	Megaeventos Esportivos Legado e Responsabilidade Social	2007	Livro
TAVARES	Megaeventos Esportivos	2011	Artigo
TRANCITELLA	O Gerenciamento de Riscos em Eventos Esportivos: um estudo com corridas de rua	2013	Dissertação

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.